

SÍKIRÙ SÁLÁMÌ
(KING)

A MITOLOGIA DOS ORIXÁS AFRICANOS

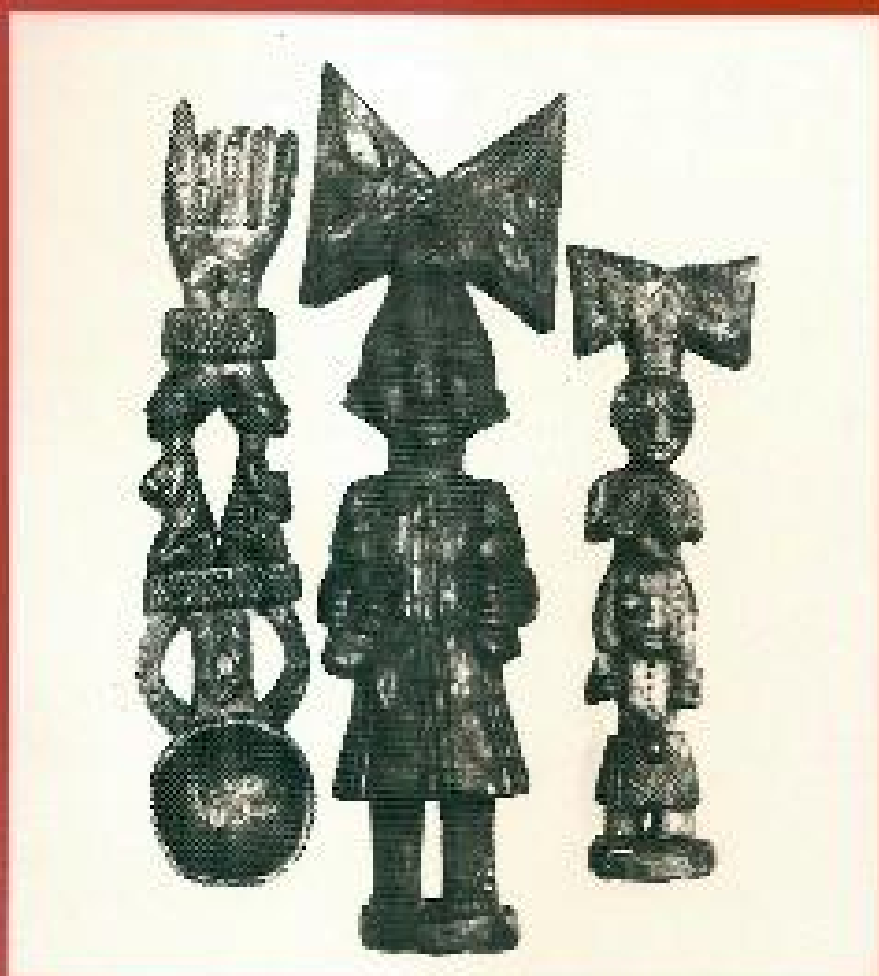
Volume 1

ŞÀNGÓ
[XANGÓ]

QYA
[IANSÁ]

QŞUN
[OXUM]

QBÁ
[OBÁ]



*COLETÂNEA DE ÂDURÁ (REZAS), IBÁ (SAUDAÇÕES),
ORÍR (EVOCAÇÕES) E ORIN (CANTIGAS) USADOS NOS
CULTOS AOS ORIXÁS NA ÁFRICA.
(EM IORUBÁ, COM TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS).*

Editora Oduduwa

SOBRE O AUTOR

Sikirù Sàlámi, Iorubá nascido em Abẹ̀okuta, Ogun State, na Nigéria e residente há oito anos no Brasil, pertence à linhagem Kenta e dedica a maior parte de seu tempo à pesquisa, aos estudos e ao ensino de Língua, Cultura e Religião Tradicional Iorubá.

É pós-graduando de Ciências Sociais na Universidade de São Paulo e professor de Língua e Cultura Iorubá do curso promovido pelo Centro de Estudos Africanos/USP. Fundou o Centro Cultural Oduduwa, onde ministra cursos sobre a Cultura Iorubá, particularmente, sobre os Cultos aos Orixás e aos Ancestrais e sobre Adivinhação, Ebó, Encantamentos e Magia.

ISBN: 85-85336-02-1

SIKIRÙ SÁLAMI (KING) • A MITOLOGIA DOS ORIXÁS AFRICANOS • Editora Oduduwa

SIKIRÙ SÁLAMI
(KING)

A MITOLOGIA DOS ORIXÁS AFRICANOS

Volume I

SANGÓ OYA OSUN OBA
(XANGÔ) (IANSÁ) (OXUM) (IOBA)



COLLEÇÃO DE ADORA (REZAS), IBA (SAUDAÇÕES),
ORIN (EVOCACÕES) E ORIN (CANTIGAS) USADOS NOS
CULTOS AOS ORIXÁS NA ÁFRICA.
(EM IORUBÁ, COM TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS)
Editora Oduduwa

SÍKÍRÙ SÀLÁMÌ
(KING)

A MITOLOGIA DOS ORIXÁS AFRICANOS
Vol. I

ŞANGÓ	XANGÔ
QYA	IANŠÁ
QŞUN	OXUM
QBÀ	OBÀ

REMETENTE : YURUBANA
CAIXA POSTAL 40095
20272 RIO DE JANEIRO RJ

COLETÂNEA DE ADURÀ (REZAS), IBÁ (SAUDAÇÕES),
ORIKI (EVOCAÇÕES) E ORIN (CANTIGAS) USADOS NOS
CULTOS AOS ORIXÁS NA ÁFRICA.
(EM IORUBÁ, COM TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS).



EDITORA ODUDUWA

Copyright © 1990 by Sâkiru Sâlâmi (King)

Todos os direitos para a língua portuguesa reservados pela Editora Oduduwa.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, guardada pelo sistema "retrieval" ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer outro meio, seja este eletrônico, mecânico, de fotocópia, de gravação ou outros, sem prévia autorização por parte da Editora.

Revisores

Iyakemi Ribeiro

Francisco José Penteado dos Santos

Dora Lerner

Ilustrações (a partir de imagens cedidas pelo autor)
O. Braz de Lima

Foto capa
Célia Sato

Diagramação e composição
Leonardo van Halsema
Iyakemi Ribeiro

Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sâlâmi, Sâkiru.

A mitologia dos orixás africanos... / Sâkiru Sâlâmi
(King). -- São Paulo : Editora Oduduwa, 1990 -

Texto em iorubá com tradução para o português.
Coletânea de *ádifirô* (rezas), *ihá* (santificações),
oríkô (evocações) e *orin* (cantigas) usados nos cultos
aos orixás na África.
Publicado v. 1.

1. Mitologia africana 2. Orixás I. Título

90-2226

CDD-299.6

Índices para catálogo sistemático:

1. Orixás : Culto e mitologia : Religiões de origem africana 299.6
2. Orixás : Mitologia e culto : Religiões de origem africana 299.6

ISBN: 85-85336-02-1

Aos meus filhos
Olukemi Adeola Ribeiro Sâlâmi e
Adeniyi Olawale Ribeiro Sâlâmi

Oríkô Olukemi ati Adeniyi

Işşkô qmô Alade
qmô olésù Qjà
Qmô Ayigidi
Qmô gbangba ni Ketu
Qmô Qbal
Qkô ni qmô Iládo!
Qmô asún bôqô q
Qmô a f'aja d'aná yan eja
Oloşì anyan,
Iò má sô pé kô sí l'gi ni Ilado
kini e má fi yan eja
Qmô afeja gbôqô n'ibu omi.

Işşkô, filho do coroado,
mantens um Exu na entrada da feira.
Tens origem nobre
e grande linhagem em Ketu.
Oh, filho do Rei!
Meu querido, filho de Ilado!
Nascestes em meio à Paz e à
Serenidade.
Filho que utiliza o peixe como lenha
para defumar peixes.
Só uma pessoa pobre de espírito
poderia dizer que não há lenha em
Ilado.
Se não houvesse lenha em Ilado,
o que se usaria para defumar peixes?
Tens por origem um peixe enorme das
profundezas das águas.

INDICE

Apresentação	9
Introdução	18
Ao leitor, axé! - Orin àxé - cantiga de axé	32
Capítulo I - Xangô na África	37
1. Xangô, orixá dos Raios e Trovões	
Vida e Mitos	37
2. A iniciação no culto a Xangô na África	59
3. Nomes em louvor a Xangô	66
4. Símbolos de Xangô	68
5. Cerimônia anual de Xangô. Festas	71
6. <i>Qxê Sângô</i> - Oferendas a Xangô	75
7. <i>Adirê, Ibê, Orôkê, Orin Sângô</i>	
Rezas, Saudações, Evocações e	
Cantigas de Xangô	77
<i>Adirê</i> (Rezas)	78
<i>Ibê</i> (Saudações)	81
<i>Orôkê</i> (Evocações)	85
<i>Orin</i> (Cantigas)	110
Capítulo II - Oya na África	135
1. Oya (Iansã), orixá dos Ventos e Tempestades	
Mitos	135
2. A iniciação no culto a Oya (Iansã) na África	139
3. Outro procedimento de iniciação no	
culto a Oya na África	143
4. Nomes em louvor a Oya (Iansã)	146
5. Símbolos de Oya (Iansã)	148
6. Cerimônia anual de Oya (Iansã). Festas	148
7. <i>Qxê Oya</i> - Oferendas a Oya (Iansã)	150
8. <i>Adirê, Orôkê, Orin</i>	
Rezas, Evocações e Cantigas de Oya (Iansã)	152
<i>Adirê</i> (Rezas)	153

<i>Oríkí</i> (Evocações)	156
<i>Orin</i> (Cantigas)	174
Capítulo III - Oxum na África	192
1. Oxum, orixá das Águas e dos Metais Nobres orixá da Fertilidade e da Prosperidade	
Mitos	192
2. A iniciação no culto a Oxum na África	199
3. Nomes em louvor a Oxum	205
4. Símbolos de Oxum	206
5. Cerimônia anual de Oxum. Festas	207
6. <i>Ọ̀ṣẹ́ Ọ̀ṣun</i> - Oferendas a Oxum	213
7. <i>Adirá, Iḃá, Oríkí, Orin Ọ̀ṣun</i>	
Rezas, Saudações, Evocações e	
Cantigas de Oxum	214
<i>Adirá</i> (Rezas)	215
<i>Iḃá</i> (Saudações)	218
<i>Oríkí</i> (Evocações)	220
<i>Orin</i> (Cantigas)	230
Capítulo IV - Obá na África	255
1. Obá, orixá do Rio Obá	
Mitos	255
2. A iniciação no culto a Obá na África	257
3. Nomes em louvor a Obá	258
4. Cerimônia anual de Obá. Festas	259
5. <i>Ọ̀ṣẹ́ Obá</i> - Oferendas a Obá	260
6. <i>Adirá, Oríkí, Orin Obá</i>	
Reza, evocações e Cantiga de Obá	261
<i>Adirá</i> (Reza)	262
<i>Oríkí</i> (Evocações)	263
<i>Orin</i> (Cantigas)	264
Ao leitor, axé! - <i>Orin àṣẹ́</i> - Cantiga de axé	267
Glossário	271
Relatores Orais	297
Bibliografia Seleccionada e Sugestões para Leitura	299

APRESENTAÇÃO

Participando dos rituais de candomblé em São Paulo constatei, há alguns anos atrás, que as cantigas entoadas por nós, as rezas e louvações, enfim, todas as formas verbais de contato com os orixás, tinham por veículo um idioma que, se estranho por ocasião do ingresso no culto, tornava-se depois familiar, permanecendo sempre porém, como linguagem cifrada. O sentido das palavras fora se perdendo com o passar do tempo uma vez que a cadeia de transmissão oral no Brasil não conta com o suporte dado pelo contexto cultural e lingüístico, como ocorre na Nigéria.

Procurei aprender o idioma e nesse novo espaço - o de estudos de língua e cultura iorubá - encontrei um grande número de pessoas como eu, oriundas das casas de candomblé, todas sedentas de aprender bem e o mais rapidamente possível, a linguagem dos orixás. Muitos de nós estavam imbuídos do desejo sincero de realizar o mais pura e autenticamente possível o que se nos afigurava como nosso trabalho espiritual.

Aprender era desejado e necessário. Mas aprender com quem? Aprender onde? Seria possível encontrar esse tão desejado conhecimento em livros? Pertencendo à comunidade universitária, resolvi percorrer os longos corredores e permanecer nas salas das magníficas bibliotecas que, felizmente, temos em

São Paulo. A consulta aos livros evidenciou que o conhecimento útil à prática dos rituais e a uma compreensão mais profunda de seu sentido espiritual, não se encontrava ali. Alguns deles continham realmente, muitas informações úteis e esclarecedoras porém, mostrou-se bem pequeno o número de obras confiáveis porque, apesar da indiscutível boa intenção de seus autores, sua condição de "estrangeiros" lhes impunha limitações difíceis de superar.

Além disso, quando se trata de temas relativos à África, contamos com uma dificuldade adicional: a atitude colonialista que infelizmente ainda marca muitos de nós. O colonialismo intelectual evidencia-se fortemente na atitude frequentemente observada de privilegiar autores europeus e americanos em relação aos autores africanos. Como se ao homem africano coubesse desde sempre e para sempre o papel de estar dançando, cantando, cultuando, plantando, colhendo, estabelecendo relações sociais e assim por diante, sempre na condição de objeto de alto interesse científico de europeus e americanos, tidos por verdadeiros sujeitos do conhecimento. Como se fosse impossível ao homem africano realizar com seriedade o estudo e a reflexão sobre sua própria sociedade e sobre sua própria cultura, apesar das fortes evidências em contrário, tais como o grande número de publicações de autores africanos em todo o mundo, muitas com apoio da UNESCO. J. Ki-Zerbo, na Introdução da *História Geral da África*, diz: "Abatido por vários séculos de opressão, esse continente presenciou gerações de viajantes, de traficantes de escravos, de

exploradores, de missionários, de pró-cônsules, de sábios de todo tipo, que acabaram por fixar sua imagem no cenário da miséria, da barbárie, da irresponsabilidade e do caos. Essa imagem foi projetada e extrapolada ao infinito ao longo do tempo, passando a justificar tanto o presente quanto o futuro... É preciso reconstruir o cenário verdadeiro".

Eis as razões pelas quais estamos sujeitos a limitações de acesso ao conhecimento. Meu destino, particularmente, proporcionou-me a especial oportunidade de realizar viagens regulares à Nigéria, algumas das quais com o objetivo de trazer elementos para a elaboração de minha Tese de Doutorado, já apresentada e a de Livre-Docência, atualmente em processo de elaboração. Tais viagens me possibilitaram compreender porque minhas caminhadas e minha permanência em bibliotecas haviam sido tão pouco compensadoras: o conhecimento pretendido não estava guardado em livros e sim na memória de algumas pessoas da sociedade tradicional iorubá. Os guardiães do conhecimento retêm em suas memórias, retêm em si mesmos, como preciosas caixas, o tesouro dessa cultura repleta de princípios de sabedoria. J. Ki-Zerbo assinala que as três fontes de informações no continente africano são os documentos escritos, a arqueologia e a tradição oral, sendo esta um "verdadeiro museu vivo... A história falada constitui um fio de Ariadne muito frágil para reconstituir os corredores obscuros do labirinto do tempo. Seus guardiães são os velhos de cabelos brancos, voz cansada e memória um pouco obscura... Cada vez que um deles desaparece, é

uma fibra do fio de Ariadne que se rompe, é literalmente, um fragmento da paisagem que se torna subterrâneo." Daí, a necessidade de proceder à coleta e ao resgate da tradição oral e registrá-la. Para que um grande número de pessoas tenha acesso ao conhecimento. Tal tarefa exige esforço sobre-humano e enorme paciência. Entretanto, "essa laboriosa e enfadonha busca, sobrecarregada de exercícios penosos, certamente se revelará fecunda e rica em inspiração multiforme. Pois em algum lugar sob as cinzas mortas do passado existem sempre brasas impregnadas da luz da ressurreição."

Com a apresentação desse relato pretendi caminhar para o assinalamento de um dos contextos aos quais pertence este livro que temos em mãos: ao fazer um registro fiel de importantes elementos da tradição oral iorubá, cumpre dupla função. Traz aos leitores conhecimentos necessários às suas práticas e reflexões e, simultaneamente, integra um conjunto muito amplo de coleta e registro da tradição oral, que vem se realizando nos últimos anos na África, com o intuito de reconstruir a história, através do resgate de falas e fatos.

Vansina, escrevendo sobre "Tradição Oral e sua Metodologia", na obra *História Geral da África*, afirma que em todos os países africanos está se processando uma coleta de tradições orais e que estas têm comprovado seu valor insubstituível, sendo necessário, mais que nunca, proceder à sua publicação. E Hampate Bâ, na mesma obra, escrevendo sob o título "A Tradição Viva", enfatiza a importância da palavra

no contexto africano. Diz ele que, do mesmo modo que a fala divina animou as forças cósmicas que dormiam estáticas no homem, por ocasião de sua criação, assim pode a fala humana colocar em movimento forças que estão estáticas nas coisas. *"Nas canções rituais e nas fórmulas encantatórias, a fala é, portanto, a materialização da cadência. E se é considerada como tendo o poder de agir sobre os espíritos, é porque sua harmonia cria movimentos, movimentos que geram forças, forças que agem sobre os espíritos que são, por sua vez, as potências da ação..."* As palavras sagradas e encantatórias, transmitidas pela cadeia de ancestrais, palavras que podem remontar às primeiras vibrações sagradas emitidas pelo primeiro homem, são guardadas pelos mestres iniciados.

Este livro encontra, neste contexto, um lugar de grande relevância e, a meu ver, trata-se de obra necessária, há muito desejada pelos devotos dos orixás. Escrito com a intenção primeira de responder à necessidade e ao desejo dessas pessoas, pois, conforme diz o autor: *"A fé e o interesse dos brasileiros estão entre os principais motivos que me levaram a escrever uma série de livros a respeito dos orixás"*, será também do interesse de estudiosos ou apreciadores da cultura africana em geral e iorubá, em particular. Os belíssimos *ibã, ãdùrà, oríkì e orin* (rezas, saudações, evocações e cantigas), formas poéticas da tradição iorubá cumprem múltiplas funções: revelam os "segredos" dos orixás ao cantarem suas qualidades e seus feitos, instruem a respeito da forma correta de cultuá-los, trazem rico material para análises de

caráter histórico, antropológico, sociológico e psicológico e ainda, proporcionam deleite aos apreciadores de poesia. E, no relato dos mitos de orixás encontramos espelho para o auto-conhecimento. Como diz Rubem Alves, *"Leio o texto, ouço a estória: falam dos feitos antigos, acontecidos em terras distantes. Mas não ... Meu corpo reverbera, treme ... A estória é minha. É o meu destino que aparece contado nos intervalos dos feitos ... Em cada um mora um mito único que precisa ser aprendido ... mas há outros mitos de mares grandes e horizontes sem fim ... Estes mares nos falam de outras origens e de outros destinos. Como são pequenos os mistérios das baías e enseadas que se escondem em meu corpo e nome. Agora, mar aberto, 'muitas velas, muitos remos', muitos corpos numa odisséia comum. 'E quilha contra as ondas': a pequena canção-biografia se transforma em sinfonia cósmica em que entramos como parte de um coro de vozes infinitas, onde se fundem homens, mulheres, deuses, universos. Não estamos sozinhos. Meu destino não é só meu. Meus risos e dores não são confissões solitárias, mas parte de uma tapeçaria que se chama humanidade".* Sou Xangô e sou Oya, Oxum e Obá...

Circunstâncias me permitiram acompanhar vários momentos da coleta e elaboração do material que deu origem a esta obra. O pesquisador, que aqui faz sua estréia como autor, soube ter, como diz Hampate Bâ, *"o coração de uma pomba, a pele de um crocodilo e o estômago de um avestruz - o coração de uma pomba para nunca se zangar nem se inflamar; a pele de um crocodilo para conseguir se deitar em qualquer lugar,*

sobre qualquer coisa, sem fazer cerimônias e o estômago de um avestruz para conseguir comer de tudo sem adoecer ou enjoar". Iorubá entre iorubás, fez perguntas aos que sabem e os ouviu com ouvidos dóceis, pois como lembra Hampate Bâ, o ensino só pode se dar *"de boca perfumada a ouvido dócil e limpo"*.

Pertencendo à comunidade acadêmica, realizando estudos de Pós-Graduação em Ciências Sociais, o autor é ainda, cidadão da "Sábida Cidade". Compartilha com outros intelectuais o propósito de responder às demandas das numerosas instâncias que ultrapassam amplamente os limites dos "templos acadêmicos do saber" e pretende, com esta apresentação confiável de dados sobre mitos e práticas de cultos aos orixás, colaborar para minimizar as distorções criadas, mantidas ou ainda, ampliadas, no desenrolar do tempo.

O presente trabalho apresenta um relato puramente descritivo: o autor escreve sobre o que viu e ouviu, assumindo clara e conscientemente o papel de elo numa cadeia de comunicação. A importância desse elo, na cadeia africana de transmissão de conhecimentos, foi assinalada poucas linhas acima. Neste caso particular seu sentido amplia-se uma vez que a transmissão do conhecimento se faz de uma cultura para outra, de um idioma para outro. Como, entretanto, muitos elementos da tradição iorubá trazidos do passado perpetuam-se, sujeitos às inevitáveis perdas impostas por diversos fatores, poderíamos atribuir ainda, a este trabalho, outra

função: a de "resgate da fala", de "recuperação das origens". E esta tarefa possui, para além de seu significado social e religioso, um sentido espiritual maior.

Após situar o autor e sua obra em alguns contextos, resta pouco a dizer. Como Jacques Houart, penso que é muito importante considerar a escala das relações interpessoais e a escala das relações entre os povos, ao tecermos considerações sobre uma produção desta natureza. Podemos reconhecer aqui, um ponto de cruzamento: uma elaboração individual, realizada por uma subjetividade particular, com sua originalidade e dinamismo próprios é, simultaneamente, uma produção social. Através das qualidades particulares da subjetividade de um indivíduo - o autor - flui um conhecimento que tem sido necessário a um grupo. Ao autor coube a doce/penosa incumbência de realizar uma pequena tarefa de um grande trabalho. É ele servidor, trabalhando pelo resgate da autêntica fala de seu grupo, deste lado do oceano. Eu o vi aqui no Brasil e lá na Nigéria, consumindo seu próprio corpo na busca contínua, paciente, insistente, incansável de informações e da melhor forma de apresentá-las. Como uma vela, ardendo sob o forte calor do sol na Nigéria e ao calor ainda mais intenso do impulso de sua própria subjetividade, consumiu parte de si, transformando substâncias do próprio ser em luz.

Um autor é, muitas vezes, um emissário. Sikiru, enquanto emissário, cumpre sua tarefa, cujo impulso

mais profundo brota do desejo, que é o profundo desejo de todos nós, de trabalhar por uma sociedade mundial pacificada.

Iyakemi Ribeiro
Universidade de São Paulo

função: a de "resgate da fala", de "recuperação das origens". E esta tarefa possui, para além de seu significado social e religioso, um sentido espiritual maior.

Após situar o autor e sua obra em alguns contextos, resta pouco a dizer. Como Jacques Houart, penso que é muito importante considerar a escala das relações interpessoais e a escala das relações entre os povos, ao tecermos considerações sobre uma produção desta natureza. Podemos reconhecer aqui, um ponto de cruzamento: uma elaboração individual, realizada por uma subjetividade particular, com sua originalidade e dinamismo próprios é, simultaneamente, uma produção social. Através das qualidades particulares da subjetividade de um indivíduo - o autor - flui um conhecimento que tem sido necessário a um grupo. Ao autor coube a doce/penosa incumbência de realizar uma pequena tarefa de um grande trabalho. É ele servidor, trabalhando pelo resgate da autêntica fala de seu grupo, deste lado do oceano. Eu o vi aqui no Brasil e lá na Nigéria, consumindo seu próprio corpo na busca contínua, paciente, insistente, incansável de informações e da melhor forma de apresentá-las. Como uma vela, ardendo sob o forte calor do sol na Nigéria e ao calor ainda mais intenso do impulso de sua própria subjetividade, consumiu parte de si, transformando substâncias do próprio ser em luz.

Um autor é, muitas vezes, um emissário. Sikiru, enquanto emissário, cumpre sua tarefa, cujo impulso

mais profundo brota do desejo, que é o profundo desejo de todos nós, de trabalhar por uma sociedade mundial pacificada.

Iyakemi Ribeiro
Universidade de São Paulo

INTRODUÇÃO

Sou iorubá, nascido em Abẹokuta, capital do estado de Ogun, na Nigéria, África. Sou iniciado no culto de Ifá e de alguns outros orixás, entre os quais Xangô, Oxum e Obaluaíê. Minha família é bastante conhecida em Abẹokuta, pertencendo à conhecida linhagem Kenta e cultuamos os ancestrais (Egúngún). Digo isto para justificar minha fidelidade a este trabalho, pois não me considero apenas um pesquisador, mas também um agente de recuperação da cultura dos africanos iorubás que, tendo chegado a este país durante o período do tráfico de escravos, aqui introduziram elementos de sua cultura. É meu propósito ainda, contribuir para a ampliação dos conhecimentos relativos à cultura e à religião iorubá.

A fé e o interesse dos brasileiros estão entre os principais motivos que me levaram a escrever uma série de livros a respeito dos orixás. Pretendo, com este livro, apresentar parte de minha experiência pessoal no culto a essas divindades além dos dados obtidos numa longa pesquisa realizada na Nigéria, junto a babalaôs, babalorixás e ialorixás, pessoas notáveis e respeitáveis por seu conhecimento e inteira dedicação aos serviços sagrados. Nos últimos cinco anos (1985 a 1990) realizei várias viagens com o intuito de registrar dados significativos dos cultos aos orixás, particularmente

aqueles que possuem grande número de devotos no Brasil. Assim, recorrendo à tradição oral, a textos de autores iorubás e à minha própria experiência pessoal, discorro sobre mitos e lendas e apresento alguns *ibà* (saudações), *oríkì* (evocações), *àdùrà* (rezas) e *orin* (cantigas), cuja força e profundo significado revelam feitos e características dos orixás, e fornecem orientação para a conduta de seus cultuadores. Não é minha intenção realizar análises ou interpretações, nem tampouco, estudos comparativos. Pretendo apenas, conforme disse anteriormente, apresentar um relato descritivo dos dados que pude obter sobre a mitologia iorubá, esperando que eles possam ser úteis tanto aos devotos como aos estudiosos destas questões.

Os *ibà*, *oríkì*, *àdùrà* e *orin* aqui apresentados estão em iorubá legítimo, tradicional, exatamente na forma como são empregados no culto aos orixás na Nigéria. Estas formas da poética oral acham-se repletas de metáforas e símbolos. Sua linguagem é de difícil interpretação e constitui verdadeiro desafio ao tradutor trazê-las de modo compreensível às pessoas de língua portuguesa. A expressão *inu mi dun*, por exemplo, cuja tradução literal é "Estou com a barriga doce" deve ser entendida por "Estou feliz". Expressões como essa tornam extremamente difícil a tradução dos textos sagrados. Procurei lutar contra barreiras dessa natureza para permanecer fiel a meus objetivos.

Sendo a cultura iorubá de tradição essencialmente oral, a transmissão dos *ibà*, *oríkì*, *àdùrà* e *orin* feita pelas pessoas ligadas ao culto

difundem amplamente os conhecimentos relativos aos orixás e perpetuam sua existência. O mesmo não ocorre aqui no Brasil: a língua oficial não é o iorubá e é bem pequeno o número de pessoas que dominam esse idioma. Isto acarreta, inevitavelmente, sérios obstáculos, senão a impossibilidade de uma fiel transmissão oral de conhecimentos. Por isso considerei necessário apresentar por escrito o que aprendi nas visitas feitas às casas de culto da Nigéria, onde a tradição se mantém inteiramente preservada graças ao uso corrente da língua e graças à tradição oral. Os *ibà*, *oríkì*, *àdùrà* e *orin* aqui apresentados originam-se de fontes fidedignas e posso aconselhar, sem receio, que sejam adotados por aqueles que pretendem evocar os orixás. São amplamente usados na maioria das casas de culto que visitei e, salvo diferenças mínimas, há grande coerência em seu emprego, sem qualquer deturpação de sentido, uma vez que as pessoas que delas fazem uso conhecem o culto e falam o idioma. Devo ressaltar que a transmissão oral dessas formas poéticas vem ocorrendo há milênios.

Para os iorubás as palavras têm força. Assim, os *òfò* (palavras mágicas, encantamentos) e os *oríkì*, detêm, em si mesmos, uma força mágica. O *òfò* possui uma mensagem mágica e, ao ser recitado, ativa o poder dos preparados mágicos ou medicinais. O *oríkì*, por sua vez, serve para louvar o orixá bem como para facilitar o acesso ao auxílio que nos pode ser prestado por sua força. Os *àdùrà* (rezas) e *oríkì* (evocações) visam a obter as graças dos orixás e dirigem-se aos elementos por eles dominados. Através das rezas e

evocações pode-se fazer pedidos a um orixá, agradá-lo, aplacar sua ira ou pedir-lhe que dirija sua fúria contra inimigos.

Cada orixá domina determinado elemento, de modo que Xangô é senhor dos raios (*àrá*) e a ele se pede justiça, Oya é senhora dos ventos (*ijì*), Oxum é senhora das águas (*omi*). Assim, cada orixá governa um elemento através do qual pode expressar sua ira. Estando conciliado com determinado orixá, o indivíduo afastará a ocorrência de qualquer problema relativo ao elemento por ele dominado. Quando a ira de um orixá não é aplacada, ou ainda, se é dirigida contra alguém, surgem males caracteristicamente associados aos elementos por ele dominados. Por exemplo, a barriga d'água é associada à ira de Oxum: *Pon omi kun inu ota* - "Ela enche de água a barriga dos inimigos"; terríveis raios destrutivos lançados sobre alguém ou sobre alguma casa são associados à ira de Xangô; árvores tombadas na estrada ou ventanias arrasadoras são associadas à ira de Oya.

Os *orin* (cantigas) são formas mais brandas de louvação, empregadas nas festas e celebrações a um determinado orixá. O *orin* carrega parte da carga informativa do *oríkì* e representa um ponto intermediário entre a exortação dos poderes do orixá contidos no *àdùrà* e a musicalidade do *oríkì*.

Podemos através das formas poéticas aqui apresentadas, perceber o peso da transmissão oral do conhecimento iorubá. Algumas palavras e expressões

referentes a determinado orixá se repetem em praticamente todas as referências feitas a ele, em qualquer lugar que seja cultuado. Tais palavras constituem verdadeiras chaves para o entendimento dos orixás e facilitam a compreensão das lendas que os cercam, mesmo que esses relatos lendários possam parecer, por vezes, contraditórios.

Temos por exemplo, no caso de Xangô, expressões como: *Oba Kôso* - "O rei que não se enforcou"; *Ogiri êkun* - "Leopardo feroz"; *Alado* - "Aquele que racha o pilão"; *A sangiri* - "Aquele que racha paredes"; *Alagiri* - "Aquele que abre paredes"; *Alafin Oyo* - "Rei de Oyo".

Relativo a Oya vemos: *Oya oriri* - "O vendaval"; *Ti ndagi lokeloke* - "A que corta a copa das árvores"; *Oya arindà bôrá bí àgô* - "Oya vestida de fogo". Relativo a Oxum encontramos *A Fide Remo* - "A que enfeita seus filhos com braceletes de bronze"; *Yeye Qun* - "Graciosa mãe Oxum"; *O wa yanrin wa yanrin kowo sí* - "A que cava e cava a areia para esconder dinheiro". E, para Obá, temos: *O jowu obinrin* - "A mulher ciumenta"; *To t'ori owu kôla sí gbogbo àrà* - "A que por ciúme se cobriu de incisões ornamentais".

Pela especial importância dos oríkí no presente contexto, detemo-nos ainda sobre seu conceito: a palavra oríkí é composta por *ori* e *ki*. *Ki* significa "saudar" ou "louvar". Logo, *oríkí* significa "saudar ou louvar o *ori* ou a origem" (daquele a quem ele se refere).

A tradição iorubá atribui grande valor à recitação de um oríkí e sempre causa muita emoção à pessoa a quem ele está sendo dirigido. Possui conotação documental, relatando feitos e características do indivíduo, da família, da cidade ou do orixá a quem se refere.

Quando a referência é feita a um orixá, evoca seus feitos e acredita-se que esse chamado será infalivelmente ouvido. Receberá as oferendas e ouvirá os pedidos de quem o está evocando. Em geral, o oríkí de um orixá tem passagens em que suas bênçãos e ajuda são solicitadas, bem como as bênçãos e ajuda de outras entidades tais como elementos ou fenômenos naturais.

Alguns oríkí relatam ocorrências do nascimento individual. Os gêmeos, por exemplo, possuem um oríkí específico. A criança nascida logo após um parto de gêmeos também possui um oríkí associado a esse fato, ocorrendo o mesmo com a criança que nasce com o cordão umbilical à volta do pescoço ou nasce com apresentação dos pés (*igé*). Vejamos, como exemplo, o oríkí dessa última criança mencionada:

Oríkí da criança *igé*

Adabi
nascido com luta.

1

Igéládùbì ní b'ode bá ye ná
Igé, a criança que nasceu com muita luta.

Rondo bi gyin okanhan.
Redonda como um ovo.

Eni ti oba adubi n'ig.
Quem pede favor a adubi,

Ara n'ig lo be
só far pedir a si mesmo

Adubi ko ni jé, be ni ko ni ké.
Adubi não vai fazer, nem vai recusar,

Adubi to ni bi iyá lé ku, ko ká.
Adubi diz que se a mãe vai morrer, que morra.

Bi baba lé be, ko be
Se o pai quiser pular do alto, que pule.

Olun i'adubi o jé kó won
O que adubi precisar comer não lhe faltará.

Elegéde mbé f'oko.
Tem elegede (espécie de chuchu) na horta.

Gbóró adubi mbé f'ákúán.
Gbóró (espécie de melancia) de adubi, cresce em terreno baldio.

Esse oríkì nos mostra de que modo os iorubás vêem as crianças nascidas assim: como se fossem indiferentes ao fato da mãe ter corrido risco de vida.

Há oríkì dedicados a animais. O do javali assim o descreve:

Ahulédépa,
Animal que cava o chão,

Koko b'jú jé.
animal com olhos remelcados.

Há oríkì relativos a cidades, terras ou povos. Assim diz o referente à cidade de Abokuta:

Abokuta ilu Egbá
Abokuta, a cidade dos Egbá.

Ilu fi gbogbo ilé f'okuta
A cidade é cercada de pedras.

Okuta o won n'ig wa
A pedra é abundante em nossa terra.

Awa f'omọ Olumọ.
Nós somos filhos de Olumọ.

Abé Olumọ
Embaixo da pedra Olumọ,

Ibi a fi ori mọ sí.
onde nos escondemos (nas épocas de invasão).

Aravés desse oríkì obtemos alguns dados sobre a geografia da região (a cidade é cercada de pedras), outros sobre a história (serviu de esconderijo nas épocas de invasão) e ainda, informações sobre a proteção espiritual de Olumọ.

Finalmente chegamos aos oríkì referentes aos orixás. Cabe citarmos aqui, o admirável etnólogo Pierre Verger que desenvolveu uma pesquisa cuidadosa, cujo objetivo primordial foi o de apresentar o culto de orixá e vodun na Bahia e em suas fontes africanas. Nesse trabalho, publicado sob o título *Notes sur le Culte des Orisá et Vodun à Bahia, la Baie de Tous les Saints, au Brésil et à l'ancienne Côte des Esclaves en Afrique*, Verger descreveu algumas cerimônias e apresentou um grande número de oríkì de orixás. Remeto a esse texto o leitor interessado em ampliar e aprofundar seus estudos sobre o tema, uma vez que o cuidadoso trabalho de Verger e sua particular história de inserção no grupo iorubá, o coloca entre os autores dignos de crédito, alçado à condição de confiabilidade e fidedignidade que caracteriza autores iorubás, entre os quais podemos citar E.B. Idowu, Wande Abimbola, Ade Dapamu, J.O. Awolalu e Samuel Johnson.

Há vários modos de recitação de oríkì. As cantigas em homenagem a Ogum, por exemplo, denominam-se *ijala Odé* e são acompanhadas de danças, nas festas promovidas pelos caçadores que o consideram como seu patrono. A expressão oríkì Ogum refere-se aos oríkì recitativos usados em outras circunstâncias, especialmente em atos individuais de veneração.

Para diversos orixás pode-se usar tanto a denominação oríkì como *pipe* - "chamada": Oríkì *Şàngó* ou *Şàngó Pipe*; Oríkì *Eşu* ou *Eşu Pipe*; Oríkì *Oya* ou *Oya Pipe*. Para outros orixás, entretanto, usa-se

apenas a denominação oríkì: Oríkì *Yemoja*, Oríkì *Osun*, Oríkì *Obà*. Estes são, evidentemente, apenas alguns exemplos.

Para cada orixá há sempre lugares comuns que se repetem na maioria dos oríkì referentes a ele. Para Xangô, por exemplo, temos: *OluKôso* - "O rei que não se enforcou", e *Alado* - "Aquele que racha o pilão".

Uma pessoa recita o oríkì de determinado orixá para obter seus benefícios, evitar sua antipatia ou exortá-lo a lançar sua ira contra algum inimigo. Se tomarmos como exemplo Xangô, normalmente evocado em casos de injustiça, veremos que pede-se a ele "que solte raios na casa dos inimigos". Assim, uma pessoa que teve sua casa roubada poderá pedir a Xangô que a vingue, valendo o mesmo para aquele que foi vítima de falsidades, pois Xangô, segundo os mitos, detesta mentirosos. O mesmo se aplica a qualquer outro orixá citando-se como exemplo Oxum nas questões de fertilidade e Ogum nas aberturas de caminhos.

Concluimos que tanto quanto os sacrifícios, o uso dos oríkì é indispensável antes de qualquer pedido que se faça aos orixás. Para termos sua presença, quer haja sacrifício ou não, é necessária a recitação do oríkì que poderá, facilmente, conduzir à incorporação.

Enquanto pesquisador e iniciado no culto aos orixás, notei que havia grande preocupação entre as pessoas entrevistadas no momento de me ensinarem os oríkì. Por vezes, antes da recitação eram necessários

alguns sacrifícios para evitar possíveis efeitos maléficos sobre as pessoas presentes, como por exemplo nas recitações de *oríkì* de Obaluaíê. Seu nome chamado em momento impróprio pode provocar sua ira e decorrer disso uma manifestação de varíola. Pessoas iniciadas no culto a determinado orixá infalivelmente incorporam ao ouvir a recitação do *oríkì* desse orixá.

Outra forma de recitação, menos descritiva e mais poética que o *oríkì* é o *ewi*. É muito usado no culto aos Egúngún, sendo então denominado *Ewi Èṣà*.

Os *iyèrè Ifá*, usados pelos Babalaôs em cerimônias como batizados, casamentos e enterros, são constituídos por *odu* e *oríkì* próprios de Ifá.

O conhecimento das características e feitos dos orixás apresentados neste livro é oriundo, fundamentalmente, dos preciosos ensinamentos da antiga tradição iorubá preservados pela poética oral sob diversas formas: *iyèrè Ifá*, *orin*, *àdúrà*, *ewi*, *oríkì*, *ibà*. Entre essas modalidades ocupam lugar de relevância os *oríkì*.

Sendo a poética oral iorubá a forma por excelência de transmissão do conhecimento sobre os orixás e, considerada a relevância dos *oríkì* nesse contexto, por transmitirem informações sobre características, virtudes e fraquezas dos seres que constituem seus temas, os escolhemos como recurso fundamental para o conhecimento que desejamos

alcançar e compartilhar com os leitores: Quem são os orixás e como devemos proceder para bem cultuá-los?

Este livro traz ao leitor de língua portuguesa informações fidedignas sobre Xangô e suas esposas Qya(lansá), Oxum e Obá. A apresentação mais rica e completa de Xangô, Qya e Oxum, em relação a Obá, deve-se ao fato de ser significativamente menor o número de devotos e cultuadores desse orixá, atualmente, na Nigéria.

Tendo em vista as numerosas comparações e associações que possam vir a ser suscitadas, acredito que este livro será de grande utilidade a todas as pessoas que desejam conhecer os orixás do ponto de vista psicológico, sociológico e antropológico bem como àquelas que possuem uma aproximação efetiva com o tema, por razões religiosas ou devocionais.

Ire ol
São Paulo, junho de 1990

Observação

A importância da sonoridade das palavras, principalmente quando utilizadas com finalidade religiosa ou mágica, torna imprescindível a apresentação de algumas informações sobre o sistema fonológico iorubá. Trata-se de uma língua tonal, que faz uso de três tons simples e dois compostos. O acento agudo indica tom alto, o grave indica tom baixo e a ausência de acento indica tom médio. Estes são os tons simples. Os tons compostos são constituídos pela combinação de agudo/grave (tom alto-descendente) ou grave/agudo (tom médio-descendente), conforme podemos ver nos exemplos apresentados a seguir:

1. Tom alto: *bé - pular.*
2. Tom médio: *bẹ - ser intruso.*
3. Tom baixo: *bẹ - pedir desculpas.*
4. Tom alto-descendente: *tápà - grupo étnico nupe.*
5. Tom médio-descendente: *tápá - chutar.*

O alfabeto possui vinte e seis letras:

A B C D E F G G B H I J K L M N O Q P R S S T U W Y

cujas pronúncias são:

A Bì Dì E É Fì Gùí Gbhi Hì (aspirado) I Jì Kì Lì Mì
Nì O Ó Pì Rì (R brando) Sì Xì Tì U Wì Hì

Há sete vogais orais (não-nasais) e cinco vogais nasais. As orais são: a e ẹ i o ọ u. As nasais são: an ẹn in ọn un, cuja pronúncia é: òn, éin, in, ón, um.

Comparando o alfabeto iorubá com o português, vemos que não há no alfabeto iorubá as letras C Q V X Z.

Observamos ainda, a existência de letras grafadas com um acento embaixo: E ẹ, O ọ, S s. O acento determina alteração do som, sendo a pronúncia: E(é) ẹ(é) O(o) ọ(ó) S(s) s(ch).

Ao leitor, axé!

Orin Àse

Babalóriṣà: *A se, a se o,*
Ègbè: *A se fún ọ.*
Babalóriṣà: *Aṣe Èṣù yóò bá ọ gbé làyè.*
A se, a se o,
Ègbè: *A se fún ọ.*
Babalóriṣà: *Aṣe Ọṣun yóò bá ọ gbé làyè.*
Ègbè: *A se fún ọ.*
Babalóriṣà: *Aṣe Ọbàtálá Ọbàtárisà yóò bá ọ gbé làyè.*
A se, a se o,
Ègbè: *A se fún ọ.*
Babalóriṣà: *Aṣe Ọgún Alakaye ọṣin imọlẹ yóò bá ọ gbé làyè.*
A se, a se o,
Ègbè: *A se fún ọ.*
Babalóriṣà: *Aṣe Ifá yóò bá ọ gbé làyè.*
A se, a se o,
Ègbè: *A se fún ọ.*
Babalóriṣà: *Aṣe Yemoja yóò bá ọ gbé làyè.*
A se, a se o,
Ègbè: *A se fún ọ.*
Babalóriṣà: *Aṣe Ẹṣàngó yóò bá ọ gbé làyè.*
A se, a se o,
Ègbè: *A se fún ọ.*
Babalóriṣà: *Aṣe Ọya yóò bá ọ gbé làyè.*
A se, a se o,
Ègbè: *A se fún ọ.*
Babalóriṣà: *Aṣe Ọbà yóò bá ọ gbé làyè.*
A se, a se o,
Ègbè: *A se fún ọ.*

Babalóriṣà: *Aṣe Ọṣányin yóò bá ọ gbé làyè.*
A se, a se o,
Ègbè: *A se fún ọ.*
Babalóriṣà: *Aṣe Ọlogunṣe yóò bá ọ gbé làyè.*
A se, a se o,
Ègbè: *A se fún ọ.*
Babalóriṣà: *Aṣe Ọbaluwaye yóò bá ọ gbé làyè.*
A se, a se o,
Ègbè: *A se fún ọ.*
Babalóriṣà: *Aṣe Ọmọlu yóò bá ọ gbé làyè.*
A se, a se o,
Ègbè: *A se fún ọ.*
Babalóriṣà: *Aṣe Ẹrinlẹ yóò bá ọ gbé làyè.*
A se, a se o,
Ègbè: *A se fún ọ.*
Babalóriṣà: *Aṣe Ọrì rẹ yóò bá ọ gbé làyè.*
A se, a se o,
Ègbè: *A se fún ọ.*
Babalóriṣà: *Aṣe Ọkanlénigha inatẹ yóò bá ọ gbé làyè.*

Cantiga de Axé

Babalorixá: Assim será, assim será,
Coro: assim será para você.
Babalorixá: O axé de Exu vai acompanhar você por toda vida.
Assim será, assim será,
Coro: assim será para você.
Babalorixá: O axé de Oxum vai acompanhar você por toda vida.
Assim será, assim será,
Coro: assim será para você.
Babalorixá: O axé de Obatalá vai acompanhar você por toda vida.

Assim será, assim será,
Coro: assim será para você.
Babalorixá: O axé de Ogum vai acompanhar você por toda vida.

Assim será, assim será,
Coro: assim será para você.
Babalorixá: O axé de Ifá vai acompanhar você por toda vida.

Assim será, assim será,
Coro: assim será para você.
Babalorixá: O axé de Iemanjá vai acompanhar você por toda vida.

Assim será, assim será,
Coro: assim será para você.
Babalorixá: O axé de Xangô vai acompanhar você por toda vida.

Assim será, assim será,
Coro: assim será para você.
Babalorixá: O axé de Oya vai acompanhar você por toda vida.

Assim será, assim será,
Coro: assim será para você.
Babalorixá: O axé de Obá vai acompanhar você por toda vida.

Assim será, assim será,
Coro: assim será para você.
Babalorixá: O axé de Ossaim vai acompanhar você por toda vida.

Assim será, assim será,
Coro: assim será para você.
Babalorixá: O axé de Logunedé vai acompanhar você por toda vida.

Assim será, assim será,
Coro: assim será para você.

Babalorixá: O axé de Obaluaie vai acompanhar você por toda vida.

Assim será, assim será,
Coro: assim será para você.

Babalorixá: O axé de Omoju vai acompanhar você por toda vida.

Assim será, assim será,
Coro: assim será para você.

Babalorixá: O axé de Erinle vai acompanhar você por toda vida.

Assim será, assim será,
Coro: assim será para você.

Babalorixá: O axé do seu Ori vai acompanhar você por toda vida.

Assim será, assim será,
Coro: assim será para você.

Babalorixá: O axé das duzentas e uma divindades vai acompanhar você por toda vida.



SÂNGÓ - XANGÔ

Capítulo I

XANGÔ NA ÁFRICA

1. Xangô, Orixá dos Raios e Trovões

Vida e Mitos

O relato da vida de Xangô, o quarto rei de Oyô, aqui apresentado, tem por fonte a belíssima obra de Samuel Johnson, *The History of the Yorubas* (1897). Por tratar-se de uma obra clássica escrita por um iorubá, a ela têm recorrido os pesquisadores. Além dos dados de cunho histórico, temos mitos sobre a vida e obra desse rei que, deificado, veio a ser um orixá. As versões do mito de Xangô, aqui apresentadas, têm origem em fontes bibliográficas e em pesquisa de campo realizada na Nigéria. Considerei útil e necessário apresentar ainda, dados sobre os pontos de identificação entre Sângô (Xangô), Jâkúta e Oramfé, baseando-me, para isso, na obra de Idowu. A comparação entre essas três expressões iorubás da mesma Força Natural, nos permite conhecer melhor as características de Xangô.

A vida de Xangô

Xangô, filho de Oranyan, foi o quarto rei de Oyo. Após a morte de seu pai, compeliu seu pacífico irmão Ajaka a pagar-lhe tributos, tendo sido esta a provável razão pela qual Ajaka foi deposto. Xangô era ainda muito jovem ao ser coroado rei e Olowu quis tirar partido disto. Exigiu-lhe o pagamento de tributos mas Xangô recusou-se a reconhecer a primazia de Olowu que passou a atormentá-lo com a ameaça de retirar de seu convívio esposas e filhos. Em consequência disso sua capital foi sitiada e iniciou-se uma luta.

Ali Xangô demonstrou sua bravura bem como seu domínio de magia: rolos de fumaça saíam de sua boca e narinas, aterrorizando Olowu e seu exército que, entrando em pânico, bateu em retirada. A esta vitória seguiram-se outras e, a cada novo triunfo, mais se firmava ele no trono, cada vez mais respeitado. Porém, tornou-se tirano. Quis então, remover o trono de Oko para Oyo, então conhecida por Oyo-Koro. Sabia de antemão que o príncipe dessa cidade iria opor-se e planejou meios para atingir seus objetivos com o mínimo de luta possível.

Estava possuído pelo desejo de realizar um ato de piedade filial: prestar culto à mãe morta, junto a seu túmulo. Não lembrava seu nome porque era ainda um bebê quando ficou órfão. Sua mãe era filha de Elempe, um rei Nupe que fizera aliança com Oranyan ao entregar-lhe a filha por esposa. Xangô era pois, fruto dessa aliança. Designou um escravo Tápá e outro

Hausa para que fossem à Terra dos Nupe ao encontro de Elempe, com o propósito de oferecerem uma vaca e um cavalo em sacrifício à mãe de Xangô. Queria que seus mensageiros prestassem atenção ao primeiro nome citado na evocação do ato sacrificial pois esse seria o nome de sua mãe.

Os mensageiros foram recebidos com alegria e entretidos por Elempe, o avô do rei, de modo que o hausa esqueceu sua tarefa. No momento do sacrifício, diante do túmulo da mãe de Xangô, o praticante disse: "Torosi iyá gbódó, ouça-nos! Vosso filho Xangô é chegado para prestar-vos culto". O Tápá observou o nome Torosi, mas o hausa, distante e em postura solene, não deu atenção ao que fora dito. Consequentemente, ao retornarem, o escravo Tápá, que seguira fielmente as ordens, foi grandemente recompensado, enquanto o escravo hausa foi punido com cento e vinte cortes de navalha espalhados por todo o corpo, como aviso para sempre.

As cicatrizes agradaram as esposas de Xangô que o acharam mais belo e com melhor aparência e consideraram que tais marcas não deveriam ser feitas em escravos e sim em membros da família real como sinais de nobreza. Xangô deu ouvidos ao conselho e colocou nas mãos dos olowala babajegbe Qsan e babajegbe Oru a responsabilidade de fazerem as incisões em seu corpo real. Entretanto, não pôde suportar mais que dois cortes longitudinais em cada braço e logo os proibiu de prosseguir. Daí, os membros da família real passaram a chamar-se akeyo por terem

duas longas marcas nos braços, desde os ombros até os punhos.

Quando o rei decidiu tomar Oyo-Koro, ocorreu-lhe usar um subterfúgio para evitar perda de vidas humanas: enviou o escravo hausa para Oyo-Koro a fim de que mostrasse quão belo se tornara com as marcas, que foram apresentadas como sinal de realeza. Assim, o hausa aconselhou ao Oloyo-Koro e seus ministros que se deixassem marcar e eles concordaram. *babajegbe Oru* e *babajegbe Osan* foram enviados para lá e cumpriram sua incumbência de modo admirável. Três dias depois, quando Oloyo-Koro e seus ministros estavam extremamente doloridos, Xangô chegou com suas forças, investiu contra eles e, sem resistência possível, a cidade caiu em suas mãos. O príncipe e seus ministros foram vergonhosa e brutalmente conduzidos à morte. Assim, o trono foi definitivamente transferido de Oko (Ile-Ife) para Oyo, a antiga Eyeo ou Katunga.

Xangô reinou por sete anos sendo esse período marcado por sua combatividade. Venceu inúmeras batalhas. Era um apaixonado pela magia e se dizia capaz de preparar poções capazes de atrair os raios. O palácio de Oyo fora construído ao pé de um morro chamado Oke Ajaka (morro de Ajaka). Certo dia o rei subiu ao morro acompanhado por alguns cortesãos, alguns primos e escravos, entre os quais Biri e Omiran, seus favoritos. Pretendia testar uma poção que preparara e julgava imprestável, pois a primeira experiência, realizada em casa, não fora bem sucedida. Porém, na segunda tentativa a poção agiu: uma

tempestade abateu-se sobre o lugar, raios atingiram o palácio e em breve um incêndio devastou inúmeras construções entre as quais a casa real. Muitas esposas e filhos de Xangô pereceram. Causador do próprio infortúnio, o rei ficou deprimido e resolveu abdicar e retirar-se para a corte de Elempe, seu avô materno.

Oyo estava agitada. Simpatizando com o rei, seus súditos queriam dissuadi-lo de levar adiante sua decisão. Prometiam-lhe substituir as esposas mortas por outras com quem pudesse gerar outros filhos. Por não suportar oposição Xangô irou-se e, enlouquecido, usou a espada contra os leais súditos.

Esta não é a única versão da história. A outra afirma que havia um poderoso partido de oposição a Xangô. É possível que as duas versões tenham sua parcela de verdade, uma vez que aos iorubás repugnava a idéia de ter um rei dado a encantamentos fatais porque, para quem esta investido de poder assentado na lei, tais recursos, se usados com rancor, ameaçam a segurança de todos.

Diz-se que, num acesso de fúria, Xangô causou a morte de cento e sessenta pessoas entre as que estavam demonstrando preocupação e ansiedade a seu favor e desejando evitar, a qualquer custo, que ele levasse adiante sua resolução.

Assim, partiu para sua jornada fatal com alguns poucos seguidores. Biri, seu escravo favorito, foi o primeiro a lamentar os passos de seu amo e a fazer-lhe súplicas em favor dos cidadãos de Oyo, que haviam

prometido, lealmente, na medida do possível, reparar as perdas e reconstruir o palácio. Vendo o rei irredutível, Bírí desistiu e retornou à cidade com seus liderados. Omírán seguiu seu exemplo e o rei foi deixado só. Nesse momento iria arrepender-se do ato irrefletido, especialmente após ver-se abandonado por seu favorito Bírí. Não podia seguir sozinho e, por sentir-se envergonhado, não podia voltar para casa. Assim, pôs fim à própria vida.

Ao saber dessa tragédia, seus amigos foram imediatamente ao local e, num último gesto de amizade enterraram seus despojos sob a própria árvore que ele usara para enforcar-se.

Ao tomar conhecimento da morte do rei, seus amigos pessoais seguiram seu exemplo e morreram com ele. Bírí e Omírán suicidaram-se em Kòso, onde o rei morrera. Seu primo Omp Sanda suicidou-se em Papo, Bayanni em Sele, Obei em Jákúta e Oya, sua esposa favorita, em Ira. Assim terminou a vida desse personagem notável que uma vez reinou sobre os iorubás.

E ainda hoje, sempre que a um raio segue-se um trovão, é comum ouvir o povo dizendo: *Kabò o Kabíyesi!* - "Bem-vindo, Vossa Majestade!" No Brasil esta expressão sofreu uma corruptela que levou à saudação "*Caô, Cabecile!*" feita pelos devotos de Xangô.

Mitos de Xangô

Primeira Versão

Xangô pertenceu a uma família temida e respeitada. Sua história é realmente impressionante. Sempre que alguém se refere a ele, o faz com um misto de temor e respeito. Durante sua vida na terra foi o quarto Alafin de Oyo, tendo sido transformado depois, no orixá dos Raios.

A história nos diz que Xangô era filho de Oranyan e que entre suas esposas estavam Oxum, Obá e Oya. Governou sobre a cidade de Eyéou Katunga (Oyo). Era destemido, poderoso e grande detentor das artes mágicas, poder que adorava exhibir. Quando falava saíam labaredas de fogo de sua boca. Se qualquer membro da sociedade, até mesmo um de seus conselheiros desrespeitasse sua autoridade, teria razões para arrepender-se imediatamente. Desta forma, Xangô com seu comportamento irascível acabou perdendo sua respeitabilidade perante o povo e até mesmo perante seus conselheiros.

Sabemos que Xangô causou um desentendimento entre dois deles e, ao invés de acalmá-lo, atizou a rivalidade gerada. Houve uma briga entre os dois que culminou na morte de um deles. Os habitantes de Oyo tomaram conhecimento disso e começaram a refletir sobre os males causados por ele durante seu governo. Todos, independentemente da classe social a que pertencessem, voltaram-se contra Xangô e resolveram por fim nessa situação. O desentendimento entre os

dois conselheiros foi a gota d'água do descontentamento popular. Isso é ilustrado por provérbios iorubás da época: "Xangô comeu carne com osso e tudo"; "Ele subiu nas árvores ultrapassando a copa"; "Xangô capotou sem olhar para o chão". Tornou-se odiado por adultos e crianças, sem que ninguém mais o apoiasse. Não podendo suportar mais tal tensão, fugiu da cidade de Oyo, com todas suas coisas. Nesse momento não tinha sequer para onde ir. Daí, começou a andar a esmo, acompanhado por Oya, Oxum e Obá. Seus mensageiros, entre os quais, Oxumare, Dada, Oru e Timi, já o tinham abandonado tão logo surgira a intriga contra ele.

Assim que saiu de Oyo voltou-se para trás e deu-se conta de que apenas Oya o acompanhava, o que duplicou sua tristeza, pois não havia senão ela para consolá-lo. Sem saber o que fazer, aproximou-se de uma árvore chamada *áyán*, que estava à beira da estrada e, segundo os relatos, nela se enforcou. Esse lugar é chamado *Kôso*.

Oya, sua mulher, foi para outro lugar ao norte, rumo à cidade de Irá. No caminho transformou-se num rio que ficou conhecido por rio Oya.

Chegou à cidade a notícia de que o rei havia se enforcado e, segundo relatos da época, o povo clamava: "*Oba so! Oba so!*" - "O rei se enforcou! O rei se enforcou!" Desta forma, os poucos amigos de Xangô que ainda restavam, irritaram-se com os deboches

feitos, pois afinal, durante sete anos ele reinara sobre esse povo.

Como eles representassem minoria, nada puderam fazer. Assim sendo, resolveram dirigir-se à cidade de Ibàribá, onde aprenderam as artes de magia para vingar-se dos inimigos de Xangô. Aprenderam, através dessas artes, a provocar fogo espontâneo na casa de qualquer pessoa. A partir daí, alguns cidadãos de Oyo passaram a crer que esse fogo era provocado por Xangô. Quando havia vendavais e, simultaneamente, fogo nas casas, o vento ajudava o fogo a espalhar-se mais rapidamente e a maioria das casas se incendiavam. Por isso eles resolveram pedir desculpas a Xangô e uma das formas de fazer isso foi mudar a expressão *Oba so* - "O rei se enforcou" para *Oba Kôso* - "O rei não se enforcou". A mudança na forma de expressão do povo de Oyo deu nome ao local em que Xangô havia se enforcado: *Kôso*.

Com medo, as pessoas de Oyo foram se retratar a Xangô e, desta forma, ele tornou-se orixá em Oyo. Logo seu culto espalhou-se pelas terras iorubás tornando-se ele um dos orixás mais cultuados.

A fim de demonstrar sua imortalidade, Xangô lança raios durante as tempestades e por esse motivo é chamado *Jákuta* - "Aquele que briga com pedras". Por essa razão, pessoas que morrem atingidas por raios são enterradas pelos *oni-Sangô*.

Reza a lenda que durante seu governo, Xangô era tão forte que precisava sentar-se sobre o pilão e

acredita-se, ainda hoje, que ele continua sentando no pilão como na época em que foi o Alafin de Oyo.

É visto como um orixá não apenas feroz, mas também generoso, que traz filhos, dinheiro, curas e, especialmente, justiça, detestando todo tipo de falsidades e mentiras.

Após sua deificação, tornou-se um dos orixás mais cultuados em todos os lugares onde vivem os iorubás: na Nigéria, na República do Benin, e em muitos países da América, entre os quais o Brasil, onde é sincretizado com São Jerônimo. Nestes lugares, seu mito se mantém.

Segunda Versão

Xangô é um personagem histórico, indiscutivelmente um homem incomum. Foi humano, distinto pois, das divindades "vindas do mundo invisível".

A interessante história de sua apoteose só pode ser reconstruída a partir de versões lendárias. Homem forte, conhecedor de diversas artes da magia e hábil caçador, era porém, voluntarioso, cruel e tirânico. Enquanto rei de Oyo, governou com pulso firme, mantendo a todos sob seu domínio. Finalmente, o povo cansou-se. Sua autoridade foi desafiada e seus propósitos frustrados por dois de seus cortesãos: Timi e Gbonka. Quando Xangô sentiu-se muito perturbado

por eles, os estimulou a brigarem entre si de modo que um acabou sendo morto pelo outro. Mas o sobrevivente, ao retornar, deixou o rei em péssima situação, restando-lhe como única saída o suicídio: enforcou-se numa árvore chamada áyán.

Os opositores de Xangô zombavam de seus seguidores, repetindo que o rei deles se enforcara. Com o intuito de preservar suas vidas, foram para Haubá, a fim de obter algum preparado capaz de atrair raios. Passaram a trabalhar com essas forças e, de imediato, trovões tornaram-se comuns dentro e nos arredores de Oyo. Houve conflitos entre grupos e entre casas, com perdas de vidas e de propriedades. O povo entrou em pânico e com isso preparou terreno para o próximo movimento dos seguidores de Xangô que passaram a dizer que seu líder não se enforcara e sim, que ascendera ao céu, sendo os trovões e as calamidades que dos céus desciam, sua vingança sobre os que afirmavam ter ele se enforcado. A partir de então, deveriam afirmar que o rei não se enforcara e deveriam passar a cultuá-lo.

Desse modo teve início seu culto em Oyo. Os inimigos passaram a realizar atos de submissão e a efetuar pagamento, sob a forma de bois, carneiros, aves, obis, *orogbo* e azeite de dendê, a fim de obterem reconciliação. Logo um altar, e mais tarde um santuário foi erguido no local onde, tradicionalmente, se diz ter ocorrido seu enforcamento, rebatizado como *Kôso* - "Ele não se enforcou". A partir de então, seu culto espalhou-se por toda a terra iorubá.

Esta história, da forma como foi aqui reproduzida, não é aceita no santuário de Xangô em Kôso, Oyo. Pesquisas recentes, entre as quais as de Idowu, nos trazem a versão que apresento a seguir.

Tercceira Versão

Duas das esposas de Xangô eram rivais. Simultaneamente, havia muitas reclamações de seus súditos contra sua tirania. Xangô, irritado com todos, montou seu cavalo e foi para a floresta.

Por muito tempo esperaram em vão por seu retorno. Como demorasse, muitos temeram que tivesse se enforcado num acesso temperamental. Assim, saíram a sua procura mas apenas seu cavalo foi encontrado. As pessoas que procuravam por ele gritavam: "Onde está você, ó rei? Você se enforcou?" Sua voz replicava ao longe: "Não. Eu não me enforquei." As pessoas gritavam: "Então, volte! Precisamos de você!" E ele replicava: "Não! Uma vez que há tantos problemas e reclamações contra mim, vindos de todos vocês, não retornarei. Governarei permanecendo invisível". Assim, ele ascendeu ao céu através de uma corrente originada da árvore *áyán*. Desde então tem manifestado sua realeza através do raio e do trovão.

Nestas duas últimas versões há um elemento comum: a crença na ascensão de Xangô ao céu, onde teria se tornado autor do raio e do trovão. Sempre que

uma propriedade é danificada por um raio, os *baba-mogbà* rumam para lá, dizendo que encontrarão a marca desse raio. Invariavelmente encontram o *edun àrà* - "pedra de raio" e, então, muito sangue ritual é ofertado.

Xangô encontrava muito apoio em sua mulher, *Qya*. Discreta e feroz como uma amazona, ela era absolutamente indispensável ao marido em todos os sentidos. Diz-se que ele nada fazia sem ela. *Qya é Obirin t'ori ogun dá nungbôn sí* - "A mulher que deixa crescer a barba por uma guerra"; *Efufá-lélé ti n dágí l'oké-l'oké* - "O vento forte que corta fora as copas das árvores"; *A-su-jo-ma-rô* - "Aquele que causa uma nuvem pesada e escura mas não faz chover". Sua face é tão terrível que ninguém pode contemplá-la de frente, sua ira, tão devastadora que precisa ser evitada a qualquer custo. Contudo, é alta, atraente, e até mesmo graciosa.

De fato, havia dezesseis rainhas rivais, competindo pelo privilégio de ter a preferência de Xangô. *Qya* foi a vitoriosa, graças a seu charme, personalidade e elegância de movimentos. *Orìsà m̀erindinlogun ni m̀bẹ̀ lẹ̀dọ̀ Sàngó, nibi ka san pa, ni bi ka yan, lẹ̀ya fi gbókọ̀ lẹ̀wọ̀ ghogbo won* - "Entre os dezesseis orixás femininos nas mãos de Xangô, *Qya* se destacou por sua beleza, elegância e força".

Para ilustrar a qualidade dessa união, apresentamos um *odu* de Ifá - o *Odu Okànràn Mejì*,

que faz referência ao casamento desses orixás. Este é um dos odu registrados por Wande Abimbola:

Odu Okànràn Mejì

Okànràn kan nìhùlín;
Okànràn kan lẹ́hùlín;
Okànràn ló dí mejì
Wọn a díre;
A dí fún Sàngó,
Olúoróyá, bámbí,
Qmlo arighoqetá zégun;
Nígbà tí nlo rée ghóya nnyáwó.
Wọn ní ó kaàkí mọ́lẹ́,
O járe,
Èbọ ní ó ẹ;
Èyí àlẹgbẹ́ ẹgbà àlẹgbà.
Sàngó kẹ,
Sàngó ó ná;
Ó paawo lẹkẹkẹ;
Ó pẹjù lólẹ;
Ó wọ́n yàn yàn yàn
Bí ẹni tí ó níl ká mọ́ lẹyẹ,
Ó wá kọl ẹgbẹ́n sẹbọ.
Wọn ní obinrin tí Sàngó nlọ́p fẹ́
Ní burá jà à lẹ p.
Wọn ní kí Sàngó ó nùbọ́ dáadára.
Sàngó ní ẹun ó níl nùbọ.
O ní bawó ní obinrin oun
Se lẹ ní burá jà ẹun lẹ.
Ní Sàngó bá múra,
Ó dí lẹ irá,
Ó sí fí bẹ́ ẹbẹ́ Qya nnyáwó.
Kò lẹ́kẹ́, kò lẹ́kẹ́ tí Sàngó gbé Qya nnyáwó tán
Ní ẹwọ́n mọ́lẹ́jẹ́ bá bẹ́tẹ́ sùl dún agbára wọn wó
Bí Sàngó bá wó sùlún sùlún,

1

5

10

15

20

25

30

Ti ó ba ju ẹdun sí ibikan
Ó dí wé pé kí ibẹ́ ó dàrú.
Ó dí wé pé kí ghogbo ayé
Ó fí igbe rẹ́ bọnu.
Ó dí wé pé kí á máa rànṣẹ́ sílẹ́
Kí á máa rànṣẹ́ sóko;
Kí á máa rànṣẹ́ ródé Qyá;
Kí á máa rọ́ kùkù kekẹ,
Kí á sí máa se ináwó.
Bẹ́ẹ́ sí ní bí á bá dé ibi tí ẹdun náa sọlẹ́ sí,
Bóyá kò pa ju ẹyọ ẹnikan zojo lẹ.
Sághẹ́n bí Qya, obinrin Sàngó,
Bá wó sùlún sùlún,
Ó lẹ́ wó igi lú wọn lẹ́nà oko;
Ẹnikan ó sí níl gbọ́ nílẹ́.
Bó wá à, a wó lẹ́ lú wọn ní ibòmíràn,
Wọn á se ẹ̀nàni díẹ́,
Wọn á dáálẹ́
Bó tíẹ́ wá à,
A fẹ́ lú wọn láàrín igboro,
Wọn á kú lẹ́ bẹ́rẹ́;
Wọn á se ẹ̀nàni díẹ́.
Wọn á mú ọ̀hùlún wọn sùn,
Wọn á dáálẹ́.
Bẹ́ẹ́ ní bí Sàngó, ọ̀kọ́ rẹ́ bá pa ẹ̀nikan zojo,
Ghogbo ayé ní ó gbọ́.
Nígbà tí Sàngó ní lẹ́
Olun tí ẹwọ́n awo ọ̀n wé ó tásé,
Ayin odí ní nyan ẹwọ́n awo rẹ́.
O ní bẹ́ẹ́ gẹ́gẹ́ ní ẹwọ́n awo ẹun ngọ́u rere pẹfá:
Okànràn kan nìhùlín;
Okànràn kan lẹ́hùlín;
Okànràn ló dí mejì,
Wọn a díre.
A dí fún Sàngó,
Igbà tí nlo rée ghóya nnyáwó.

35

40

45

50

55

60

65

Wón ní ó káákí mǫǫ,
O járe,
Ẹ̀dọ́ ní ò ẹ̀;
Ẹ̀gá àìygbọ́,
Ẹ̀gbà àìyérà,
Ẹ̀ngó kẹ́,
Ẹ̀ngó ò ní;
Ó p'awo lókódé,
Ó p'ẹ̀gá lóké;
Ó wónun yàn yàn
Bí ẹ̀ni íl'ò ní ká mǫ lóyẹ́;
Ó wáá kọ́fí ògbón sẹ́bọ́.
Aya rorò jọkọ lẹ́,
Aya rorò jọkọ lẹ́,
Ẹ̀yín ò mǫ p'Ọ̀ya ló rorò ju Ẹ̀ngó.
Aya rorò jọkọ lẹ́,
Ọ̀ya ló rorò ju Ẹ̀ngó
Aya rorò jọkọ lẹ́,
Ta ní o mǫ pé Ọ̀ya ló rorò ju Ẹ̀ngó,
Aya rorò jọkọ lẹ́.

70

75

80

85

Odu Ọ̀kànràn Mejì

Ọ̀kànràn apareceu aqui,
Ọ̀kànràn apareceu lá,
dois Ọ̀kànràn juntos
tornaram-se algo bom.
Foi feito um jogo adivinhatório para Xangô.
Oluorojo, Bambi, filho daquele que usa duzentas ọ̀ta para
derrubar seus inimigos.
Quando ele ia tomar Ọ̀ya por esposa,
disseram-lhe que fosse logo
para não se arrepender depois.
Disseram-lhe que fizesse ebó (sacrifício)
pois deixar de fazer ebó coloca Exu contra a pessoa.
Xangô recusou.
Não fez ebó.
Chamou o awo de mentiroso
e chamou Exu de ladrão.
Virou a cabeça com altivez
como se fosse um imortal.
Fez ouvidos moucos à recomendação de fazer ebó.
Dizem que a mulher que Xangô ia tomar por esposa
era mais feroz que ele.
Disseram a Xangô que fizesse um ebó caprichado.
Xangô disse que não faria.
Indagou como poderia sua mulher
ser mais feroz que ele próprio.
Assim Xangô se preparou
para ir à cidade de Irá.
Assim ele se casou com Ọ̀ya.
E pouco tempo depois de casar-se com ela
os dois começaram a medir forças.
Quando Xangô olha assim
e atira o ẹ̀dun àrá (pedra de raio) em algum lugar,
esse lugar se desorganiza.

1

5

10

15

20

25

30

Assim, todos
choravam.
Assim, mandavam relatos do ocorrido para a cidade
para advertir as pessoas do povoado.
Assim, também chegavam notícias à cidade de Oyo.
Assim, surgiu uma situação de tristeza.
Assim, começaram a gastar com rituais.
Assim, quando chegarmos ao local atingido
talvez não haja mais que um único morto.
Mas quando Oya, a mulher de Xangô
olhar para os lados,
poderá derrubar árvores na estrada, para matar pessoas.
Na cidade ninguém ficará sabendo.
Se ela quiser, derrubará casas matando seus ocupantes.
Eles fazem alguns sacrifícios
e tudo fica bem.
E se ela quiser,
atacará as pessoas na cidade, com a força
dos ventos.
Elas morrem em grande quantidade.
Elas fazem alguns sacrifícios,
elas enterram seus mortos,
elas põem fim ao problema.
Assim, quando Xangô, seu marido, matar uma
única pessoa,
todos vão ficar sabendo.
Quando Xangô percebeu que
as coisas ditas pelos awo se concretizaram,
começou a louvá-los, porém com mais respeito
e disse que seus awo evocam Ifá com sabedoria.
Okànràn apareceu aqui,
Okànràn apareceu lá,
dois Okànràn juntos
tornaram-se algo bom.
Foi feito um jogo adivinhatório para Xangô
quando ele ia tomar Oya por esposa,

35

40

45

50

55

60

65

disseram-lhe que fosse logo
para não se arrepender depois.
Disseram-lhe que fizesse ebô
pois deixar de fazer ebô coloca Exu contra a pessoa
Xangô recusou.
Ele não fez o ebô.
Chamou o awo de mentiroso
e chamou Exu de ladrão.
Virou a cabeça com altivez
como se fosse um imortal.
Fez ouvidos moucos à recomendação de fazer ebô
A esposa é mais feroz que o marido!
A esposa é mais feroz que o marido!
Vocês não sabem que Oya é mais brava que Xangô,
A esposa é mais brava que o marido.
Oya é mais brava que Xangô.
A esposa é mais brava que o marido.
Quem não sabe que Oya é mais brava que Xangô?
A esposa é mais brava que o marido.

70

75

80

85

Quarta Versão

Em alguns relatos míticos Xangô é apresentado
como sendo filho de Iemanjá. Há um oríkù de Xangô
que diz:

Omo olomi ti nje Iyemoja.
Filho da mãe d'água que se chama Iemanjá.

Relação entre Xangô, Jâkúta e Oramfé, segundo Idowu e Frobenius

Xangô era filho de Oranyan, ou Oramfiyan, o poderoso filho guerreiro de Oduduwa, que promoveu uma expedição às terras nupe e ao norte do Rio Niger. Durante o curso dessa expedição, Oramfiyan casou-se com uma mulher nupe que viria a ser a mãe de Xangô. Assim, ele pode ser considerado descendente de Ifé e de Nupe e não é improvável que tenha raízes de sua genealogia no norte da Nigéria ou ainda além. Os iorubás dizem que sua mulher Oya transformou-se no rio conhecido atualmente por rio Niger. Enfatizam ainda, que ele deveria estar ligado a essa parte da Nigéria. Deste modo, tornou-se um herói popular, objeto de culto.

A verdade é que houve uma divindade solar a quem o trovão e o raio eram atribuídos. Seu nome, Jâkúta, significa "Aquele que luta com pedras" ou "O atirador de pedras". Hoje, em grande parte das terras iorubás, as pessoas não estão certas se devem dizer que Jâkúta era pai de Xangô ou não. Assim, muitos ficaram confusos com a intromissão forçada que Xangô representa. Entretanto, ao contrário do que ocorre com ele, Jâkúta jamais foi um ser humano. Os mandamentos que proíbem o roubo, a falsidade e o envenenamento, pertencem originariamente à Jâkúta. Assim, ele era o modo iorubá de representar a "cólera" de Eledunmare contra todas as formas de perversidade:

"No clarão do livre trovão,
nos choques tempestuosos do tufão!"

Como a cólera não se harmoniza com a natureza de Olodumare, Jâkúta tomou para si as funções a ela vinculadas. De fato, a "cólera dos céus" foi atribuída a Jâkúta e algumas outras divindades. Os iorubás têm senso tão profundo da idéia de cólera divina que, ao trovejar ou relampejar, as pessoas, especialmente as que não estão muito confiantes no próprio caráter, tremem assustadas. Saúdam a cólera como *Ogírígíří ẹkun á-ş-éké* - "O terrível, rumorejante, o leopardo que devora o mentiroso". Dizem que ao trovejar, o *n'imu nş'imu eke nsá* - "Aquele que é dono do próprio nariz, o torce e o mentiroso, treme".

Isto basta para dizer que a cólera está sempre presente e pronta a abater-se sobre as pessoas desobedientes. Em tempos passados, Jâkúta era seu representante principal. Graças a um golpe inteligente dos seguidores de Xangô, sua identificação com Jâkúta chegou a tal ponto que aquele quase tomou o lugar reservado a este, no Panteão.

Alguns babalorixás de caráter forte e impositivo teriam encontrado talvez uma chance para substituir uma divindade por outra. Hoje, o dia consagrado a Jâkúta é ainda regularmente observado pelos babalorixás de Xangô em Oyo. Não se sabe ao certo o porque disso, entretanto, se não houvesse ocorrido essa sutil anulação, talvez Xangô fosse hoje, apenas um ancestral de mesmo nível que outros reis ancestrais, talvez um pouco mais lembrado por seu caráter forte.

Quando muito, talvez permanecesse como uma divindade doméstica de Oyo.

Devemos ir um pouco além e considerar nesta conexão, Oramfé, de Ile-Ifé. Oramfé é visto como divindade solar entre os Ifé que o teriam dado aos Ondo. O nome é, provavelmente, uma contração de *Enúf-o-ra-ifé-ká-lé* - "Ele, que redimiu os Ifé", como dizem os mais velhos. Trata-se de uma das divindades "vindas do céu", uma vez que o povo de Ifé enfatiza que ele nem viveu na terra, nem tem imagens aqui. Por ocasião de sua primeira visita a este mundo, teria havido uma terrível rixa entre Orishá-nlá (Oxalá) e Oduduwa, sobre questões de autoridade. A disputa caminhava para uma catástrofe mundial, para um momento temível, em que tudo parecia prestes a se perder, graças à fúria incendiária de dois deuses implacáveis. A notícia chegou ao mundo invisível e Oramfé foi enviado para acomodar a situação, o que realizou com voz retumbante e tempestuosa. Chamou a atenção de todos e levou os combatentes à ordem. Então, deu instruções que deveriam ser obedecidas e disse a eles como deveriam proceder para terminar com a rivalidade.

Acredita-se que Jákúta e Oramfé são distintos um do outro, mas, indubitavelmente, representam o mesmo conceito: "a cólera". Suas raízes mostram que são praticamente o mesmo no que se refere à ritualística - um círculo de cinzas ao ar livre, obi, *orogbo* e um ato de culto, são os elementos básicos. Ambos são representados por imagens esculpidas. Em

seus oríkí é notável a identificação entre ambos. Apresento a seguir um oríkí de Oramfé, que denota serem ele, Jákúta e Xangô, expressões da mesma força natural:

<i>O n'ile ina!</i>	1
<i>A d'ani n'iji!</i>	
<i>Iná qdán!</i>	
<i>Iná gun orí ilé fẹ já!</i>	
<i>Èbini ré fẹ ẹ gbí!</i>	5
<i>"O Senhor da casa do fogo!</i>	1
<i>Que provoca tremor súbito!</i>	
<i>Fogo do meio dia!</i>	
<i>Fogo que sobe dos tetos das casas</i>	
<i>e se torna uma chama deslumbrante!</i>	
<i>O peso mortal que atinge o chão</i>	
<i>com força retumbante!"</i>	5

2. A iniciação no culto a Xangô na África

No primeiro dia do processo iniciatório, logo após a oferenda a Exu, o iáô é banhado e seu orí lavado e em seguida raspado. Para a realização da raspagem o iáô senta-se sobre um pilão colocado em cima de uma esteira e logo após, sua cabeça é novamente lavada com *àgbò* preparado com duzentas e uma folhas, entre as quais, *ewe akoko*, *ewe iyalode*, *ewe tẹtẹ*, *ewe iyeye*, *ewe koko* e *ewe odundun*. Seu corpo também é banhado com o mesmo *àgbò*, posicionando-se o iáô de tal forma que a água que escorre durante a lavagem, caia dentro de um buraco aberto na terra. Esse buraco será fechado com areia para evitar que

alguma pessoa pise sobre aquela água. O corpo também é novamente banhado com *àgbò*. Um preparado medicinal é feito com o sangue de dezesseis *igbin*, a cabeça do pássaro *agbigbo* e *osun*. A mistura decorrente da socagem desses elementos no pilão é colocada dentro do casco de uma tartaruga-macho e é usada para pintar o *orí* do *iaô*, que estará sentado sobre o pilão. A pintura será repetida diariamente durante sete, dezessete ou ainda, vinte e um dias. Segue-se a isto a oferenda feita a seu *orí*: carneiro, galos, galinhas d'Angola, pombos brancos, tartarugas, um *ikodidé*, bastante *orogbo*, bastante *obi*, duas garrafas de azeite de dendê e *ataré* em quantidade. Com a ajuda de um pano vermelho, uma pedra de raio (*edùn àrà*) é amarrada ao *orí* do *iaô*. Contas de *tutu-oppa*, contas brancas e vermelhas, linha branca e preta, um pilão, duas esteiras, uma cabaça com tampa e demais símbolos de Xangô também serão utilizados durante o processo.

O *iaô* retorna ao quarto sagrado, onde recebe enfáticas e alegres saudações tais como *Kabiyesi! Obakòso!* São recitados *oríki* em homenagem ao *orixá*. Em seguida ao som do toque do *bátá*, é realizado o sacrifício dos animais sobre a cabeça do *iaô*. Ele é novamente banhado e as novas roupas que veste após o banho demonstram seu recente ingresso no culto. Retorna agora ao quarto sagrado, onde permanecerá por sete dias sem poder ver a claridade do dia. Oferendas serão feitas durante todo o tempo de recolhimento.

No *qjò-ijé*, sétimo dia, são necessários novamente, um carneiro, um galo, um pombo, uma tartaruga-macho, uma gamela de *amala* com *gbègrì* ou *quiabo*, *obi*, *orogbo* e *gin* para um novo ritual de *etutu*. Durante o preparo do *etutu*, feito pelo *baba-mogbà* e *lyá-Sàngó*, o *iaô*, ainda em processo de iniciação e os *ogberi* (não-iniciados), ficam proibidos de aproximarem-se do local da preparação. Não devem ser tocados tambores nem deve ser feito nenhum ruído, pois isto constituiria *quizila* (proibição) que, uma vez desrespeitada, traria más influências de *Èxú* ao transgressor. Sai, então do quarto e, a pedra de raio que fora amarrada a seu *orí*, uma vez removida, será colocada num alguidar, tornando-se parte integrante do assentamento, juntamente com os demais símbolos de Xangô. Depois desses rituais o *iaô* não poderá jamais abandonar seus compromissos para com o *orixá* e o não-cumprimento dessa norma trará problemas gravíssimos a sua vida.

A partir desse dia sua cabeça será pintada com *waji* e tanto a cabeça como o corpo, serão pintados com *èfun* e *osun*. Todas as manhãs o iniciado receberá a visita de alguns *iaôs* que chegarão para saudá-lo. Os primeiros a chegar o banham com *àgbò* para tirar a pintura do dia anterior e pintam novamente seu corpo. Após o *qjò-ijé*, o *mogbà*, caso não more nessa casa de *orixá*, irá para sua residência mas diariamente retornará para cuidar do *iaô*.

Durante o período de recolhimento, que varia de sete a noventa dias - recolhimento de sete, dezessete,

vinte e um ou noventa dias - contados a partir do primeiro dia do processo iniciatório, o iaô estará proibido de ir a locais muito movimentados tais como a feira e festas. Terminado esse período, deixará a casa de orixá e irá até a feira carregando em suas mãos o ope de Xangô, entoando cantigas e recitando oriki, sempre acompanhado pelo baba-moghâ e pela Iyá-Sangô, bem como por outros iniciados e simpatizantes. Esta última parte do ritual (a ida à feira) é dispensável.

Na tarde do Itadogun, décimo sétimo dia, realiza-se uma festa de confraternização (em algumas casas, esse ritual ocorre no sétimo ou no vigésimo primeiro dia). Ao som do tambor as pessoas cantam e dançam gritando sempre Kabiyesi! Os tambores são colocados ao ar livre, do lado de fora da casa e os convidados reúnem-se cantando, dançando e evocando a Xangô. Emocionados com o frenesi do ritual, parentes e amigos oferecem dinheiro e presentes aos orixás que estão dançando, aos tocadores de bătă, ao baba-moghâ, Iyá-Sangô e ao iniciado. Nesse momento o baba-moghâ faz uso de um galo para "abrir a voz do orixá". Uma cabaça é colocada no chão com o fundo para cima, juntamente com dois orogbo e uma garrafa de azeite de dendê. O moghâ pega a bengala sagrada e imediatamente os convidados se reúnem em torno da cabaça, com as cabeças descobertas e os pés descalços. O moghâ, com sua bengala, se coloca entre os presentes e grita, evocando veementemente a Xangô:

Sangô, o o o o o!
Xangô o o o o o!

OluKòso o o o o o!
O deus que não se enforcou!

O Duni o!
É sua primeira chamada!

Então, o moghâ pega a bengala e bate com ela no chão novamente, evocando Xangô assim:

Alado o o o o!
Aquele que racha o pilão!

O deji o! Mo tîn, tîn o pe o
É a segunda vez que te chamo!

Bì mo ba pe o lẹketa, ti o ba jẹ mí
Se eu te chamar pela terceira vez sem resposta,

Lalá o di olu-igbo.
o famoso da cidade passará a morar na floresta.

Depois disso, bate novamente com a bengala no chão e grita:

Baba mí!
Meu pai!

A san gírí
O que racha paredes,

Ẹlẹketa nìyí o
esta é a terceira vez que te chamo!

Bi mo ba pe q, Šàngó, tí o ba jẹ ní
Se eu te chamar, Xangô, e você não me responder,

Lálá o di olu-igbo-o
o famoso da cidade passará a morar na floresta.

A jẹ wípe o tun wa síle aye mi
Você não virá mais para a terra.

O tun jẹ amala toun gbẹgírí mi
Você não comerá mais amala com sopa de gbẹgírí.

Šàngó oloju orogbo o tun jẹ orogbo mi
Xangô, que tem olhos em formato de orogbo, não comerá mais orogbo.

Após esta evocação, o *mogbà* pega a bengala, bate com ela novamente no chão e chama:

Šàngó OluKòso o o o o!
Xangô, o deus que não se enforcou!

Terá terminado assim, o processo de evocação e o orixá responderá:

Ho o o o o o!

Não será demais lembrar que o culto a Xangô, bem como outros cultos, faz uso de inúmeros recursos de magia, medicina tradicional e evocações, o que aumenta muito a força do *iaô* que, em alguns segundos dará um salto de aproximadamente três metros de

altura, apanhará o galo que ali está, no chão, e começará a comê-lo vivo, começando pela cabeça. Se a ave não for tirada logo de suas mãos, o orixá poderá comê-lo com penas e tudo, uma vez que o *iaô* está completamente incorporado, inconsciente dos próprios atos. Por esse motivo, o galo é retirado tão logo esteja morto, sendo então cozido. Muito impregnado de *axé*, não poderá ser ingerido pelos *ogberí* (não-iniciados). Depois desta cerimônia, o *iaô* conhecerá os segredos de Xangô.

A resposta do orixá demonstra que os ritos sagrados de iniciação foram aceitos e o *adôšù* (iniciado) passa a ser socialmente conhecido por *oni-Šàngó* - "aquele que cultua Xangô". Algumas vezes a incorporação não ocorre mas isto não significa que Xangô se esquivou de participar da vida do *iaô*. O *iaô* que não incorporou durante essa cerimônia não incorporará nunca e não deverá mais comer *amala*. Durante todo o processo o *iaô* estará usando um *kele* de contas vermelhas e brancas para afastar males que eventualmente se aproximem e para ser identificado como iniciado.

Não se deve quebrar uma cabaça perto de um *adôšù* de Xangô e se alguém fizer isso, deverá oferecer sacrifícios tais como: sete obis, sete *orogbo*, bastante *amala* com sopa de *gbẹgírí*, para atenuar a ira do orixá. Há recomendações também para que não se fume nem se permaneça de chapéu ou calçado onde houver assentamento de Xangô, bem como nos locais por onde o orixá passou, ao andar pelas ruas.

Além disso, há proibições específicas para os oni-
Şàngó, como por exemplo, segurar cobras com as
mãos, sentar sobre o pilão ou encostar em paredes
quando está chovendo. Algumas dessas proibições são
válidas para todas as pessoas, independentemente de
serem ou não iniciadas. Acredita-se, por exemplo, que
o pilão pode ser rachado por um raio e que, em dias de
tempestade, deve ser colocado com a base para cima.

No final do processo iniciatório é realizado um
jogo para conhecer o *odu* de nascimento do *iaô* "dentro
desse orixá" e seus *ewô* (quizilas) específicos. Os búzios
utilizados para a realização desse jogo tornaram-se
sagrados graças a vários procedimentos ritualísticos,
realizados durante um período que teve início no
primeiro dia do processo.

Serão guardados no assentamento e, mais tarde,
se o *iaô* tiver conhecimentos e aptidão para tal, os
empregará para realizar adivinhações.

3. Nomes em louvor a Xangô

Em diversas famílias iorubás encontramos
pessoas cujos nomes indicam sua devoção a
determinado orixá ou apontam para o fato de serem
pessoas iniciadas. Tais nomes denotam fatos
miraculosos praticados por esse orixá, referem-se a
seus poderes sobrenaturais ou ainda, a graças
alcançadas por seus devotos. Apresento, a seguir,
alguns nomes dados a pessoas em louvor a Xangô e

eles mostram a maneira pela qual os devotos
reconhecem a ajuda obtida. Muitos iniciados adotaram
nomes em função de graças alcançadas a partir da
iniciação.

Şàngókunle: Xangô enche a casa (com sua graça).

Şereyemi: O *şere* combina comigo (aponta para
a importância do uso do *şere* na evocação de
Xangô).

Şàngótosin: Xangô é suficientemente grande para
ser venerado.

Şàngótola: Xangô é suficientemente grande para
trazer riqueza e alegria.

Şàngósanya: Xangô me deu apoio.

Şàngóghami: Xangô me socorreu.

Um dos iniciados que entrevistei na cidade de
Abekuta relatou ter alcançado a cura para um mal
tido por incurável. Através do jogo adivinatório foi
aconselhado a iniciar-se em Xangô e, a partir disso,
passou a usar o nome *Şàngótosin*. E uma mulher que só
tinha filhos *abiku* (criança que nasce, morre e renasce
através da mesma mãe) conseguiu que Xangô lhe
propiciasse proteção. Foi iniciada e logo depois teve
um filho a quem deu o nome de *Şàngóghami*.

4. Símbolos de Xangô

Edun àrá - "pedra de raio" - acredita-se que o **edun àrá** venha dos céus, juntamente com os raios. Esse tipo específico de pedra encontrado em local atingido por raios é o **ota** de Xangô e é usado em seu assentamento.

Ose - machado - é um dos principais símbolos, havendo numerosas referências a seu uso durante a existência humana de Xangô. É representado por um machado de dois gumes sobre a cabeça de uma mulher ajoelhada ou um homem em pé, sendo colocado acima do **igba** (assentamento) de Xangô ou numa gamela. O mesmo símbolo é ostentado pelos cultuadores de Xangô em suas propriedades, visando a obter proteção contra roubos e azares. Pessoas entrevistadas afirmaram que, se algum feiticeiro ou bruxa tentar atacar uma casa protegida pelo **ose** de Xangô, não terá sucesso e se algum ladrão desejar furtar algo, sentirá medo de provocar a ira do orixá.

Labá - feito de couro, em forma de bolsa e bordado com contas coloridas, o **labá** é tingido com **osun** e os **oni-Sangô** afirmam que tem função ritual, sendo usada para guardar **edun-àrá**. É colocada logo acima do assentamento.

Odo-Sangô - pilão de Xangô - dizem os mitos que Xangô, por ser muito forte, sentava-se sobre o pilão. Este é posto com a base para cima e sobre ele é colocada uma gamela de madeira ou barro, repleta até a borda de **edun-àrá** e aí são realizadas as ofertas de

sacrifícios. Tais pedras, segundo a crença, são tão fortes que somente o pilão pode suportar sua vibração. Mesmo o pilão de uso doméstico costuma ter sua posição invertida nos dias de chuva, em homenagem a Xangô.

Şere - espécie de cabaça usada como chocalho. Comprida e repleta de preparados mágicos, quando agitada produz um som característico que evoca Xangô, seja na festa anual, na iniciação ou no **ose** (oferendas). Quando não está sendo usado, é colocado junto ao **ose**.

Ere - imagens esculpidas que, nos assentamentos de Xangô, representam um homem forte trajando blusa e saia coberta de búzios e talismãs, com cabelos trançados, representando o próprio Xangô e uma mulher guerreira, de grande feminilidade, com uma espada na mão, representando sua esposa favorita: **Oya** (Iansã).

Awê ou **ikoko** - pote ritual, normalmente cheio d'água e deixado ao lado do assentamento, por vezes enterrado até a metade. A água nele guardada é bebida por ser considerada como detentora de grande força. Quando é realizado sacrifício, suas paredes externas recebem um pouco do sangue.

Bayànni - peça cerimonial usada pelos **oni-Sangô**. São casquetes de búzios com fios também repletos de búzios, que caem como pequenas serpentes pela face. São de aparência feminina e muito poderosos. Esta coroa legendaria de Xangô é denominada **Bayànni**

("Papai me escolheu") e refere-se ao orixá de mesmo nome, a frágil irmã de Xangô, cuja existência serviu para coroá-lo. Algumas lendas contam que ela reinou após o irmão mais velho de Xangô ter deixado o trono e suicidou-se por não suportar a dor ao saber do incidente ocorrido com Xangô em Kòso.

Orogbo - há sempre grande quantidade deles sobre o assentamento.

Nas muitas casas de culto que visitei em diversas cidades da Nigéria constatei que, em 60% dos assentamentos, Oya estava assentada junto ao marido; 30% possuíam Xangô assentado com Oya e Oxum e 10% possuíam Xangô assentado junto a Oya, Oxum e Qbà. Alguns desses assentamentos incluem o de Dadá, patrono dos bebês, especialmente aqueles que possuem cabelos cacheados. Foi irmão mais velho de Xangô, por ele deposto devido a sua passividade.

Eventualmente, são encontrados ainda, junto ao assentamento de Xangô, os assentamentos de outros orixás, havendo justificativas para isso: onde há gêmeos, por exemplo, encontramos o assentamento de Ibéji; onde se exerce a medicina tradicional, o assentamento de Ossaim, divindade das folhas; em casa de artistas, o de Qbatulá; em casas de caçadores, o de Ogum e Oxossi. Assim, dependendo da atividade de seu cultuador, Xangô é assentado junto a outros orixás e a interação das forças de todas essas divindades, conferem ao devoto, grande força.

5. Cerimônia anual de Xangô. Festas.

Há uma hierarquia entre os cultuadores de Xangô: os grandes conhecedores dos segredos deste orixá são chamados *baba-mogbà* ou *iyá-Sàngó* e os devotos em geral são chamados *oni-Sàngó* ou *adôshu-Sàngó*. Costuma-se dizer que o próprio orixá elege seus *ẹ̀lẹ̀gun*. Verdadeiros *ẹ̀lẹ̀gun* são aqueles que viram os olhos até aparecer a parte branca dos mesmos e, imediatamente em seguida, incorporam. Uma vez incorporados, os *ẹ̀lẹ̀gun* colocam na própria boca uma brasa, sem se queimarem. Tive a oportunidade de participar de um ritual muito fechado e vi alguns *ẹ̀lẹ̀gun* soltarem fogo de suas bocas.

Os *oni-Sàngó* dizem com orgulho que Xangô traz chuvas na época das secas, sendo sua festa celebrada nesse período. Essa festa é amplamente comemorada e muitos *ẹ̀lẹ̀gun*, dançando ao som do *bàtá* e *gangan*, começam a rodopiar, e isto indica que estão incorporados. Através desses tambores falantes, os tocadores produzem a melodia das letras das músicas dedicadas a Xangô. Isto torna a incorporação inevitável para os *ẹ̀lẹ̀gun* e a dança irresistível para todos os presentes. Dançam todos, de um lado para outro, da esquerda para a direita, para frente e para trás. Os *ẹ̀lẹ̀gun* incorporados são saudados com expressões como *Kabiyesi! Qba Kòso!* Presentes são dados ao orixá, especialmente oferendas em dinheiro que será usado em benefício de seu santuário.

Na Nigéria, a festa de Xangô - cerimônia anual - perdura por sete dias. Os homens que incorporam vestem saias vermelhas bordadas de cauri e alguns amuletos, enquanto as mulheres vestem calças com as mesmas características das saias masculinas. Tanto homens como mulheres trançam os cabelos para a festa. Ao incorporarem carregam brasas nas mãos e dançam ao som dos tambores *batá*. Os *oni-Sangô* possuem grandes conhecimentos sobre os métodos de saudação e evocação. Estas são feitas antes, durante e depois do período de incorporação.

Um fato notável é que na Nigéria há festas e imensas procissões em louvor aos vários orixás. Os *ẹ̀lẹ̀gun* incorporados visitam as casas, onde recebem presentes e dinheiro. As pessoas que possuem assentamento em casa fazem oferendas entre as quais carneiro, galos, *gbẹ̀giri*, obis e *orogbo*.

É grande a fartura nesses sete dias e muitos *ẹ̀lẹ̀gun* permanecem incorporados durante todo o tempo, sem se alimentarem.

Alguns cultuam Xangô em suas próprias casas, outros vão ao santuário conhecido por *gbongan Sangô*, que é normalmente muito espaçoso e possui um *osé* na entrada.

No primeiro dia da festa, apanham o *ọ̀kanlerungba ewe* (duzentas e uma folhas) entre as quais, *peregún*, *ewe akoko*, *ewe iyeye* e as esfregam com as mãos, juntamente com *atare*, *obi*, *orogbo*, azeite de dendê e *gin*. Juntam a isso o sangue de tartarugas e

galos, entre outros animais. Lavam os símbolos sagrados bem como os próprios *oni-Sangô*, com esse preparado, sempre acompanhados por rezas e cantigas.

Terminada essa limpeza, os símbolos sagrados são devolvidos a seus lugares. Neste dia são oferecidos três *igbins* (caracóis): seu sangue é colocado nos assentamentos, juntamente com outras oferendas. O pescoço do galo é cortado com uma faca em brasa e seu sangue colocado sobre os objetos sagrados. A tartaruga (*ijapa ẹ̀wiri*) é sacrificada do mesmo modo. Depois, é feito o sacrifício do carneiro (*eran àgbò*): um *ẹ̀dun àrà* é retirado do assentamento e colocado na boca do animal, que é amarrado com cordas para não gritar e por outros motivos que não podem ser revelados.

Antes do sacrifício final, cada um dos presentes, precedidos pelo *baba-mogbà* ou *iyá-Sangô*, bate a própria cabeça na cabeça do carneiro, significando que o carneiro morrerá em vez dele. A partir daí, a faca em brasa é usada para sacrificar o animal e seu sangue, aspergido sobre o assentamento e sobre os objetos rituais. Próximo à entrada do local do assentamento alguns *ẹ̀lẹ̀gun* incorporam e para acalmá-los é colocado em suas bocas um pouco de *epo* (azeite de dendê) e *ẹ̀jẹ* (sangue).

A cabeça e as patas do carneiro são cozidas com o peito, o fígado, o coração e uma parte do intestino e quando prontas, são colocadas numa grande cabaça. O *gbẹ̀giri* - sopa predileta de Xangô - é despejado sobre

as carnes. Este alimento é então oferecido, juntamente com *amala*, azeite de dendê, bastante *orogbo* e *gin*.

Para saber se a oferenda foi aceita ou não, o *baba-mogbà* (ou *Iyá-Şàngó*) utiliza *obi* ou *orogbo*. Fazendo uso do *orogbo*, corta-o longitudinalmente em duas partes, aproxima-as da boca e pergunta se a oferenda foi aceita ou não e, depois, joga as partes no chão por três vezes sucessivas. Se, em qualquer uma dessas tentativas pelo menos um dos pedaços cair com a parte da casca para baixo, isso significa que a oferenda foi aceita. Se, através do jogo o *orixá* responde que não aceitou, o *baba-mogbà* recita o seguinte:

Ti o bu di
Mesmo que você se feche,

Kí o dí ìkú mí
feche a morte que está a nossa volta,

Kí o dí anin mí
feche a doença que está a nossa volta,

Kí o dí gò mí
feche os problemas que estão a nossa volta.

Após essa recitação, o *baba-mogbà*, fazendo uso do *obi* ou do *orogbo* pergunta a *Xangô* se ele deseja mais alguma coisa. Caso haja alguma falta, será suprida. Se, pelo contrário, o *orixá* demonstra plena aceitação, todos dançam as cantigas favoritas de *Xangô*, em comemoração. Come-se e bebe-se muito.

Depois disso, cada participante dá seu *idqbalé* (bate a cabeça) louvando e saudando o *orixá* e fazendo seus pedidos ou agradecendo as graças alcançadas.

Finalmente, é necessário dizer que a festa não é exclusivamente dos iniciados mas de todos que cultuam *Xangô* em casa por herança de antepassados e dos que têm assentamento de *Xangô* mesmo sem terem sido iniciados.

6. *Qsê de Xangô*

Oferendas são denominadas *qsê* e podem ser realizadas a intervalos maiores ou menores, dependendo da orientação fornecida pelo *babalorixá* ou *ialorixá*: a cada cinco, sete, nove, onze, dezessete, dezenove ou vinte e um dias.

No início do dia reservado ao *qsê* as mulheres iniciadas limpam a casa de *Xangô* e logo a seguir, o *baba-mogbà* chega ao local, acompanhado de outros líderes do culto. Muitos iniciados acorrem ao local. Estando todos presentes tem início a cerimônia: o *baba-mogbà* pega o *şere* para saudar e evocar *Xangô* e a seguir reza por presentes e ausentes, incluindo os familiares dos iniciados. Enquanto a reza é feita os presentes respondem: *Axé!*

Em seguida, o *amala*, acompanhado da sopa de *gbègiri* ou *quiabo* é oferecido a *Xangô*. Um galo é sacrificado sobre os objetos sagrados e bastante azeite

de dendê é derramado sobre o *otá* de Xangô. O galo sacrificado será cozido. Parte de sua carne será oferecida ao orixá enquanto o restante será ingerido pelos presentes. São indispensáveis bebidas fortes (*gin*), *orogbo*, *obi*, azeite de dendê e o *amala* acompanhado da sopa de *gbègiri* ou *quiabo*.

Com o *orogbo* partido em dois, o *baba-mogbà* pergunta se a oferenda foi aceita ou não e, sendo a resposta afirmativa, as pessoas presentes gritam em conjunto: *Èbò gba!* O restante da comida é então servido aos presentes e em seguida dançam ao som do *bàtá*. Se a resposta for negativa, o *baba-mogbà*, com o mesmo *orogbo*, pergunta o que mais o orixá deseja e procura então satisfazê-lo.

Este relato refere-se ao *òsè* feito na casa dedicada ao orixá Xangô e é comunitário. A partir disso, cada *iaô* fará sobre seu assentamento individual, seu *òsè* particular, oferecendo, dentro de suas possibilidades, pelo menos os itens indispensáveis. O mesmo se aplica aos *òsè* de *Oya*, *Oxum* e *Obá*.

7. *Àdùrà, Ibà, Oríkì, Orin Şàngó*

Rezas, Saudações, Evocações e
Cantigas de Xangô

Adirà Sàngó (I)

Mogbà: Sàngó ibà!
 Ibà ayé ni à jé,
 Awa kò jé t'òrun.
 Adóšù: Aşe.
 Mogbà: Ibà rẹ olúkòso má jẹ à şişe.
 Adóšù: Aşe.
 Mogbà: Okó oba, àda oba, kó má şá wa lẹşẹ.
 Adóšù: Aşe.
 Mogbà: Maa şo okò ibánújé sínú ilé wa.
 Adóšù: Aşe.
 Mogbà: Maa jé kí à şòrò, feru kọ.
 Adóšù: Aşe.
 Mogbà: Maa jé kí à ká iká òjijú.
 Adóšù: Aşe.
 Mogbà: Tútù tútù ni kí à maa ní.
 Adóšù: Aşe.
 Mogbà: Bã wa şégún òtá.
 Adóšù: Aşe.
 Mogbà: Inú wá dún,
 Bì a şe şe odún rẹ yí,
 Bì ó ba dí àmòdún.
 Kí à lé owó,
 Kí à lé omọ,
 Kí à lé àláfíà,
 Kí à lé ayọ.
 Adóšù: Aşe.
 Mogbà: Kí à má kú,
 Kí à má rùn,
 Kí à tún şe àmòdún,
 Tomọtomọ bí àkàrà.
 Adóšù: Aşe.

Reza de Xangô (1)

Mogbà: Xangô, tua saudação!
 Saudamos os vivos,
 Nossa saudação não é para os mortos.
 Adóšù: Axé!
 Mogbà: Nós te saudamos OluKòso, dá-nos forças para
 o bom comportamento.
 Adóšù: Axé!
 Mogbà: Para não infringirmos as leis dos homens.
 Adóšù: Axé!
 Mogbà: Não atire em nossa casa pedras
 que trazem tristeza.
 Adóšù: Axé!
 Mogbà: Proteja-nos para não dizermos coisas que
 possam ofender as pessoas.
 Adóšù: Axé!
 Mogbà: Poupa-nos da morte prematura.
 Adóšù: Axé!
 Mogbà: Mantenha-nos sempre calmos.
 Adóšù: Axé!
 Mogbà: Ajuda-nos a vencer os inimigos.
 Adóšù: Axé!
 Mogbà: Estamos felizes
 pelo modo que fizemos tua festa.
 Que no próximo ano
 tenhamos mais dinheiro,
 tenhamos mais filhos,
 tenhamos mais saúde,
 tenhamos mais felicidade.
 Adóšù: Axé!

Mogbà: Que a morte não nos leve
Que a doença não nos atinja.
Para que todos nós
estejamos juntos no próximo ano.
Adóshù: Axé!

Adárà Šàngó (2)

† Ilẹ̀ mo pẹ̀ ẹ̀ o.
Ilẹ̀ mo pẹ̀ ẹ̀ o.
Ilẹ̀ mo pẹ̀ ẹ̀ o.
Šàngó Olukòso mo pẹ̀ ẹ̀ o.
Šàngó Olukòso mo pẹ̀ ẹ̀ o.
Šàngó Olukòso mo pẹ̀ ẹ̀ o.
Eti were ni ti ẹ̀kúti ilẹ̀ o.
Šàngó wa je mi o.
Akànnàmàgbò kii pa ọdún je.
Ki awa ma pa ọdún je o.
Lile ni ki a má le si o.
Ki a ma dín owó.
Ki a ma dín ọmọ.
Ire ni ki ọjá wa o máa ri o.
Ki àláfú o ma wọn nile wa o.
Towó, tọmọ, ayọ, iyí, àláfú,
ki wọn kunle wa o
ti o ba di amọdun,
ki a tun pejo pẹlu àláfú ati ayọ
ti a fi se ọdún re yi o.

30

1

5

10

15

20

Reza de Xangô (2)

Oh Terra, eu te chamo!
Oh Terra, eu te chamo!
Oh Terra, eu te chamo!
Oh Xangô, eu te chamo!
Oh Xangô, eu te chamo!
Oh Xangô, eu te chamo!
O rato da casa está sempre de alerta.
Xangô, venha me responder.
Akànnàmàgbò nunca deixa de renascer.
Para que a morte não nos leve,
para que nos multipliquemos,
para que não nos falte dinheiro,
para que não nos faltem filhos,
para que vejamos sempre boas coisas,
para que não falte saúde em nossos lares.
Dinheiro, filhos, felicidade, respeito e saúde
tenham plenamente nossos lares.
Que no próximo ano
estejamos novamente reunidos, saudáveis e alegres
como hoje realizamos esta festa.

1

5

10

15

20

Ibà Šàngó

Mo jábà akòdà.
Mo jábà asẹdà.
Atiyo ọjọ.
Atiwọ ọdún.
Okànlérúgba irànmọlẹ.
Ikòrúta mẹtá àwọn ayé ibà.
Iyá mi ọ̀ṣòròngà ibà.

1

5

Enyin ni olókiki ooru.
 Apa ni má yodà.
 Enyin alákóso ibà yín o.
 Ilẹ̀ ògèrẹ.
 Atẹrẹrẹ kárl ayé, ibà.
 Ibà pètẹ ọwó,
 Ibà pètẹ ẹsẹ,
 Tí kò gbòdò fú 'nun.
 Mo tún wá f'ibà fún bàbà mí olúkòso,
 Kú 'se mi baà se.
 B'ekèkòlò bá jùhà ilẹ,
 ILẹ́ á tanu fún.
 Olójó òní,
 Ibà rẹ ò.
 Aládó mo júbà rẹ ò,
 Kí 'bà mí se ò.
 Mo ní, mo njúbà,
 Bàbà mí, Sàngó olú-kò-so.
 Bàbà mí, olówó orí mí.
 A sángiri,
 A lágiri,
 Ibà rẹ ò.
 Mo nřibà fún bàbà mí.
 Olágiri kàkààkà.
 Kí 'gba ẹdun bọ ọ.
 Olú-àso, ọba mí.
 Aládó, ọòsà mí.
 O jajú mọ ní,
 Kó tóó pa ni je.
 Bàbà mí aládó, ibà rẹ ò.
 Wón b'ọmọdẹ bá júbà àghà.
 A jẹ áyé pẹ.

10

15

20

25

30

35

Sàngó jẹ njayé yí pée pée o.
 Ibà fún Bàbà mí.
 A ké kàrà,
 Ke kòrà.
 Ó j'ókà,
 Ogun ọdún.
 Ó jẹ gbẹgiri ọsù mewa.
 Kábiyèsí ò!
 Sàngó ọòsà mí.
 Ibà rẹ láàlú.
 Bàábà mí.
 O s'ọkọ fún èké,
 S'ọkọ fún olẹ.
 Ibà rẹ ò, Sàngó.
 Má s'ọkọ fún mí o.
 Mo wá nřò, wřpẹ.
 Ibà a sángiri.
 Ọba tó tó, kábiyèsí ò!
 Sàngó ọba.
 Jẹ kí gbogbo ọjó ayé mí ó yemí o.
 Imalẹ ghogho, ibà yín o.

40

45

50

55

60

Saudação a Xangô

Eu saúdo os primórdios da Existência.
 Saúdo o Criador.
 Saúdo o sol nascente.
 Saúdo o sol poente.
 Saúdo as duzentas e uma divindades.
 Saúdo as três encruzilhadas onde ficam os ayé.
 Minhas mães Oṣòròngà, eu as saúdo.
 São vocês que vivem na madrugada,

1

5

vocês que matam sem usar armas,
 vocês que ligam todas as coisas entre si.
 10 Saúdo a Terra.
 Que se espalhe por todo o universo minha
 saudação à ti.
 Saúdo as palmas das mãos,
 saúdo as plantas dos pés,
 onde não nascem pelos.
 15 Saúdo ainda a meu pai OluKòso,
 Para que todos meus atos sejam bem sucedidos.
 Quando a minhoca saúda a terra,
 a terra se abre para que ela entre.
 Oh Senhor do hoje,
 20 eu te saúdo!
 Alado, eu te saúdo!
 Que minhas saudações sejam aceitas!
 Eu digo que estou saudando
 meu pai Xangô, a grande divindade
 25 que não se enforcou!
 Meu pai, o senhor da minha cabeça.
 Que racha paredes,
 Que abre paredes,
 grandes saudações a ti!
 Estou saudando meu pai,
 30 que abre paredes com toda a força
 e nelas arremessa duzentas pedras de raio.
 Oluaso é meu rei.
 Alado (aquele que racha o pilão) é meu orixá,
 35 que lança um olhar aterrador
 antes de matar.
 Meu pai Alado, grandes saudações a ti.
 Dizem que quando a criança saúda os velhos,

terá longa vida.
 Xangô, permita que eu viva por muito,
 40 muito tempo.
 Saudações a meu pai,
 que põe a força de todo seu corpo para gritar.
 Cujo grito carrega em si as punições.
 Que come a comida
 45 de vinte anos.
 Que come gbègiri de dez meses.
 Kábíyèsí ó! (Vossa Majestade!)
 Xangô, meu grande orixá.
 Eu te saúdo, ô famoso na cidade!
 50 Meu grande pai,
 que pune os mentirosos,
 que pune o ladrão.
 Eu te saúdo, Xangô!
 Não me puna.
 55 Desde então, venho dizendo
 Saudação à Xangô que tem força
 para rachar paredes!
 O grande rei, Vossa Majestade!
 Xangô, o rei,
 permita que todos os dias da minha vida sejam felizes.
 60 Todas as divindades, eu vos saúdo!

Oríkì Šàngó (I)

Kábíyèsí ò!
 Kábíyèsí ò!
 Kábíyèsí ò!
 1 Šàngó olúkòso àkàtá yèrìyèrì.
 5 A tú wọn ká nùbì wọn gbé ndá iná irò.

Olóló tí nǹfẹ̀nù ikà lólẹ̀.
A-wadpon-móri.
Ó torí ijà dákò sẹ̀bàá ònà,
Ẹ̀gàngó ní bọ́ ò kí ládòbò, ijà ní,
Bó o sí kí ládòbò, ọ̀ràn,
Ẹ̀sẹ̀rẹ̀jọbí ọmọ Ẹ̀rírà.
Alàná tóóró kan ayé, Alàná tóóró k'ọ̀run,
Jagunjagun, Ẹ̀sìn rọ̀gun jà,
Eranko bí ọ̀bọ́ ò sí Lókò, kábíyèsí!
Afijimere tí n pe àrú rẹ̀ Lólóógùn.
Eréku elemele ọ̀kọ́ Ọ̀yá.
Àyànràn iná.
Ẹ̀gàngó a ghoná bí ọ̀pala.
Irọ́ ní ọ̀rìyà kẹ̀kẹ̀rẹ̀ n pa lẹ́yìn Ẹ̀gàngó,
Tí Ẹ̀gàngó ní n ó ẹ̀.

Oríkì (Evocação) de Xangô (1)

Kábíyèsí ò!
Kábíyèsí ò!
Kábíyèsí ò!
Xangô, OluKòso, o Dragão Faiscante,
Aquele que afugenta as pessoas que estão
fazendo intrigas.
A divindade que esfrega a boca dos
mal-dosos na terra.
Ele que é teimoso,
ele que por motivo de briga, fez sua horta
à beira da rua.
Xangô diz, se você não cumprimentar Ládobo, isso
trará brigas.

Se você cumprimentar Ládobo também
 haverá problemas. 10
 Sẹ́ẹ̀rẹ̀jọbí filho de Ẹ̀rírà,
 Que abre caminho entre a terra e o céu.
 Saudamos a ti, ó deus guerreiro, que dança
 ao ver a guerra.
 Como o macaco, não existe outro na floresta.
 Vossa Majestade!
 Afijimèrẹ̀ que chama a si próprio de mago. 15
 Divindade imortal, marido de Ọ̀yá.
 A divindade forte e quente como o fogo.
 Xangô, quente como ọ̀pala.
 Não é verdade que algum orixá possa desafiar Xangô.
 É a Xangô que eu seguirei. 20

Oríkì Ẹ̀gàngó (2)

Ẹ̀gàngó olúkòso
Bádélẹ̀ orí Ọ̀yá.
Má báa mí jà.
N ó sí nínú wọ̀n.
A-bítamọ̀ra-bí-ahéré,
Ó-bónibodè-ẹ̀-pín-pín-n-pín;
Má fí ọ̀xẹ̀ rẹ̀ nà mí
N ó sí nínú wọ̀n, bá mí Ẹ̀gùn àwọ̀n ọ̀tá mí,
Ẹ̀gàngó ò bóniyan-jíyàn igàngán ọmọ rẹ̀ sílọ̀rọ,
A ní sẹ̀rẹ̀ Ọ̀gun lẹ́yìnjú,
Á kógbòóná-kálúá,
Má báa mí jà,
N ko nówó ẹ̀bọ́ nílẹ̀,
Máa ba mí jà.
N ó sí nínú wọ̀n.

*Omọ ọwọràn tí wọn 'kú lóṣé,
 A bí gbogbo ara wá sígáṣíṣá.
 Sàngó a fà wọn ya bí àgbàdò òòjọ.
 O gbóná ó ju 'ná lẹ.*

Oríkì (Evocação) de Xangô (2)

Xangô é o deus que não se enforcou.
 Homem marido de Oya.
 Não brigue comigo!
 Não faço parte deles!
 Aquele cujo guarda-roupa é grande como uma
 casa de fazenda.
 Ele que divide o imposto com quem o recolhe.
 Não faço parte deles!
 Ajuda-me a vencer meus inimigos.
 Xangô, que come *iyaw* espinhoso com quem o
 preparou e deixou seu filho sem proteção.
 Que tem olhar de guerreiro.
 Ele causa problemas na cidade.
 Não briga comigo!
 Não tenho dinheiro para fazer oferendas em casa.
 Não briga comigo!
 Não faço parte deles.
 O homem forte que espanta a morte com
 seu machado.
 Xangô com o corpo todo trêmulo.
 Xangô que os rasga como quem abre a palha do
 milho fresco.
 Ele é quente. Muito mais que o fogo.

Oríkì Sàngó (3)

*Sàngó onibon òrun.
 Ajáláji ọba kòso.
 Okunrin alagbara iná iná.
 Atú wọn ká nìbí wọn gbé ndáná irọ.
 Sàngó tí nti ibi gegele bá òké jà.
 Sàngó òòòò!
 Agbágilábara pẹpo,
 Aládó.
 Tó relé àna lẹ ọ dúpẹ,
 Igba àkàsù ló fi kéfòó,
 Igba ojúlẹ ló sùn kó tóo máa lẹ,
 Inú n ran, ó jẹ agbada gbùgburá méje.
 Èdò ndùn, ó jẹ kòkò gbẹgiri méje.
 Kò tù mí, kò rọ mí.*

Oríkì (Evocação) de Xangô (3)

Xangô, senhor do trovão ruidoso como espingarda
 no céu.
 Senhor do Vendaval, Obakòso.
 Homem poderoso dentro do fogo.
 Xangô, que separa as pessoas no local das intrigas.
 Xangô que luta mesmo estando embaixo, com as
 pessoas que estão acima.
 Xangô ô!
 Xangô, que ao bater na árvore a descascou.
 Alado!
 Que foi à casa dos parentes da esposa para
 agradecê-los.
 Comeu duzentas porções de *amala* com verdura.

Dormiu em frente a duzentas casas antes
de ir embora.
Ele, que mesmo com dor de barriga comeu sete potes
cheios de pipoca.
Ele, que mesmo com problema intestinal comeu sete
potes de gbẹgírí.
Dá-me paz e harmoniza minha vida.

14

Oríkì Xàngó (4)

*Xàngó, olúàṣo, akáṣá yeriyeṛi, olójú orógbò,
Elẹ̀kẹ̀kẹ̀ obì.
Olúkòso, eégún tí n yoná lẹnu.
Oòṣà tí nbá ológbà lẹnu,
Xàngó a b'egun jìjádà èkú,
Eni f'ojú dí o,
Xàngó aláṣo Oṣun, onílẹ̀ olá,
Onínáḽenu,
Aṣodé bí ológbò,
Sàngiri-làgiri,
Olàgiri kàkà f'igba edun bọ.
Bí wọn tí n pariwo rẹ n'ile.
Bẹẹ nì wọ́n n pariwo rẹ l'ogun.
Xàngó ọ̀nà yà sí méjì, ọ̀kọ oníkele,
Pa wọ́n pọ̀, ó fí ẹ̀kọ́n.
Okunrin Ogun.
Okunrin kẹkẹ̀ n'iwájú onibátá.
Ojò pẹbọra lẹ gúrẹgúrẹ.
Ati lójò, àti lẹnu,
Kò sẹni tí olúkòso ò lẹ pa,
A-lomo-olomo-mólẹ̀ bí a nlọwu irin,
Ojò sù, òjò ò sù,*

1

5

10

15

20

*Kò sẹni tí olúkòso ò lẹ pa.
A ghómí mu bí àlàpà.
Dákun Xàngó má pa mí.
Máa sí pàniyàn sí mí lẹnu.
Bá mí ẹ̀ẹgun ọ̀tá.
Bá mí w'ẹ̀mọ.
Máa jẹ́ kí ndàrán ọ̀mọdẹ.
Máa jẹ́ kí ndàrán àgbàlagbà.
Máa jẹ́ n lúfin ijoba.
Máa jẹ́ n rìn irin, a rìn f'ẹ̀sẹ̀ kọ.
Máa jẹ́ n fenu mí kọ.
Xàngó olúkòso a pa nì má y'ọ̀dà,
Káhiyèsí ò!
Ọ̀kọ mí abúamára bí ahẹre.
Ató-bá-jayé òdòdò!
Oba kòso!
Má fí ọ̀sẹ̀ rẹ̀ nà èmi àti àwọ́n ẹ̀bí mí.
Olúkòso atóbájayé, ẹ̀yọ́ mí nínú wọ́n.*

25

30

35

40

Oríkì (Evocação) de Xàngó (4)

*Xàngó Olúàṣo, o Dragão Faiscante, com olhos em
formato de orogbo,
Com bochechas redondas como obi.
OluKòso, a divindade que lança fogo pela boca.
A divindade que assusta o gato.
Xàngó luta pela posse de ẹ̀kú com egun.
A quem o desprezitar, Xàngó castigará.
Xàngó que veste roupa vermelha, dono da
casa da riqueza.
Que tem fogo na boca.
Ele que caça como um gato hábil.*

1

5

Ele que racha e lasca paredes. 10
 Meu deus que racha paredes e nelas põe duzentas pedras de raio.
 Da maneira como se grita o nome dele na cidade, grita-se o nome dele na guerra.
 Xangô, a rua está bifurcada em dois, orixá de quem usa kele.
 Juntou as estradas transformando-as em uma só. 15
 Homem guerreiro.
 Homem importante aos olhos dos tocadores de bātá.
 O Venerável tomou chuva e ficou ativo.
 Tanto na chuva como na seca,
 não há uma pessoa que Xangô não possa matar. 20
 Ele enrola no chão quem o ofende da mesma maneira que se enrola um novelo de lã.
 Ameaça chover, não ameaça chover.
 Não há uma pessoa que Xangô não possa destruir.
 Ele bebe toda água da chuva como sopa, para evitar a enchente.
 Por favor Xangô, não me mate. 25
 E não mate ninguém perto de mim também.
 Ajuda-me a vencer meus inimigos.
 Ajuda-me a proteger meus filhos.
 Não me deixe ofender as crianças.
 Proteja-me de ofender os adultos também. 30
 Dá-me forças para não infringir as leis dos homens.
 Proteja-me para que eu não tropece na vida.
 Proteja-me para que eu não fale coisas indevidas.
 Xangô, OluKôso, o que fere sem armas.
 Vossa Majestade! 35
 Meu deus, aquele cujo guarda-roupa é grande como uma casa de fazenda.

Aquele que é suficiente para a nossa vida,
 O rei que não se enforcou.
 Não bata em mim e na minha família com seu machado.
 Orixá forte o suficiente para nos proteger na vida proteja-me dos meus inimigos. 40

Oríkì Šàngó (5)

Olúkòso! 1
Atu wọn ka nìbí wọn gbé ndàndà irò.
A lẹ̀ Babaláwo máa dúró kó Ifá,
À tí lójò àti lẹ̀rùn,
Kò sẹ̀ni tí Šàngó kò lẹ̀ pa. 5
À fẹ̀ni tí kọ̀gilá kọ̀lù,
À fẹ̀ni tí Eṣu nse,
Ló máa fẹ̀ kọ̀lù Eṣu.
Ló máa fẹ̀ kọ̀lù Šàngó.
À fẹ̀ni tí Šàngó yío pa. 10
Ló má kọ̀ lu Šàngó.
Olúkòso ọkọ Ọbà, Oya, Ọsun.
A gbọ̀ èdè gbọ̀ ẹnà.
Ọba kòso ọkọ mí, 15
Bálẹ̀ mí ògiri gbẹ̀du.
N ko jẹ kọ̀lù ẹ̀ lónà òdí o.

Oríkì (Evocação) de Xangô (5)

Olúkòso! 1
 Ele que separa as pessoas quando há intrigas.
 Ele que persegue o babalaô, sem que o mesmo tenha tempo para pegar o seu Ifá.
 Tanto na chuva quanto na seca,

não há uma pessoa que Xangô não possa perseguir. 5
Só uma pessoa com força anormal,
só uma pessoa que Exu estiver manipulando
e que tiver coragem de confrontar-se com Exu
é que terá coragem de confrontar-se também
com Xangô.

Só quem quiser ser morto por Xangô 10
é que vai querer enfrentá-lo.
OluKôso, marido de Obá, Oya e Oxum,
que conhece a gramática e a gíria.
Oba Kôso, meu senhor,
meu senhor, o dono dos tambores reais. 15
Jamais me aproximarei de ti para te ofender.

Oríkì Šàngó (6)

Sàngiri-làgiri, 1
Olàgiri-kàkààkà-kí igha edun bọ.
O jàjú mọ ní kó tò pa ní je.
Ó kẹ kàrà, kẹ kòrò.
S'olórò dí jùnjinnì. 5
Èlẹyinjá iná.
Abá wọn jà má jẹbi.
Iwọ ní mo sá dí o. 8

Oríkì (Evocação) de Xangô (6)

Que racha e fasma paredes. 1
Ele deixou a parede bem rachada e pôs ali duzentas
pedras de raio.
Ele olha assustadoramente para as pessoas antes de
castigá-las.
Ele fala com todo o corpo.

Ele faz com que uma pessoa poderosa 5
fique com medo.
Seus olhos são vermelhos como brasas.
Aquele que briga com as pessoas sem ser condenado,
porque nunca briga injustamente, 8
É em ti que busco meu refúgio.

Oríkì Šàngó (7)

Aládó. 1
Aláfín Oyó.
Olúàso àkàtá yeriyerì.
À sán giri, 5
A là giri,
A là giri kàkà f'igha edun bọ,
Ó fi ghogho ayo dá yerì òdodo,
Tòun èrẹwò.
Baba mí ará èyó, ara núpé. 10
Adárfi soògùn.
Olúkòso aládó, olówó orí mí.
Bó tí nje àmàlà pèlú ghègiri,
Bé nàá ló nje àmàlà pèlú ilá.
Oróghó l'òbí Bàbá, 15
Oróghó Bàbá wa nìbì.
Šàngó gbákan lá ódò.
Oba ò ò!
Šàngó ní maa sìn.
Ogiri ẹkun, ní maa sìn. 20
Olúkòso má padà lẹyin mí.
Baba mí a jó bàtá gha Adé.
A jó bàtá s'ogùn.
A jó bàtá f'ajó.

A jó bàrá rógún.
Olú-àdó Bádàbà mí ò!
Olóre mi, à jíkí.
Olóre mi, à jì yò mọ.
Awo tí Šàngó bá t'òjù mí ʒe,
N kò ní òlèlè wí.
Šàngó a gbọ èdè gbọ enà.
Aládó, okọ Oya.
Bádálé orí òòsà męřindílógún.
Gbogbo wọn l'oba fi ʒ'aya.
Bí aya Baba mi, Oya;
Fa òjò l'arẹ,
Olúkòso a fara le
Bí aya Baba mi Oşun;
Bá pọn omi kún àwọn ọtá níná.
Olúkòso a máa s'òkò ara s'ile wọn.
Aghára nbẹ l'owó Šàngó.
Iyí nlá-nlá nbẹ nínú Adé obaa mi.
Ibẹrú nbẹ nínú oşgun Bábá.
Àra nbẹ nínú rẹ pẹlú.
T'ijoyè, t' Babuláwo.
T'osó, T'ájé,
T'okunrin, t'obinrin,
T'omodé, T'aghá,
T'ená, T'omọ,
A tí ológun,
Gbogbo wọn ní nbẹrú Aládó.
Bádálé mi!
B'òkunrin sìn ó,
Yóò d'iri rẹ, yóò sí sán yẹri pupa pẹlú.
Bádálé mi,
Akógbóná kálúú.

25

30

35

40

45

50

55

Atóbajáyé.
Àjẹlẹ bí eégún, obakòso!
Apani má yodá.
Ọtá òpúrọ.
Oloju agada bí iná.
Oloju agada, f'ojú rere wo mi.
Ani-édun labaja.
Kábíyèsí! Kábíyèsí! Kábíyèsí!
Oba-kò-so!
A sàngiri.
A làgiri.
O fàrà dárà.
Kí òkàndérúgbu edun bó.
Oní mú nsín mú, eké nsa
Atá wọn ká nìbí wọn gbé ndáná irọ.
Ọlọlọ tí nfi enu èke lẹlẹ.
Aládó, a jó ògiri gbédu.
Oba láálú.
Ó mori akọ,
Ó fi gbárf abo.
A f'òrọ Oşun odún ʒàkàwé wọ.
Šàngó elẹrin ajoyo.
Šàngó láálú, aláya męřindílógún,
Oòsà ní gbogbo wọn.
Máa jibá àwọn aya haba mi.
Šàngó, okọ Oya;
Héepà Oya Orí, ẹfúfú lẹlẹ tí ndagí lókè-lókè,
Oya a ríná bora bí aşọ.
Šàngó, Okọ Oşun,
Káre ò Oşun, Ijẹsà Omọ-Obòkun.
O wá yanrin-wá-yanrin kówó sí.
A fidẹ remọ.

60

65

70

75

80

85

97

*N ó jábà Qbà pèlú,
 Qbà ò jòwú aya Sàngó.
 Ó torí owá kofá s'ápá.
 Ibà gbogbo eyin òòsà méréndínlógún,
 Tí nbe lówó Sàngó,
 Ogírí Eléyinjá egé.
 Anírun láyà bí orí.
 Qmọ ọwọran tí í wọ́n àrùn lósé,
 Qmọ ọwọran tí í wọ́n 'ká lósé.
 A bí gbogbo ara wa s'igàsìgà.
 Qba-ko-so, a ní s'ẹ̀ẹ̀rẹ̀ Ogun lẹ́yinjá.
 Akógbòoná-kálúú.
 Mǎ bá mí jà.
 N ò sí nínú wọ́n.
 Ọjọ pẹ̀bọra le guregure.
 Olójú orógbó.
 Eléẹ̀kẹ obì.
 Ogbó náńkọ ló kélúńbó.
 Ogbó náńkọ ló ní ilá.
 Ogbó náńkọ ló ní gbẹ̀gírí.
 Sàngó ará Oyó.
 A jí f'agbò yonu.
 O jẹ àkùkọ toun orí ẹ.
 Gbẹ̀gírí nbe.
 Ilá nbe.
 Sàngó aláṣo-osùn.
 Mo tó ọ bọ ọ.
 Iwọ ní máa bọ ẹ̀jẹ́ alé mí kedere.
 Aládó, onílẹ̀ glà!
 Oníná-lẹnu.
 Gbàní ol'
 Oko'ó mí,*

90

95

100

105

110

115

*Gbó tẹmí.
 Sàngó, Asàngún dẹ́yinjá.
 Obakòso, aṣa nínlá orí pamọ.
 Ogírí ẹkùn, akó wọ́n jọ bá wọ́n wí.
 Aládó, a bá wọ́n jà má jẹbí.
 Mǎ bá mí jà o,
 N ò ní owó ẹbọ nílẹ.
 Láàlú, Qba tí kò so,
 A lápa dúpẹ.
 Obakòso, ó jẹ àgbò, j'ẹran awun.
 Olósé àrà.
 Olóré mí!
 Ogírí ẹkùn.
 A bójú agada bí iná.
 Iná lójú.
 Iná lẹnu.
 Aghàrà ọjó tí bá wọ́n jà.
 Tí nbá ojúde àwọ́n ọtá lẹ.
 Atóbàjayé, Baba mí, sọmí dínín sọmí d'ìgbà.*

120

125

130

135

Oríkì (Evocação) de Xangô (7)

*Oh, Aquele que racha o pilão.
 Rei de Oyó.
 Oluaṣo, o Dragão Faiscante
 Aquele que racha paredes.
 Aquele que abre paredes.
 Ele que abre as paredes e ali põe duzentas
 pedras de raio.
 Ele que usa todo seu tecido para fazer
 uma saia vermelha
 cheia de búzios.*

Meu pai da cidade de Oyó e da terra nupe,
 que corta cabeças com fins mágicos 10
 Oluaso Alado, dono da minha cabeça.
 Do mesmo modo que ele come amala com gbègiri,
 Com o mesmo prazer come amala com quiabo.
 Orogbo é o obi de meu pai.
 O orogbo de meu pai está aqui. 15
 Xangô, que racha o pilão de uma só vez com
 toda a força.
 Vossa Majestade!
 É a Xangô que cultuarei.
 Ao Leopardo Feroz eu cultuarei.
 OluKôso, não me abandone! 20
 Meu pai que dança bātá na hora de ser coroado.
 Ele dança bātá para fazer magia.
 Ele dança bātá para atrair a chuva.
 Ele dança bātá para ir à guerra.
 Olu-ado é meu grande pai. 25
 Meu benfeitor, a ser louvado pela manhã.
 Meu benfeitor, ao acordar nos alegramos com a idéia
 de tê-lo.
 Qualquer mistério que Xangô fizer em
 minha presença,
 não o revelarei quando chegar em casa.
 Xangô que entende a língua seja ela cifrada
 ou explícita. 30
 Alado, marido de Oya.
 O senhor esposo de dezesseis orixás.
 Ele tomou todas por esposas.
 Quando Oya, a esposa de meu pai,
 atrai a chuva pela manhã, 35
 OluKôso lança raios por cima.

Quando Oxum, a esposa de meu pai,
 enche a barriga de seus inimigos com água,
 OluKôso lança raios sobre suas casas. 40
 Há muita força na mão de Xangô.
 Há muito a ser louvado na coroa de meu rei.
 Há muito temor da magia de meu pai.
 Há muito mistério em sua magia também.
 Tanto o chefe, quanto o babalaô,
 tanto o oso como o aje, 45
 tanto o homem como a mulher,
 tanto o adolescente como o adulto,
 tanto o escravo como a criança
 e também os magos, 50
 todos temem a Xangô.
 Meu Senhor,
 se o homem te cultuar,
 trançará os cabelos e vestirá saias vermelhas
 para tua festa. 55
 Ele que causa problemas na cidade.
 Que é forte o bastante para querermos viver com ele.
 Que come qualquer coisa com a violência de quem
 rói um osso.
 Que fere sem usar armas.
 Inimigo dos mentirosos.
 Que tem olhos que parecem adagas de fogo. 60
 Tu que tens olhos de adaga, me olhe com bons olhos.
 O teu abajá possui a força de uma pedra atingida
 pelo raio.
 Vossa Majestade! Vossa Majestade! Kabiyesil!
 O rei que não se enforcou!
 Que racha paredes. 65
 Que abre paredes.

Que faz coisas misteriosas com o raio.
 Que faz cair duzentas e uma pedras de raio.
 Alguns põem em dúvida (franzem o nariz) e o mentiroso foge.
 Ele que espanta os grupos de intrigantes. 70
 A divindade que esfrega a boca do mentiroso no chão.
 Alado, que dança ao som do tambor real.
 Famoso rei na cidade.
 Ele que pega a cabeça do homem e bate na da mulher. 75
 Ele que ainda discute sobre casos ocorridos há mais de vinte anos.
 Xangô, todos veneramos teu bom humor.
 Xangô, o famoso na cidade, senhor de dezesseis esposas,
 todas elas orixás.
 Saudarei todas as esposas de meu pai. 80
 Xangô, marido de Oya.
 Eepa Oya! A Chamosa, a Grande, a Tempestade que corta as copas das árvores.
 Oya, que se veste de fogo.
 Xangô, marido de Oxum.
 Kare o Oxum! Ijêsa filhos de Obokun. 85
 A que cava e cava a areia para enterrar dinheiro.
 Que enfeita seu filho com bronze.
 Eu saudarei Obá também.
 Obá, a mulher ciumenta, esposa de Xangô,
 que enciumada fez várias incisões ornamentais na pele. 90
 Saúdo as dezesseis orixás casadas com Xangô.
 Xangô, o feroz que tem olhos bonitos.

Cujos pelos do peito se parecem com os da cabeça.
 Filho de Owoṣṣran, que atira o oṣé contra as doenças. 95
 Filho de Owoṣṣran, que atira o oṣé contra a morte.
 Ele cujo corpo está sempre vigoroso.
 O rei que não se enforcou, cujos olhos possuem a força de uma cabaça repleta de magia.
 Ele, que causa problemas na cidade. 100
 Não brigue comigo,
 não faço parte deles.
 O orixá feroz, que se irrita quando toma chuva.
 Que tem olhos em formato de *orogbo*.
 Que tem bochechas redondas como obi.
 Esse orixá é dono do *elubo* (farinha de *amala*). 105
 O forte que é dono dos quiabos.
 O forte que é dono da sopa *gbègiri*.
 Xangô das terras de Oyó.
 Que come carneiro ao acordar.
 Que come galo com cabeça e tudo. 110
 Temos *gbègiri*,
 temos *ila* (quiabo).
 Xangô, dono da roupa vermelha,
 eu posso te cultuar.
 É a ti que cultuarei até o fim da minha vida. 115
 Alado, o dono da casa da fortuna.
 Aquele que solta fogo pela boca,
 salva-me!
 Meu Senhor,
 ouça os meus problemas. 120
 Xangô, que é duro e forte até no olhar.
 Alado, que não se enforcou e que tem poder sobre o ori das pessoas importantes.

Ogiri Èkun, Leopardo Feroz, que reúne as pessoas e
as castiga coletivamente.
Alado, aquele que briga sem ser censurado,
não brigue comigo. 125
Não tenho dinheiro em casa para fazer os ebós.
O famoso na cidade, Rei que não se enforcou.
Aquele que castiga e os parentes da vítima
agradecem, para evitar o retorno
de sua fúria.
Obakôso, que come carneiro e tartaruga.
O dono do oŕe milagroso. 130
O meu benfeitor.
Ogiri Èkun, Leopardo Feroz.
Ele possui olhos penetrantes como adagas e
brilhantes como o fogo.
Fogo nos olhos.
Fogo na boca. 135
A força da chuva que briga com os inimigos.
Que passa livremente em frente às casas dos inimigos.
Aquele que é forte o bastante para dar vida às
pessoas, meu pai, me multiplique por
duzentos e por quatrocentos.

Orikì Šàngó (8)

Šàngó olóko mēfà bí àjànákú. 1
Onígbe à nsúré fún.
Obakôso, hangúdù šákí.
Šàngó pọ lókúnrin.
Šàngó ló nbò tí baálé sáré lọ ra àghò. 5
Šàngó a pa ní láya bí ara.
Obakôso a jà bí èkún.

Baba mi, alápá dúpé, ọkọ Oya.
Èní ngba èyin kulé wolé ọdálé, 10
Šàngó a tó fişé ogun ran,
Aláfún Oyó.
Šàngó kò sẹ fi şiré.
Baálé orí Oya.
Kábíyèşì ò!
Šàngó ghákan ládò, 15
Èlẹ́yinjá egé,
Bàbá tó fẹ́ràn láti má jó bàtá.
Ara ba ilé, ilé lá wàrà.
Èkún òkè.
Èdun kan soşo l'ófi pa ènià mēfà. 20
Šàngó ọmọ òrìşà tí nǵe Ọránmíyàn.
Ológun tí nfi ológinní dúdú şe àşẹşẹ.
Ọba aláşẹ lẹnu.
A fò, kí ghogho ilú mí jiji.
Šàngó, olóko mēfà bí àjànákú. 25
Obo tí ó ghójú,
Kò lè k'òko l'ọju.
Šàngó olú, olóşé ara.
Ọba wa, àrin l'ójo rin l'ẹrin.
Šàngó a gbé eni, mà yọ ẹşé. 30
N jẹ f'ọjù bàtá wò ẹ.
Šàngó burá, ẹ má f'owó pa idà rẹ.
Šàngó a fi ghogho ara ghóná hí irin àgbède.
A gbọ fàn gangan erin má sàa.
Ọkọ iyá onibéji. 35
A fi eni jẹnjẹné má mu, tó lè kọlu Šàngó.
A rẹrin má là ẹnu.
Ọba a mú ọmọ má iyá.
A wúwo ma şee gbé.

Ekùn ará Oyó.
 Apá àghò fí èjé rẹ wẹ.
 A jẹ igba orógbó loójó.
 Ó lú kóró wọ inú èkáránán iyá olókà,
 Ntorí wípé ó rò okà kò fun jẹ,
 O wá ní lógun odún, ò nín ro okà mọ.
 Oní 'gbá wa bèrẹ sí gbé igbá,
 Aláwo wá bèrẹ sí gbé áwo,
 T'omodé, t'ágbà, áti iyòyè ghogbo wọ, wá nbẹ Sàngó.
 Kábíyèsí, ẹ má sẹ Sàngó,
 Lákíyodé, ní òun kí nghégbẹ.
 Aládó, a mu epo bí ẹni mu omi.
 Á mu èjé bí ẹni mú otí.
 Á re ọrun má f'èsè rín.
 O f'ara l'álẹ.
 Kíni Ọba nlálẹ fún?
 Ará ode ọrun ní Ọba nmá.
 Baba nlá, a kọ má gbé èbó èké nà,
 Sàngó a f'orí akọ gbá orí abo,
 Ó dāmú olórọ dāmú olówo,
 Sàngó, iná mọ ẹni à njó.
 Ghogbo ilú ndiye Sàngó.
 Ojọ pa wèrèpè dí ẹni à nkplù.
 A tí ẹni díte, áti ẹni ò díte.
 Kò sí ẹni tí òrìsà yí kò le pa.
 Ó tìnú iyara bá ghogbo ilu jà.
 Ó tí balòwé múra Ọgun.
 Ológun, àrin má kò èmọn lónà.
 A kọkplúkọ ẹbọra.
 A r'ajá l'owó Elédúmaré.
 Inájà ẹkùn tí nderu bódé.
 Sàngó, onilábà tí nmá ní jínjinni, a kò Eṣù má yà.

40

45

50

55

60

65

70

Ọba ní jìgàn-ẹkùn.
 Bí olúkòso bá sọrọ, jínjinni a má ghogbo iyòyè,
 Sàngó má fí jínjinni rẹ nú mí o.
 Jínjinni ara.
 Ọkúnrin kítàkítà, Ọkúnrin kítikítì.
 Orìsà wàràwéré bí atégùn.
 Sàngó, olúkòso ogiri ẹkun, alaghara.
 Sàngó lẹgèdẹ etí odò, tí a bẹ tí ó tún yó.

75

79

Oríkì (Evocação) de Xangô (8)

Xangô, com pênis do tamanho do pênis do elefante.
 Senhor da mata sagrada, do qual todos fogem.
 Obakòso, rei poderoso.
 Homem que vale por mil.
 Xangô está chegando e o dono da casa corre para
 comprar carneiro.
 Xangô, que nos assusta como o trovão.
 Obakòso que luta como um leopardo.
 Meu pai, que castiga e recebe agradecimentos por
 isso, marido de Oya.
 Ele que entra na casa do traidor pelos fundos.
 Xangô, o grande homem através do qual se pode
 declarar guerra.
 Alafin de Oyó.
 Não se pode fazer pouco caso de Xangô,
 o marido de Oya.
 Kábíyèsí-ò!
 Xangô, que racha o pilão de um só golpe
 com o raio.
 Cujos olhos bonitos são verdadeiras armadilhas.
 O pai que gosta de dançar ao toque do bàtá.

1

5

10

15

O raio atingiu a terra e ela se abriu.
 O Leopardo que fica no alto
 matou seis pessoas com um único raio. 20
 O filho do orixá chamado Qrânmiyân
 O mago que faz magia àfèrè com um gato preto.
 O rei que tem axé nas palavras.
 Que ao falar deixa toda a cidade tremendo.
 Xangô, com pênis do tamanho do pênis do elefante. 25
 Uma vagina fraca
 não pode suportá-lo.
 Xangô, a divindade que possui o oṣe milagroso.
 Nosso rei que anda na chuva e na seca.
 Xangô, que apoia uma pessoa sem nunca recuar. 30
 Jamais olharei para você com descaso.
 Xangô é feroz, não passem a mão em sua espada para
 não irritá-lo.
 Xangô, com o corpo em brasa como o ferro quente na
 forja.
 Ele ouve o elefante barrir com sua tromba, sem se
 assustar com isso.
 O orixá daqueles que têm gêmeos. 35
 Só quem quiser tremer de medo, pode desejar um
 conflito com Xangô.
 Ele que sorri sem abrir a boca.
 Ele que pune o filho e a mãe juntos.
 Ele que é pesado e não pode ser carregado.
 Ele, Leopardo cidadão de Oyó. 40
 Que mata o carneiro para banhar-se com seu sangue.
 Que come duzentos orogbo por dia.
 Ele abriu completamente o dedo da mulher que
 cozinha ọka
 por que esta fez ọka sem oferecer a ele.

Então ele disse que nos próximos vinte anos ela não
 fará mais ọka. 45
 Aqueles que têm cabeça, que a carreguem (mostrem
 conhecimentos de cura).
 Aqueles que têm pratos, que os carreguem (mostrem
 conhecimentos de cura).
 As crianças, os adultos e os conselheiros pedem
 perdão a Xangô (pelo que aconteceu à
 mulher que cozinhou ọka).
 Kábiyèsí! Não provoquem Xangô.
 Lakiyode, ele não aceita desculpas. 50
 Alado, que bebe azeite de dendê como se fosse água.
 Que bebe sangue como se fosse uma bebida qualquer.
 Ele vai ao mundo invisível sem precisar andar.
 Ele usou raios para abrir a terra.
 Para que o rei abriu a terra? 55
 Ele está se preparando para uma viagem ao
 mundo invisível.
 O grande pai que faz com que o ebô do mentiroso
 não tenha efeito.
 Ele faz com que o homem se desentenda
 com a mulher.
 Ele atrapalha o pobre e o rico.
 Xangô, o seu fogo sabe a quem queimar. 60
 Toda a cidade se voltou contra Xangô.
 A urtiga se molhou com a chuva, perdeu seu irritante
 ardor e foi possível tocá-la.
 Tanto os falsos quanto os verdadeiros,
 não há quem esse orixá não possa matar.
 Ele, de dentro do quarto, brigou com toda a cidade. 65
 Ele, dentro de seu banheiro, aprontou-se
 para a guerra.

O mago que anda sem encontrar nenhum fenómeno
estranho pela frente.
O Venerável poderoso
que compra briga com Eledunmare.
O leopardo de olhar fixo que assusta os caçadores. 70
O dono do labá que nos assusta; que encontra Exu na
estrada e não cede passagem a ele.
O rei que é temido como um leopardo.
Quando Xangô falava todos os conselheiros
estremeciam.
Xangô, não me gele com seu olhar aterrador.
Aquele que está habituado ao raio. 75
Um homem preocupado, um homem despreocupado.
Orixá ágil como o vento.
Xangô, divindade forte, feroz e grandiosa.
Xangô, a bananeira à margem do rio, que cortamos,
mas logo renasce. 79

Orin Şàngó (1)

Şàngó elégùn okò ghogbo wa o. 1
Şàngó elégùn okò wa o.
Wọn ní kò s'òrìşà.
Şàngó nì elégùn okò ghogbo wa.
Kábiyèsí olúkòso! 5
Olóre wa!
Bàta fíbi şààşà şojú. 7

Cantiga de Xangô (1)

Xangô Eḷegun, a nossa divindade. 1
Xangô Eḷegun, a nossa divindade.
Eles dizem que não existe orixá.
Xangô, a nossa divindade.
Vossa Majestade, OluKòso. 5
Nosso protetor.
O couro do seu tambor bàtá é macio. 7

Orin Şàngó (2)

Mogbà: Şàngó bí o bá da Ifá l'òrun, 1
Şàngó dá tiwà nàà o.
Adóşù: Gba wa o Şàngó.
Mogbà: Şebi okò iyawo l'alábarò,
Adóşù: Şàngó l'alábarò tiwà o. 5
Mogbà: Bì Şàngó nì oun yoo gbe nì,
Adóşù: Ko nì şai gbé nì.
Mogbà ati Adóşù: Şèrèjobi baba wa.
Ire Şàngó bá mí bọ.
Olúkòso òrìşà wa.
Ao fi orí balé, fun o. 10
Ató bá jayé,
Iránmọlẹ̀ tí n wọ ẹ̀wà òdodo.
Orìşà wa òòòòòò!
O rán omọ́ lógún bá omọ́ lẹ̀,
Şàngó ba mí díle iyá mí. 15
Şàngó ma fi mí na iyá mí.

Cantiga de Xangô (2)

- Mogbà: Xangô, onde estiveres, se consultares o jogo
de Ifá, consulta para nós também. 1
Adóšù: Salva-nos Xangô.
Mogbà: O marido é o conselheiro da esposa.
Adóšù: Xangô é nosso conselheiro.
Mogbà: Se Xangô disser que vai nos apoiar, 5
jamaiz deixará de fazê-lo.
Mogbà e Adóšù: Šêréjòbí, o nosso pai.
A sorte de Xangô veio comigo.
OluKòso, meu orixá!
Saudaremos você, 10
Xangô, o suficiente para se viver com
ele na vida.
A divindade que se veste de vermelho.
O nosso orixá ó ó ó.
Ele que manda seu filho para a guerra
e o acompanha.
Xangô siga-me até a casa da
minha mãe. 15
Xangô, não me tire da minha mãe
(através da morte).

Orin Šàngó (3)

- Mogbà: Šàngó dé o! 1
Okọ Oya o.
Adóšù: Agbénà gengen lénú.
Šàngó rè ó!
Mogbà: Olúkòso òl 5
Šàngó rè ó
Oríșà rè ó
Adóšù: Olúkòso a forí àgbàghà méjì kan rà wón,
Aforó Ogán ọdún šàkàwé wọ.
Olúkòso n ò jẹ fi ó šere. 10
Mogbà: Šéře mbẹ lẹwọ mí.
Adóšù: Šàngó elérin ajọbọ.
A kówó rarí.
A kówó raré.
A ràá jíl. 15
A ràá jà lẹwọ Elédùnmaré.

Cantiga de Xangô (3)

- Mogbà: Xangô chegou. 1
Marido de Oya.
Adóšù: Que carrega fogo na boca.
Aqui está Xangô!
Mogbà: OluKòso! 5
Aqui está Xangô!
Aqui está o orixá!
Adóšù: Orixá que faz duas pessoas se desentenderem.
Vinte anos depois de uma briga ele continua
ofendido.
OluKòso, jamais menosprezarei você. 10

Mogbà: O *şere* está em minha mão.
 Adóşù: Xangô, teu sorriso é cultuado por todos.
 Ele usa dinheiro para comprar orl.
 Ele usa dinheiro para comprar coisas boas.
 Ele usa dinheiro para comprar
 vendavais.
 Ele arruma briga com Eledunmare.

15

Orin Şàngó (4)

Mogbà: Şàngó rè
Láklyodé ô
Şàngó re

1

Adóşù: *Orişà re ó.*
 Mogbà: *Qbakôso!*

5

Qlômq yôyô
Iná loju, ina lenu.
Gbéngbê àrìrà ríjà, ô yô şşşşşş
Ará Qyô.
Káblyèsí mo gbôrôpô rë.
Ibí a fôkè sí ní aó bókè.
Qkúnrin yávrán yávrán bí ejí alé,
Qkúnrin kitàkità bí ejí iyálèta.

10

Adóşù: *Şàngó má pa mí.*
Qbakôso arówó r'ajá òògún.
Orógbó ní ẹ má wá.
Şàngó wa kí ẹ ida obì.
Şàngó olúkôso ará wa.

15

Mogbà: *Bí iyán bá jogún odún,*
È má ẹ sọ sí igbó.
Bí okà bá ẹ ogbôn oşu,
E má ẹ gbe sọ dànù.

20

Bí gbégirí bá ẹ igba odún,
È má ẹ gbe sọnú.
Gbogbo rè olúnje Şàngó ní wọn nşe.
 Adóşù: *Olúkôso à tú wọn ká níbí wọn gbé ndanà irô,*
Şàngó rè ó!
Orişà rè ó!
Olúkôso ó,
Şàngó rè ó.
Orişà rè ó.

25

30

Cantiga de Xangô (4)

Mogbà: Xangô está aqui.
 Lakiyode!

1

Xangô está aqui.
 Adóşù: Aqui está o orixá.

5

Mogbà: *Qbakôso!*
 Ele tem muitos devotos.
 Olhos vermelhos como brasa e fogo na boca.
 Arirã viu briga e ficou excessivamente feliz.
 Cidadão de Oyo!
 Vossa Majestade! Ouvi teus recados!
 A montanha é imutável e é sempre vista
 onde foi deixada.
 Deslumbrante como a chuva da noite.
 Homem que se agita como a chuva do dia.

10

Adóşù: Xangô, não me mate.
 Obakôso tem dinheiro prá comprar material
 e fazer magia.
 Tragam orógbó,
 Xangô não come obi.
 Xangô, senhor do raio.

15

Mogbà: Se iyan tiver vinte anos,
 não joguem no mato. 20
 Se oka tiver trinta meses,
 não joguem fora.
 Se gbègìrì tiver duzentos anos,
 não joguem fora.
 Todas estas são comidas de Xangô. 25
 Adóṣù: OluKòso, que separa as pessoas que estão
 fazendo intrigas.
 Aqui está Xangô
 Aqui está o orixá.
 OluKòso. 30
 Aqui está Xangô.
 Aqui está o orixá.

Orin Ṣàngó (5)

Láàlú ò ò!
 Baba wa tí n s'angirí!
 Olúkòso tí n l'agírí!
 Ó ṣ'òkò fún èké,
 Ó ṣ'òkò fún olé,
 Olóló tí nṣenu èké lólé,
 F'enu wọn lólé,
 Olóló tí nṣenu olé lólé,
 F'enu wọn l'ólé.
 Baba mi!
 F'enu wọn lólé,
 Awón otá wa.
 F'enu wọn lólé.
 F'abò rẹ̀ bò wá.
 Láàlú, f'abò rẹ̀ bò wá. 15

Qtá pò.
 Qtá nbẹ.
 F'abò rẹ̀, bò wá.
 Láàlú gbakòso!

19

Cantiga de Xangô (5)

Oh, famoso na cidade. 1
 Nosso pai que racha paredes.
 OluKòso, que abre paredes.
 O justiceiro que age contra os falsos.
 O justiceiro que age contra os ladrões. 5
 A divindade que esfrega a boca do falso no chão.
 Esfregue a boca deles no chão!
 A divindade que esfrega a boca do ladrão no chão.
 Esfregue a boca deles no chão!
 Meu pai. 10
 Esfregue a boca deles no chão!
 Dos nossos inimigos,
 Esfregue a boca deles no chão!
 Proteja-nos.
 Oh famoso na cidade, proteja-nos com tua força. 15
 Há muitos inimigos.
 Há inimigos.
 Cubra-nos com tua proteção!
 Láàlú, Oba Kòso. 19

Orin Şàngó (6)

Mogbà: Şàngó rè ó!	1
Lákiyodé ó!	
Şàngó rè ó!	
Orişà rè ó.	
Ègbè: Şàngó dé o	5
Lákiyodé dé o	
Şàngó dé o	
Oòşà dé o.	
Mogbà: A mò pé	
Qdún, yabo o, e e e!	10
A mò pé	
Qdún, Yabo o, a a a,	
Ègbè: Ènì bá wplé onşàngó ò	
A mò pé qdún yabo sẹ	15
Ènì bá d'élé òòşà wa	
A rí wplé qdún yabo fún wa.	

Cantiga de Xangô (6)

Mogbà: Vejam Xangô!	1
Lakiyode o	
Vejam Xangô!	
Aquí está o orixá!	
Coro: Xangô chegou.	5
Lakiyode chegou.	
Xangô chegou.	
O orixá chegou.	
Mogbà: Saberá que	
a festa correu bem, eh eh!	10

Saberá que

A festa correu bem, ah ah!

Coro: Quem entrou na casa dos cultuadores de

Xangô

saberá que a festa correu bem.

Quem chegou à casa do nosso orixá

verá que os sacrifícios nos foram favoráveis.

15

Orin Şàngó (7)

Mogbà: Şàngó ò!	1
Kòtò ré o!	
Bàbá mí má gha bẹ o.	
A ladó mí, má wọ bẹ o.	
Adóşù: Kòtò ré o!	5
Bàbá mí, má gha bẹ.	
Bàbá mí, má gha bẹ mo wí.	
Bàbá mí, má gha bẹ o.	
Bàbá mí, má gha bẹ mó tún wí.	
Kòtò ré o!	10
Olúkòso, má wọ bẹ o.	
Olúkòso mí, má wọ bẹ mo wí.	
Olúkòso mí, má wọ bẹ o.	
Olúkòso mí, má wọ bẹ mo tún wí.	
Mogbà: Kòtò ré o, Bàbá mí má gha bẹ o.	15
Kòtò ré o, Bàbá mí má wọ bẹ o.	

Cantiga de Xangô (7)

Mogbà: Xangô o!	1
Olha o buraco!	
Meu pai, não vá por aí!	
Meu Alado, não entre aí!	

Coro: *Aí tem um buraco,* 5
meu pai, evite ir por aí!
Meu pai, eu digo novamente, evite ir por aí.
Meu pai, não vá por aí.
Meu pai, eu repito, não vá por aí.
Aí tem um buraco, 10
OluKòso, não entre aí.
Meu OluKòso, não entre aí, eu disse,
meu OluKòso, não vá por aí.
Meu OluKòso, eu repito, não vá!
 Mgbà: *Aí, tem um buraco, meu pai o evite.* 15
Aí tem um buraco, não entre aí, meu pai.

Orin Sàngó (8)

Mgbà: *Atóbájayé* 1
Aládò nkò?
 Adóşù: *Ó wà nlé, òòşà!*
 Mgbà: *A-tó-bá-jayé, Sàngó nkò?*
 Adóşù: *Ó wà nhl.* 5
 Mgbà: *A tóbájayé mi nkò o?*
 Adóşù: *Ó wà nhl.*
Ó wà nhl o.
Ó wà nhl o.
 Mgbà: *Qdún wá dé o,* 10
Enyin qm q òòşà
E wá şé o.
 Adóşù: *É è è, qdún wá dé o.*
É è è, à wá şé o.
 Mgbà: *Qdún wá dé o,* 15
Enyin qm q Irúnmalé,
E ó şé.

Tàhl, é ò ní şé.
Enyin qm q Irúnmalé o.
 Adóşù: *A ó şé* 20
Awa qm q Irúnmalé o.

Cantiga de Xangô (8)

Mgbà: *Atóbájayé, aquele que é forte o bastante para*
nos dar vida, 1
Alado, onde está?
 Adóşù: *Ele está em casa, o orixá.*
 Mgbà: *Atóbájayé, Xangô onde está?*
 Adóşù: *Está aqui.* 5
 Mgbà: *Aquele que é forte o bastante para me dar*
vida, onde está?
 Adóşù: *Está aqui.*
Está aqui mesmo.
Está aqui mesmo.
 Mgbà: *Chegou a hora da nossa festa.* 10
Vocês, filhos do orixá,
venham fazer a festa.
 Adóşù: *Eh eh! chegou a nossa festa.*
Eh eh! viemos comemorar.
 Mgbà: *a nossa festa chegou,* 15
vocês, filhos de Irúnmalé,
vocês vão fazer a festa
ou não?
Vocês, filhos de Irúnmalé.
 Adóşù: *Nós vamos fazer,* 20
nós, os filhos de Irúnmalé.

Orin Şàngó (9)

B'ólúkòso duro,
Omọ tani fẹ́ dúró?
K'Ọya yòdà,
Omọ tani ó dúró?
K'Ọya fà 'jì o,
Kí Şàngó f'òjò lẹ.
Awọn ọtá ò ní dúró,
Kí Şàngó fara o.
K'Ọya f'aná,
Iyá tani tó dúró?
Awọn wo ní o dúró o?
Awọn tani tó dúró?
Omọ tani tó dúró sẹ.
Bí Şàngó hínu o,
K'Ọya máa p'ògèdè,
Awọn wo ní yóò dúró?
Awọn ọtá ò tó dúró.
Bí Şàngó bá sọ ara sílẹ wọn,
Awọn ọtá ò ní dúró sẹ.
Wọn ò ní dúró o.
Wọn ò lẹ dúró.
Eré ní wọn ó máa sá.
Olúkòso o!
Bàbá wa lònşà.
Ọba wa lóòşà, à nín wí.
Aládò o!
Bàbá wa lóòşà.

1

5

10

15

20

25

Cantiga de Xangô (9)

Se OluKòso entrar em pé de guerra,
 quem o desafiará?
 E se Oya brandir a espada,
 quem a desafiará?
 Oya, conduzindo o vento,
 Xangô, atraindo a chuva,
 espantarão os inimigos.
 Se Xangô conduzir o raio
 e Oya o fogo,
 qual mãe, mesmo em defesa dos filhos, os
 desafiará?
 Quem permanecerá?
 Quem poderá permanecer?
 Quem poderá esperar?
 Quando Xangô se irritar
 Se Oya evocar encantamentos,
 quem permanecerá?
 Os inimigos são incapazes de ficar
 quando Xangô lança um raio em suas casas.
 Os inimigos não ficarão de modo algum.
 Oh, eles não vão ficar.
 Eles não podem ficar.
 Eles correrão desesperadamente.
 OluKòso-o!
 Nosso pai é orixá!
 Nosso rei é orixá! nós repetimos.
 Alado-o!
 Nosso pai é orixá!

1

5

10

15

20

25

Orin Šàngó (10)

Aládò!
 Agbáda gbègìrì,
 Nbẹ n'ílẹ̀ o.
 Àmàlà nlá, nlá, nbẹ n'ílẹ̀ o.
 Šàngó òdòdò!
 Àwà yóò fí bo 'rínmọ̀lẹ̀,
 Irínmọ̀lẹ̀, irínmọ̀lẹ̀ o!
 Irínmọ̀lẹ̀.
 A tí m'áṣọ̀ òdòdò bòòṣà wà,
 A m'áṣọ̀ òdòdò bòòṣà.
 Aládò Bàbá mí!
 Šàngó ijó nbẹ l'ésẹ ọmọ awo.
 Ó nbẹ l'ésẹ ọmọ awo o.
 Ó nbẹ.
 B'ibọ l'amá bọ ọ, o.
 Kíkí nì a máa kẹ ọ.
 Šàngó, a jó bàtá gbayí.
 Atóo f'òòṣà m'érindílógún s'aya.
 Aládò, a gbọ bàtá gba 'sé.

Cantiga de Xangô (10)

Alado!
 Nós temos uma gamela repleta de gbègìrì.
 Está em casa.
 Temos em casa, grandes porções de amala.
 Xangô ó ó ó!
 Vamos usar tudo isso para fazer oferenda ao orixá.
 Oh orixá! Oh orixá!

Orixá!

Vestimos nosso orixá de vermelho.
 Cobrimos nosso orixá de vermelho, Alado! 10
 Alado, meu pai!
 Xangô tem dança nos pés do iniciado.
 Ela está nos pés do iniciado.
 Ela está lá.
 Usaremos os elementos apropriados ao sacrifício e
 ofereceremos a ti. 15
 Usaremos os orikì para te saudar e louvar.
 Xangô, que é louvado quando dança ao som do bàtá,
 Que tem força para tomar dezesseis orixás femininos
 por esposas.
 Alado, que ao ouvir os toques do tambor bàtá, recebe
 seus sacrifícios. 19

Orin Šàngó (11)

Aghára nbẹ l'ára èlégùn Šàngó. 1
 Ijó wà l'ésẹ èlégùn Šàngó.
 Bàtá nbẹ pelu olóòṣà yíl.
 Maa jó s'ílẹ̀ òrìṣà,
 Maa jó s'òde o. 5
 Maa bọ Šàngó.
 Olúkòso aládò nbẹ n'ílẹ̀ wà o.
 T'oun t'Ọya ní wọn jó nbẹ n'ílẹ̀ wà o.
 T'oun t'Ọsun ní wọn jó nbẹ n'ílẹ̀ wà o.
 T'oun t'Ọbà ní wọn jó nbẹ n'ílẹ̀ wà o. 10
 Kábiyèsí!

Cantiga de Xangô (11)

Há grande força no corpo do *ẹ̀lẹgun* de Xangô.
Há dança no pé do *ẹ̀lẹgun* de Xangô.
Bátá está junto desse orixá.
Eu danço para dentro da casa do orixá.
Eu danço para fora da casa.
Eu cultuarei Xangô.
OluKòso Alado está em nossa casa.
Ele e Oya estão em nossa casa.
Ele e Oxum, estão em nossa casa.
Ele e Obá estão em nossa casa.
Vossa Majestade!

Orin Şàngó (12)

Bátá re o
Ára Şàngó re o
Aré re o
Ara mbẹ o, aré dé o.
L'ówó Şàngó ọkọ Oya.
Ara re o.
Bábá wa olúkòso.
Iwọ lo mọrọ tó b'Ọya sọ.
A gbéré wa dé,
Bí ẹ ò bá gbọ bátá
E ò gbọdọ jó.
Bí ẹ ò bá júbá ọba kòso
E ò gbọdọ kọrin o.
A tí dé pẹlú eré wa o,
Á wá júbá Şàngó
Ibà o!

Kábíyèsí, Ọba nlà!

Ibà, ibà o!
Kí ibà wa ẹ o.
Ibà, ibà wa à ẹ o.
Á ẹ s'ówó o!
Á ẹ s'òmp o!
Ibà, ibà wa yóò m'àşẹ wá o
L'ólá bábá mi şàngótólá
Ibà, ibà wa yóò m'àşẹ wá o.

Cantiga de Xangô (12)

Aqui está o bátá.
Aqui está o mistério de Xangô.
Aqui está a festa.
Há mistério, chegou a festa.
Nas mãos de Xangô, marido de Oya.
Aqui está o mistério.
Nosso pai, OluKòso,
tu sabes o que conversou com Oya.
Chegamos com nossa festa.
Se vocês não ouvirem o bátá,
não poderão dançar.
Se vocês não saudarem Ọbakòso,
não poderão cantar.
Chegamos com nossa festa.
Viemos trazer saudações à Xangô.
Saudações!
Vossa Majestade, o grande rei!
Nós te saudamos! Nós te saudamos novamente!
Que nossas saudações sejam aceitas!
Saudações! Nossas saudações serão aceitas!

Nossas saudações serão confirmadas, trazendo-nos prosperidade,
 Nossas saudações serão confirmadas trazendo-nos fertilidade.
 Saudações! Nossa saudação trará axé.
 Com a graça de meu pai Şangotola,
 nossas saudações trarão axé.

25

Orin Şangó (13)

Mogbà: *Aré Oníşàngó mà dùn o*
Aré Oníşàngó lógbòde kan ò

1

Adóşù: *Şàngó ló lùde o.*

Mogbà: *Şàngó a f'òjò f'ara,*
Qba kòso!

5

Adóşù: *Bàbá, olóore míl*
Mo jùbà rẹ ò.

Aláfin Qyó,

O jùre bí o.

Mogbà: *È o gherin.*

10

Tàbí ẹ ò ní gherin.

Enyin adóşù Şàngó.

Adóşù: *A ó gherin, àwa adóşù Şàngó.*

Mogbà: *Iránmalẹ ma bọ o.*

A ti n'néran awun n'ílẹ.

A ti n'ágbò n'ílẹ.

A ti n'óróghó n'ílẹ.

A ti n'épo n'ílẹ.

Adóşù: *Oòòşà wa làú ó fi bọ.*

Mogbà: *Şàngó aa bo ẹ o,*

A a bo ẹ o, a a bọ ọ.

20

Cantiga de Xangô (13)

Mogbà: A festa dos cultuadores de Xangô é bela.
 A festa dos cultuadores de Xangô toma
 conta do ambiente.

1

Adóşù: Xangô é dono do espaço.

Mogbà: Xangô, que atraí chuvas e raios,
 Qba Kòso!

5

Adóşù: Pai, meu benfeitor,

Eu te saúdo.!

Rei de Qyó!

Acordaste bem?

Mogbà: Vocês vão repetir o refrão?

10

Ou não?

Vocês, iniciados no culto a Xangô,

Adóşù: Vamos repetir o refrão, nós, os iniciados.

Mogbà: Orixá, venha!

Já temos a tartaruga em casa.

15

Já temos o carneiro em casa.

Já temos *orogbo* em casa.

Já temos dendê em casa.

Adóşù: Usaremos tudo isso em sacrifício ao nosso
 orixá.

Mogbà: Xangô vamos fazer oferendas a ti.

20

Vamos fazer oferendas a ti, vamos fazer
 oferendas!

Orin Şàngó (14)

Mogbà: <i>Orìṣà tí a ní,</i> <i>Ní ngbe ní ò.</i> <i>Orìṣà tí a ní</i> <i>Ní ngba ní.</i>	1
Adóṣù: <i>Oun náà ní ngbè ní ò.</i> <i>Şàngó yí ní ò gbè wá.</i> <i>Oun ní yóò gbè wá o.</i> <i>Şàngó ọkọ Ọya ní o gbè wá.</i>	5
Mogbà: <i>Şebí òun náà ní ò gbè wá s'òwo o.</i> <i>Aládò gbè mí s'ọlá o.</i>	10
Adóṣù: <i>Orìṣà tí a ní</i> <i>Ní ngbe ní.</i>	
Mogbà: <i>Şebí aládò náà ní,</i> <i>Yóò gbè wá s'ire ọmọ.</i> <i>Orìṣà tí a ní, ní ngbe ní.</i> <i>Oun náà ní yóò gbè wá o.</i> <i>Orìṣà tí a ní, ní ngbe ní sẹ.</i>	15

Cantiga de Xangô (14)

Mogbà: O orixá que temos é quem nos apoia. O orixá que temos é quem nos salva.	1
Adóṣù: É ele mesmo quem nos salva. É Xangô quem vai nos salvar. Ele vai nos apoiar. Xangô, marido de Ọya, é quem vai nos apoiar.	5

Mogbà: É ele quem nos levará até onde está o dinheiro. Alado, leve-nos até a riqueza.	10
Adóṣù: O orixá que temos é quem nos apoia.	
Mogbà: É o próprio Alado quem vai nos conduzir à sorte de ter e criar filhos. O orixá que nós temos nos apoia. É ele quem vai nos apoiar. É o orixá que nós temos quem nos apoia realmente.	15

Orin Şàngó (15)

Mogbà: <i>Şàngó o</i> <i>Àwa oníşàngó mọ dé o,</i> <i>Şàngó re o o.</i> <i>È wá o o!</i>	1
Adóṣù: <i>È wo olúkòso.</i> <i>Şàngó l'ógbòde o.</i> <i>È wá o,</i> <i>È wá wòran rẹ.</i>	5
Mogbà: <i>Àwa ọmọ olúkòso</i> <i>Mọ ló dé o.</i>	10
Adóṣù: <i>Àwa, àwa ló gbòde o.</i> <i>Àwa, mà ló dé o.</i> <i>Ọmọ aráyé,</i> <i>È yà wá o,</i> <i>K'ẹwá wòran wá o.</i> <i>òòṣà yí mà dé, toun</i> <i>Aşẹ o.</i>	15

Mogbà: <i>òòsà, a lãṣe dé o.</i> <i>Olúkòso dé o.</i> <i>Oòòsà alãṣe dé o.</i> <i>Bàbá wa, olúkòso mà ló dé o.</i>	20
Adóṣù: <i>Ṣàngó, dé sẹ o.</i> <i>Bàbá wa, alãṣe l'òwó.</i>	
Mogbà: <i>Àwa ló l'ãṣe 'rúnmọlẹ o.</i> <i>Ṣàngó àwa ọmọ inúnmọlẹ ló l'ãṣe o.</i>	25
Adóṣù: <i>Ṣebí onísungó,</i> <i>Ló n'ãṣe Ṣàngó l'òwó.</i>	
Mogbà: <i>Ṣebí olóya,</i> <i>Ló n'ãṣe Ọya l'òwó.</i>	
Adóṣù: <i>Àwa, àwa ló n'ãṣe o.</i>	30
Mogbà: <i>Ṣebí ológun,</i> <i>Ló n'ãṣe Ọṣun l'òwó.</i>	
Adóṣù: <i>Àwa, àwa ló n'ãṣe o.</i>	
Mogbà: <i>Ṣebí, ẹnì nbo òòòsà Ọbá.</i> <i>Ló n'ãṣe Ọbá l'òwó.</i>	35
Adóṣù: <i>Àwa, àwa ló n'ãṣe o.</i>	
Cantiga de Xangô (15)	
Mogbà: Xangô ô! Nós, os cultuadores de Xangô, chegamos. Aqui está Xangô. Venham vê-lo!	1
Adóṣù: Vejam Olukòso! Xangô domina o espaço. Venham vê-lo! Venham vê-lo agir.	5
Mogbà: Nós, filhos de Olukòso, nós é que chegamos.	10

Adóṣù: Nós dominamos o espaço. Nós aqui chegamos. Povo da terra, venha para cá, para que possam nos ver. Esse orixá chegou com axé, axé!	15
Mogbà: O orixá que possui axé chegou. OluKòso chegou. O orixá que possui axé chegou. Nosso pai, OluKòso, é quem chegou.	20
Adóṣù: Xangô chegou. Nosso pai, que possui axé nas mãos.	
Mogbà: Nós possuímos o axé da divindade. Xangô, nós, os filhos de Irúnmalè é que possuímos o axé.	25
Adóṣù: São os cultuadores de Xangô os que possuem o axé de Xangô nas mãos.	
Mogbà: cultuadores de Ọya os que possuem o axé de Ọya nas mãos.	
Adóṣù: Nós possuímos o axé.	30
Mogbà: São os cultuadores de Oxum os que possuem o axé de Oxum nas mãos.	
Adóṣù: Nós possuímos o axé.	
Mogbà: São os cultuadores de Ọbá os que possuem o axé de Ọbá nas mãos.	35
Adóṣù: Nós possuímos o axé.	



OYA - IANSÃ

Capítulo II

OYA (IANSÃ) NA ÁFRICA

1. Oya (Iansã), orixá dos Ventos e Tempestades

Mitos

Alguns mitos apresentam Oya como originária de Irã. Outros, como nascida na ilha fluvial de Jebba, em terra nupe, também local de origem de Torosi, a mãe de Xangô.

Há relatos míticos que enfatizam a descrição da vida afetiva de Oya com seus maridos Ogum e Xangô. Outros, suas relações com Xangô. Outros ainda, colocam a ênfase na identificação de Oya com fenômenos naturais - os fortes ventos, as tempestades ou o importante rio Niger, que corta grande extensão da Nigéria. Em alguns mitos encontramos vários desses elementos reunidos. As versões que apresentamos a seguir têm por fonte dados obtidos em pesquisa realizada na Nigéria e na obra de Judith Gleason, *Oya, in Praise of Goddess*.

Oya, Ogum e Xangô

Segundo os relatos míticos, o primeiro marido de Oya foi Ogum. Ele forjara duas espadas - uma para si próprio e outra para ela. Com essas armas eles partiam os inimigos em sete partes e as inimigas em nove. Ogum possuía uma Forja. Um dia, lá chegou um cliente muito especial:

"Um homem de nome Xangô,
que gosta de estar elegante,
que trança os cabelos como uma mulher,
que fura sua orelha
e está sempre com brinco,
que usa um colar de contas
e um bracelete de prata.
E que tem muita elegância".

Este homem era tão atraente que Oya não resistiu: flertava o tempo todo com ele, sendo retribuída. Xangô considerava que o Criador dera a Oya um charme especial: *Oya Ori* - "Oya tão linda que não se pode tirar os olhos de cima dela".

Ogum estava compenetrado demais em seu trabalho. Xangô fugiu com Oya. Quando Ogum deu-se conta disso, pediu a todos que saíssem procurando por sua esposa nos lugares onde ela gostava de andar. Mas ninguém a encontrou.

Assim, Ogum ficou só.

Certo dia, vestiu roupas de caçador, cobriu-se de amuletos e foi para a floresta. Encontrou Oya fugindo e golpearam-se mutuamente com as espadas. Ogum foi partido em sete e Oya em nove partes.

Oya e Xangô: o vento e a tempestade

Outro mito descreve Oya como tendo tido sérios problemas para arranjar casamento. Esta dificuldade preocupava tanto a ela própria como a sua família, dada a relevância atribuída pelos iorubás ao casamento e à procriação (até casar e ter filhos, o indivíduo é considerado incompleto).

Oya, que neste relato é descrita como tendo nascido em Iwo, começou a andar pelas cidades. Sua família saiu a sua procura até encontrá-la em Irá. Perguntaram-lhe porque vagueava e qual o motivo de sua tristeza. Respondeu que sua dificuldade para arrumar casamento a desorientava. Ia caminhando em companhia dos familiares quando encontraram Xangô e sua esposa Oxum. Xangô gostou dela e pediu-a em casamento. Oya aceitou de imediato e (dizem alguns relatos) mudou-se para a casa dele no mesmo dia. Através de diversas artimanhas assumiu a liderança entre as esposas. Por isso, os iorubás costumam dizer que a ventania - Oya - vem antes da tempestade (acompanhada por raios e trovões) - Xangô. Assim como os raios são atribuídos a Xangô, os tornados e as ventanias que arrancam árvores e derrubam casas, são

atribuídos a Qya, sendo considerados expressões de seu descontentamento.

Qya e Xangô: nasce o rio Niger

Qya, a fiel e amada mulher de Xangô, foi a única entre suas esposas, que o acompanhou através do país nupe. Recebera a recomendação de não retornar a Irá, sua terra natal, enquanto perdurasse seu amor por Xangô. Frente à idéia de viver em Qyq, distante de sua casa e de sua família entre pessoas estranhas, ficou dividida. Sua grande coragem falhou e ela transgrediu a recomendação.

Estava em Irá havia algum tempo, sem poder prosseguir rumo a Nupe nem poder retornar a Qyq, quando recebeu a notícia da morte de Xangô. Qya era dotada de poderes sobrenaturais e a tristeza que sentiu ao saber da morte trágica de seu amado, somada à tristeza que experimentava por haver transgredido a recomendação, fez com que ela se transformasse no Odo Qya - rio Niger. Foi então deificada.

Qya e seu pai: nasce o rio Niger

Um odu de Ifá relata da seguinte forma a origem do rio Niger (Odo Qya): Em tempos de guerra, o rei dos nupe consultou o oráculo para saber como prevenir-se contra uma invasão. A orientação de Ifá foi

que o rei encurralado deveria dar uma peça de tecido negro a uma virgem para que ela o rasgasse. Entre as virgens o rei escolheu sua filha.

Chamada pelos anciãos - o rei, os oráculos e os generais - a jovem rasgou o tecido negro: *O ya* - "Ela cortou".

Atirou as duas partes ao chão, diante dos olhos esperançosos da multidão nupe. O pano transformou-se em negras águas que começaram a fluir, passando a ser o núcleo do reino, uma ilha protegida.

Embora os nupe tenham sua capital em terra firme, a ilha fluvial de Jebba permanece no rio Niger. Em Cuba, descendentes de iorubás referem-se à Ilha de Qya como "um local para se retornar", lugar onde as almas dos mortos descansam. Interessante notar que os nupe, mesmo os poucos anciãos que ainda habitam a ilha de Jebba, desconhecem tais eventos, não chamam o rio de Qya, nem praticam o oráculo de Ifá. Judith Gleason, apresentadora deste relato, considera esta história como tendo sido "projetada" pelos iorubás sobre os nupe.

2. A iniciação no culto a Qya (Iansã) na África

A iniciação no culto a Qya é feita à noite. Na casa onde ela terá lugar, o ião chega ainda durante o dia para receber as primeiras explicações sobre o significado e a ritualística da cerimônia.

Entre as diversas divindades femininas na África, Oya se destaca como um orixá com o qual as mulheres se identificam. O ritual que antecede a iniciação lembra em muito a cerimônia de casamento dos iorubás. Na noite da iniciação, o iadô é escondido por um dos parentes, enquanto as mulheres que farão parte da iniciação saem a sua procura gritando:

A nwa òyawò òrìṣà
Estamos à procura do iadô.

Nibò lo wá?
Onde está ele?

A nwa òyawò òrìṣà
Estamos à procura do iadô.

Nibò lo wá?
Onde está ele?

Enquanto as mulheres cantam esse refrão, os tambores tocam e elas saem à procura do iadô. Quando o encontram, cobrem sua cabeça com um véu de tecido branco e recomeçam a cantar:

A ti n' òyawò òrìṣà
Achamos o iadô do orixá

Ibì lo wá.
Ele está aqui.

Há casos em que o iadô sai nesta noite para buscar água no rio consagrado à Oya (Odo Oya). Alguns egúngún conduzem a caminhada, levando uma vara na

mão, com a qual vão afastando as energias negativas ao longo do caminho. O iadô os segue, carregando um pote chamado *ptun*, que servirá para apanhar água. A procissão é acompanhada pelos tambores e cantigas e os sons alegres atraem a população local que sai de casa para acompanhar o iadô até o rio. Entretanto, essas pessoas não devem presenciar o ritual sagrado.

Tão logo tenha apanhado água, o iadô retorna à casa do orixá a fim de concluir o processo iniciatório. Quando o rio sagrado é muito distante, essa parte do ritual é dispensada. Convém notar que todos os orixás femininos têm rios a eles dedicados, onde se realizam vários rituais iniciáticos, bem como oferendas anuais.

Ao retornarem à casa do orixá os cabelos do iadô são raspados e todos os sacrifícios necessários são realizados, iniciando pelos sacrifícios dedicados a Exu. Seguem-se então os sacrifícios dedicados à Oya e o ritual é acompanhado por cantigas e evocações. No *ojò Ikota* - terceiro dia do processo, ocorre a cerimônia conhecida por *itá*: através do jogo de *lfá* o babalorixá procura saber o *odu* de nascimento que rege o iadô. Findo o jogo, numerosos *akará* são oferecidos ao orixá e aos presentes. Neste dia, prossegue a festa. O iadô é pintado com *ṣfun* e *osun*, dança e geralmente incorpora. É então carregado para o interior da casa do orixá e lá no quarto sagrado, recebe *ṣrṣ*, com o que o orixá se acalma, enquanto do lado de fora a festa prossegue por toda a noite. O iadô permanece recluso até o *itadogun*, décimo sétimo dia, ocasião em que ocorrerão rituais complementares.

No *ojo ije*, sétimo dia, devotos de *Oya* realizam numerosos sacrifícios e fazem oferendas, realizando pedidos - dinheiro, saúde, filhos, cônjuge - e ainda, pagando promessas.

No *itadogun*, décimo sétimo dia, ocorre a festa de encerramento que não se restringe ao *iaô*, mas estende-se a todos, embora as atenções se concentrem nele, que receberá o *orixá*. Segue-se uma procissão em que o *iaô* estará incorporado, bem como boa parte dos demais devotos de *Oya*. Passam pelas casas da cidade, orando e recebendo oferendas dos membros da comunidade.

Finalmente, todos retornam à casa do *orixá* onde os *babalorixás* e *ialorixás* realizam uma louvação. São feitos votos de fertilidade e prosperidade ao *iaô* e aos demais participantes da cerimônia. Cada um dos presentes saúda o *orixá*, faz seus pedidos e segue para a parte externa da casa, onde as danças se estendem até o amanhecer.

São necessárias em média oito pessoas para efetuar a iniciação de um *iaô*. Há uma hierarquia pré-estabelecida nesse grupo: o *bàbá-Oya*, a *iyá-Oya*, os *axogum*, os tocadores de *bátá* e os *iaôs* já iniciados anteriormente e que ajudam na parte prática do ritual. Todos são indispensáveis para complementar a evocação do *orixá* que favorecerá a incorporação.

3. Outro procedimento de iniciação no culto a *Oya*

Após reunir os elementos necessários para a iniciação, o grupo dirige-se ao rio onde será feito o *etutu*. Lá, o *iaô* receberá seu *orixá* e conhecerá o segredo relacionado ao culto de *Oya*. A roupa usada para ir ao rio é conhecida por *asô isê* (roupa de dor e sofrimento). No rio ele tirará essa roupa e nunca mais a vestirá. Na sua ida ao rio leva consigo dois panos brancos. Ao chegar lá seus cabelos são raspados e colocados numa trouxa feita com um dos panos brancos. Este pano é chamado *asô ala* e será atirado ao rio no sétimo dia da iniciação.

O *iaô* é banhado e a seguir sua cabeça recebe um banho especial para retirar os maus fluidos. Outros *etutu* são feitos na cabeça do *iaô*, reafirmando a presença do *orixá* em seu *ori*. Após este processo o *iaô* substitui o *asô isê* pelo segundo pano branco que foi levado ao rio.

Então, retorna para a casa do *orixá* acompanhado pelo toque de tambores e por um séquito de *egúngún*. Enquanto prossegue a procissão seus acompanhantes gritam *Heepa Heyi! Heepa Heyi! Heri Oya o! Heri Oya o!*

Ao chegarem à casa do *orixá* realizam uma festa que dura a noite toda e na qual os parentes do *iaô* gastam muito dinheiro com comidas e bebidas. Além disso, colocam dinheiro em notas na testa dos

tocadores de tambores e das pessoas que estão evocando os orixás, conforme é costume dos iorubás.

O iaô dança ao som dos tambores e as pessoas iniciadas em Oya eventualmente incorporam. Algumas ficam rígidas, imóveis, enquanto outras rodopiam por vários minutos numa velocidade humanamente impossível, sem jamais tombar ou demonstrar cansaço.

No terceiro dia, ocorre o itá: as pessoas que vão ser iniciadas (uma ou mais), dirigem-se ao rio acompanhadas pelo séquito dos tambores e dos egúngún, enquanto o bàbá-Oya ou iyá Oya carrega os objetos cerimoniais. A procissão é acompanhada pelas cantigas e ao chegar ao rio, o ritual se completa.

Ao voltar para casa, no quarto dia, o bàbá-Oya permanece com o iaô, controlando seus atos e cuidando para que este tome diariamente seus banhos de àgbò. Após cada banho, sua cabeça é pintada com waji (tinta azul). Esta cerimônia se repete até o décimo sétimo dia (itadogun), ocasião em que o corpo do iaô é pintado inteiramente com gfun e osun e sua cabeça desenhada com um risco que a divide em dois. Nesse dia o iaô veste o traje e leva uma espada na mão, simbolizando Oya. É carregado nas costas de alguém até a feira, que na Nigéria é permanente, sempre ao som dos tambores. Lá chegando, é colocado no chão e nele é feito o etutu. Ao deixar a feira, sobre as costas de alguém, estará novamente incorporado. Visitará casas de parentes e amigos, especialmente dos vinculados ao culto de Oya, ou mesmo de Xangô,

enquanto os acompanhantes tocam e cantam. Em muitas casas de culto esse ritual de saída para a feira é dispensado.

Assim, as pessoas que participam da festa, louvam a Deus pela boa acolhida dada pelo orixá ao iaô e então, retornam à casa onde a iniciação está sendo feita. Lá, uma galinha e uma cabra estão prontas para outro etutu.

À noite o bàbá-Oya ou iyá-Oya pega uma cabra e a coloca junto ao iaô. Com uma vara bate no chão, chamando o orixá. Esta vara sagrada -owá- tem o poder de chamar a força do orixá no iaô. Ele chama uma, duas, três vezes. Na terceira vez, chama com mais veemência:

Oya Oriá o o o o!

E o orixá responde:

Ha o o o o!

O iaô incorporado levanta e dança ao som dos tambores e, rodopiando, corre para junto daquele que segura a galinha. Arranca-a da mão dele, come a cabeça da ave e chupa seu sangue até que o bàbá-Oya ou iyá-Oya arranque a galinha morta da mão do iaô. Ela é então cozida e servida aos iniciados, sem que eles possam comer qualquer outra coisa. Não é permitido aos não-iniciados comer dessa carne.

No encerramento do processo iniciatório, os outros iniciados também incorporam, favorecidos pela atmosfera contagiante da evocação. A partir dessa hora, o sangue da cabra recém-sacrificada é colocado na boca e testa de cada uma das pessoas incorporadas, juntamente com dendê. Por vezes o *erô* é usado para lavar o rosto das pessoas ou ainda, lhes é dado para beber, com o intuito de atenuar os efeitos da incorporação. A festa termina com comida e bebida para todos.

A seguir, na madrugada, é feito um jogo adivinhatório para averiguar o *odu* de nascimento do *iaô* e suas quizilas pessoais. A proibição de comer carneiro, é generalizada para todos os iniciados em *Oya* (*Iansã*).

4. Nomes em louvor a *Oya* (*Iansã*)

Vários nomes são dados àqueles que louvam *Oya*, sejam eles iniciados ou crianças cuja mãe pediu filhos a esse orixá.

Oyabôla: *Oya* vem com prosperidade e saúde

Oyajide: *Oya* respondeu com rapidez

Oyadôla: *Oya* me fez nascer mais próspero e nobre

Oyarohunbi: *Oya* dá vida aos seres

Oyayale: *Oya* veio para casa

Oyahunmi: *Oya* me presenteou

Omilôla: A água traz prosperidade

Oyatunbi: literalmente, "*Oya* me reviveu". Nome dado à criança *àbiku*, cuja mãe se compromete a cultuar *Oya*, uma vez que *Oya* garante a sobrevivência da criança.

É bom que se saiba que tais nomes acham-se relacionados às graças alcançadas através de *Oya*. Se uma mulher, após muito tempo, consegue engravidar graças à ajuda de *Oya*, essa criança será chamada *Oyajide* (*Oya* respondeu com rapidez). Ou, se o iniciado recebe um impulso em sua vida devido à ajuda de *Oya*, ele será chamado *Oyadôla* (*Oya* me fez nascer mais próspero e nobre). O mesmo nome será atribuído à criança cujo nascimento trouxe grande prosperidade à família. Estes são apenas alguns exemplos. Em suma, esses nomes representam as influências benéficas de *Oya* na vida das pessoas, seja devido à iniciação em seu culto seja devido ao nascimento muito desejado de uma criança, cuja ocorrência se atribui a ajuda de *Oya*.

5. Símbolos de Qya (Iansã)

Os símbolos de Qya são o *ida* (espada), o *iwo* *efon* (chifre de búfalo) e os *ota* (pedras originárias do rio Qya). Junto a seu assentamento encontra-se o assentamento de Xangô, ou uma estatueta que o represente; o pote que contém o *agbo* que banha os iniciados e os objetos sagrados de Qya; outro pote contendo água pura que é dada para as mulheres que desejam tornar-se férteis ou para pessoas que almejam cura. Os iniciados preferem beber desta água em lugar de outra qualquer, pois ela tem o *axé* do orixá.

Os seguidores de Qya são reconhecidos por usarem um colar feito de contas de cor marrom.

6. Cerimônia anual de Qya (Iansã). Festas

Há inúmeras casas que cultuam Qya, embora as datas comemorativas não coincidam nas diversas cidades onde o culto ocorre. Em cada lugar esta celebração é feita em determinado mês, sendo o dia definido através do jogo adivinhatório. Os preparativos para a festa são feitos durante o ano todo. Em alguns lugares, todos os que vão participar da festa compram de um mesmo tecido para fazer a roupa que vestirão. São convidadas pessoas que pertencem a outras casas de culto a Qya, bem como as que cultuam outros orixás e mesmo pessoas que não cultuam orixás.

A primeira noite é chamada *arísun ooşa* - "Noite sem sono para o orixá" e dela todos participam. Dirigem-se ao rio dedicado a Qya, para venerá-la. Esse ritual é conhecido por *ibodo*: uma galinha d'Angola, uma cabra, um pombo e uma cabaça cheia de comidas são oferecidas ao rio. Antes do sacrifício, a corda com a qual a cabra foi amarrada é passada por cima da cabeça dos presentes, enquanto estes oram pedindo que todos os males sejam levados embora. Todos se banham no rio reforçando seus pedidos a Qya e depois retornam, ao som dos tambores e cantigas, rumo a *ojubô Qya* - "a casa de culto de Qya" onde serão oferecidos os sacrifícios sobre o assentamento deste orixá.

Naturalmente, tudo isso ocorre após o sacrifício oferecido a Exu, exatamente como é feito para todos os outros orixás.

Esse ritual é acompanhado por cantos e toque de tambores. Para o sacrifício de cada animal há uma cantiga específica que pede seja o assentamento impregnado pelo *axé* desse animal.

A seguir, os iniciados vão rezar junto ao orixá. No terceiro dia da festa, inúmeros *akará* são oferecidos ao orixá bem como aos iniciados e moradores do bairro. Estima-se que, em alguns locais, cerca de quinhentas pessoas comem *akará*. Nesse dia ocorre uma iniciação em massa para as pessoas que desejam ingressar no culto a Qya, num processo análogo ao anteriormente descrito.

No sétimo dia repetem-se as oferendas de comidas para o orixá acompanhadas pelo toque dos tambores, o que induz os iniciados a incorporarem. Em seguida, saem todos em procissão pela cidade, chegando a percorrer até cinquenta quilômetros. Nesse percurso visitam os parentes e as personalidades locais. Os *bàbá-Qya* ou *lyá-Qya* e os orixás abençoam as pessoas visitadas, recebendo delas presentes e dinheiro.

Depois a procissão retorna ao santuário onde tem início uma festa que se prolonga por toda a noite. Nessa festa aumenta a força das incorporações e o número de pessoas incorporadas. Em algumas casas a festa pode prolongar-se até por dezessete ou mesmo vinte e um dias. Todos os iniciados permanecerão dentro da casa em celebração, durante esse tempo.

7. *Ôsê de Qya (Iansã)*

lyá-Qya, a ialorixá de *Qya* ou *Bàbá-Qya*, seu babalorixá, logo cedinho, no dia escolhido para se fazer o *ôsê* vai ao rio apanhar água fresca para trocar a que está no pote sagrado (*awê*). É feita uma limpeza na casa de *Qya* e se aguarda a chegada dos iniciados. Estando eles presentes começam a evocação e a saudação, feitas pelo *bàbá-Qya* ou pela *lyá-Qya*.

Logo após, são oferecidos ao orixá nove obis, nove *akará*, galinha, canjica e gin.

O obi (de quatro partes) é jogado para se saber se a oferenda foi aceita ou não. Em caso positivo, os presentes comemoram com cantos e danças. O que restar das comidas oferecidas a *Qya* será distribuído entre as pessoas presentes.

8. *Adúrà, Orílà, Orin Qya*

Rezas, Evocações e Cantigas de Qya (Iansã)

Adúrà Qya (1)

Qya, má finá qwó rẹ jó wa o. 1
 Sọ wá dẹni iyi láyé wa.
 Asán, òfò, kó mà jẹ tiwa o.
 Pèsè ilẹ síwájú nínú iṣẹ wa fún wá o. 5
 Iṣẹ wá kó mà bí qmọ aráyé nínú o.
 Pèsè owó nlá-nlá fún wá o.
 Qya, má le wá wọ ighó àti ọdàn.
 Qya, gbé ire pàdé wa o.
 Fún wa ní àṣẹ nlá-nlá ó.
 Qya, iwọ to tárighó ẹ lóge, 10
 Ẹ wa lóge o.
 Kí àwa maa yọ bí ọjó.
 Kí àwọn qmọ aráyé, ó maa yọ mọ wa ó,
 Kí àwọn qmọ òrìṣà, ó kún fún owó o,
 Kí àwọn qmọ òrìṣà, ó maa ríṣe ó, 15
 Tí o ba dí àmọdún, kí a tun pejó, báyi o,
 Kí a tun fi lédúnú bọ ẹ ó.
 Kí àwọn qmọ òrìṣà má fi oju sunkun qmọ,
 Kí àwọn qmọ òrìṣà má fi oju sunkun aya tabi ọkọ,
 Owo, qmọ, iyi ati aláfià kí wọn kunle ghogho wa o. 20
 A ẹ yori ni kí a ẹ o.
 E e pa, Qya ma binu si wa o.

Reza de Qya (Iansã) (1)

Qya não nos queime com o fogo que sai de tuas mãos. 1
 Faça-nos socialmente importantes.
 Que não caíamos no vazio.
 Faça-nos progredir em nosso trabalho.

Que nosso procedimento não ofenda os seres humanos. 5
 Dá-nos muito dinheiro.
 Qya, não nos obrigue a fugir para floresta, não nos obrigue a afastarmo-nos da sociedade.
 Leva-nos de encontro a boa sorte.
 Dá-nos grande axé.
 Qya, você que pode rejuvenescer o velho, 10
 faça-nos rejuvenescer
 para que tenhamos sempre a aparência do dia.
 Que todos os seres humanos se alegrem conosco.
 Que todos os iniciados tenham sempre muito dinheiro.
 Que todos os iniciados sempre consigam trabalho. 15
 Quando chegar a próxima festa anual, que estejamos reunidos assim como estamos hoje.
 Para que façamos teus sacrifícios novamente com alegria.
 Que os iniciados não percam seus filhos.
 Que os iniciados não percam suas esposas e maridos.
 Dinheiro, filhos, respeitabilidade, saúde, que disto 20
 estejam repletas as casas de todos nós.
 Que em tudo o que quisermos fazer, sejamos bem sucedidos.
 Eepa Qya! Não lança tua ira contra nós.

Adurà Qya (2)

Eepa Qya ol 1
Ma dagi ofo sile wa o
Afèfè ejò, kó ma fè lu wà ó
Şé wa l'óge o

Orí mi, bá mi şé o 5
Orí mi, bá mi şé é é
Oríşà Qya, bá n şe tèmì
Bérin bá fan ní gbó, jinişunni, a mọdẹ e e
Qya má jẹ kí jinişunni ó mu wáù
Qya má jẹ à mọşì 10
Qya lólà, l'òwọ ma jóşì ó kàn wá
Qya oriri
Má jẹ à ríkú èwe o
Qnà kó ma dí mọ wà ó
Qya à jì loda 15
Ma fidà rẹ bá wa wí
Qya a r'ínà bora bí aşọ
Ma finà rẹ jó wa
Eşíşu lèlẹ tí n dagi lókèlókè
Má dagi lèyin kùlè wa o 20
Gbe ijà wá jà o
Asàn, ofo, kó má jẹ tiwa o

Reza de Qya (Iansá) (2)

Eepa Qya! 1
 Não derrube em minha casa as árvores que atrasam a vida.
 Oh vendaval dos problemas de justiça, não sopra para dentro de minha casa.
 Faça-nos belos.
 Meu ori, me ajude! 5
 Meu ori, me ajude!
 Qya, ajuda-me a resolver os meus problemas.
 Quando o elefante barre com sua tromba na floresta, a alma do caçador gela.

Qya, não nos deixe com a alma gelada!
 Não nos deixe conhecer a pobreza!
 Qya, que possui prosperidade, faça com que a miséria
 não nos atinja. 10
 Qya, a charmosa, a elegante,
 proteja as crianças da morte.
 Que o caminho não se feche para nós.
 Qya, que ao acordar usa a espada, 15
 não brigue conosco com sua espada.
 Qya, que possui fogo e com ele se cobre como se
 fosse roupa,
 não nos queime com seu fogo.
 Oh, Grande Vendaval que corta a copa das árvores,
 não corte a árvore do nosso quintal! 20
 Lute por nós!
 Que nossa vida não seja em vão.

Oríkì Qya (I)

X *Qya a to iwo ejòn ghé.* 1
Qya qlókò àrà.
Obinrin Ogun,
obinrin Qdè.
Qya òrírí arójà há gkq kú. 5
Iru èniyàn wo ní qya yí n ʒe, ʒe?
Ibì Qya wà, ló gbíná.
Obinrin wòò bí ení fẹ́ ighá.
Qya tí àwọn ọtá rí,
Tí wọn torí rẹ́ dà ighá nù sí ighó. 10
Héèpà héè, Qya ò!
Ènù rẹ́ nikan ní mo nhà o.
Afẹ́fẹ́ ikú.

Obinrin Ogun tí nki ibon rẹ́ ní à kí kún.
Qya ò, Qya tótó hun! 15
Qya, a p'agbá, p'áwo mó ní kíákíá,
Kíákíá, wéré wéré l'Qya nṣe tí ẹ́
A rìn dẹngberẹ́ bú Fúlání.
o títí tí nfi gbogbo ará rìn bí ẹ́sìn.
Héèpà, Qya qlómọ́ mēsan, ibà rẹ́ ò! 20

Oríkì (Evocação) de Qya (Iansá) (1)

Ela é grande o bastante para carregar o chifre
 do búfalo. 1
 Qya, que possui um marido poderoso.
 Mulher guerreira.
 Mulher caçadora.
 Qya, a charmosa, que dispõe de coragem para morrer
 com seu marido. 5
 Que tipo de pessoa é Qya?
 O local onde Qya está, pega fogo.
 Mulher que se quebra ao meio como se fosse
 uma cabaça.
 Qya foi vista por seus inimigos
 e eles, assustados, fugiram atirando as bagagens
 no mato. 10
 Ecepa He! Oh Qya!
 És a única pessoa que temo.
 Vendaval da Morte.
 A mulher guerreira que carrega sua arma de fogo.
 Oh, Qya, Qya Toto hun. 15
 Ela arruma suas coisas sem demora.
 Rapidamente Qya faz suas coisas.

Ela vagueia com elegância, como se fosse uma
nômade fulani.
Quando anda, sua vitalidade é como a do cavalo que
trota.
Eepa, Qya, que tem nove filhos, eu te saúdo! 20

Oríkí Qya (2)

Èkùn tí nǹẹ̀ ewé ẹ̀ta. 1
Amóláṣọ obinrin.
A fighá rere nǹwájú ọkọ rẹ.
Héèpà-héè!
Qrẹ̀ tí Ẹ̀ngó bá sọ, 5
Qya ló má tumọ̀ọ rẹ.
Ẹ̀yìn ò mọ̀ pé Qya ló máa ghọ,
Qrẹ̀ tí Ẹ̀ngó sọ kù.
Qrẹ̀ tí Ẹ̀ngó fẹ̀ sọ,
Qya ló máa sọ. 10
E é ẹ̀pà, héè!
Qya, àrígí dàgí.
Ogbéré ikú.
Iyáà mí, arinà bora bí aṣọ.
A ò fí sùrù pé sùrù. 15
A ò fí sùrù pé sùrù.
O fí ikolá bá aláṣẹ lẹ̀rú.
Qya ò!
Obinrin bí ọ̀yẹ̀ tokè.
Qya, Èkùn tí nǹẹ̀ ewé ẹ̀ta. 20

Oríkí (Evocação) de Qya (Iansá) (2)

Leopardo fêmea que come pimenta crua. 1
Mulher de roupas bonitas e limpas.

Perante os olhos do marido, ela possui uma cabaça
cheia de bons predicados.

Eepa He!
O que Xango disser,
Qya vai interpretar. 5
Vocês não sabem que Qya vai entender
o que Xango nem acabou de dizer?
O que ele quiser dizer,
Qya é quem dirá. 10
Heepa he!
Qya que usa uma árvore para derrubar outras.
Adeus à morte.
Minha mãe, que se veste de fogo,
não te dizemos mentiras. 15
Não usamos palavras mentirosas para ti.
Ela fez incisões ornamentais na pele, que chocaram o
próprio alabé.
Oh, Qya!
Mulher que é como neblina no ar.
Qya, Leopardo fêmea que come pimenta crua. 20

Oríkí Qya (3)

Qya òṣàà tí í tọkọ rẹ̀ lẹ̀yìn. 1
Qya ní í tǹrúgbó Ẹ̀ lóge.
Obinrin gbandikan,
Eégún a san dórí.
Qya ní mó máa bọ. 5
Pará Ogun bí ẹ̀ n palé.
Irú Qya ò sí lónun,
Iyáwó orí ọ̀gun.
Qya kan, Ẹ̀ngó kan.

A tó ó kàn bí òkè.
 A málejò yíkà ilé.
 Baálé dí méjì, ara ò rẹ kan.
 Onínúglá, qkq ol!
 Qya a rin léjì.
 Olúwàà mí èjè nýì ogun.
 Qya òriri!
 A-wo ní fírí, bí ení tí ò rí ní
 A-şwò kékékéké gbowó è ní kíşì.
 Qya a rinà bora bí aşı.
 Ina ma ní èşın o,
 Ina tí njo ní láí tşwş bş'ná.
 Qya şwàrà, bí'ná jóko láàró.
 A şijà dóşiri, níwáju jagunjagun.
 Qya alágbára inu aşışş.
 Oloju oşş, a ri wşn dé şguluntú.
 Qya bí ákúşş ikókó tí nró kókó-kókó.
 Qya lé babaláwo kò dúró kó 'fá.
 Qya rorò!
 A rin dengbéré nínú aşışş.
 Qya, a tún orí ení tí kò sunwşn şe.
 A şş ibàníşşé díre.
 Alágbára obinrin óòşà.
 Màá bá ş şepş.
 Odó awuwo lóşun, bí ààrà,
 Qya òriri a wáwo má şe wa.
 Qya má şe ba tşmí şe.
 Qya, órışà tí n ghà ní tşwş isé.
 Qya oláà rş lşmí n şe ó.
 Qlá tí kékeré awó şe tó şi mó ghódá.
 Awa kò lóşun méjì bí ó şş'wş.
 A bá ní şşşş má tan ní şe.

10

15

20

25

30

35

40

Qya a d'íkúta mşnú ştá,
 Qya má d'íkúta mşnú tşmí à.
 Jagun a bá onşà délé.
 A şijà dóşiri.
 A binrin bí adé lórí.
 Obinrin bíribiri bí ilş şjá.
 Qya óréré rş ní mo nwo o.
 Alágbára obinrin Şàngó.
 Oloro tí nyagi şhá şná.
 Èşúşş lşlé!
 Ajánà óòşà tí nbéşş lóké lóké.
 Qya arinà bora bí aşı.
 Abiyamş olóore mí àşiki.
 Óòşà bí Qya kòşí,
 a tó péjú wó bí óşúpá.
 A rşwá obinrin.
 Ará írá a dáşí lóké lóké láí şwşş kan igi.
 Qya olóoré mí,
 hwş ní màá şin dşşş alş mí.

45

50

55

60

Oríkí (Evocação) de Qya (Iansá) (3)

Qya, o orixá que apoia seu marido.
 Qya, o orixá que rejuvenesce a mulher velha.
 Mulher poderosa e forte.
 Ela possui um corpo perfeito.
 É a Qya que eu cultuarei.
 Dizem que ela, ao ir à guerra, enfeita o corpo com
 creme como quem encera o chão.
 Igual a Qya não existe!
 Qya, a primeira mulher de Ogum.
 Qya é única e Xangô é único!

1

5

Oya é grandiosa como uma montanha e a ela
 se recorre 10
 Ela leva visitantes para conhecer a casa.
 Há dois maridos para a mesma mulher na casa, o que
 causa inquietação a um deles.
 Ela sente compaixão pelas pessoas.
 Oya, que anda na chuva.
 Meu orixá, sangue é a recompensa da guerra. 15
 Oya, a charmosa e elegante.
 Oya, de olhar sorrateiro, nos vê sem percebermos.
 Oya faz fortuna com uma série de pequenos negócios.
 Oya, que se veste de fogo,
 é feroz como o fogo. 20
 O fogo que nos queima sem que tenhamos posto a
 mão nele.
 Oya, que faz várias coisas simultaneamente, como o
 fogo que espalha suas labaredas.
 Oya, quando luta, golpeia com a rapidez de um piscar
 de olhos.
 Oya, a poderosa que vive no vento.
 Que possui olhos brilhantes como o sol nascente e por
 isso vê as pessoas onde quer que elas
 estejam. 25
 Ela é como um pote de barro já antigo, mas que ao
 ser tocado revela possuir ainda, total
 resistência.
 Oya expulsou o babalaô e este nem sequer teve
 tempo para pegar seu Ifá.
 Oya é brava.
 Oya caminha livremente no vento.
 Oya, que melhora o mau orí. 30
 Ela transforma tristeza em alegria.

Orixá feminino poderoso,
 eu me envolverei contigo.
 Orixá bravo e potente, de voz possante como
 o trovão.
 Tu que és forte, não nos faça mal! 35
 Oya, não estrague as minhas coisas!
 Oya, orixá que nos salva da pobreza.
 Oya, estou vivendo sob tuas bênçãos.
 A bênção que o iniciado em Ifá recebeu, e que o
 levou a conhecer a floresta sagrada de Ifá.
 Nada temos além de ti. 40
 Fulas conosco sem nos enganar.
 Oya, colocas pedras no caminho dos inimigos.
 Oya, não ponha pedras no meu caminho.
 A guerreira que segue o adversário até sua casa.
 Oya, quando luta, golpeia com a rapidez de um piscar
 de olhos. 45
 Oya, cujas tranças são belas como uma coroa.
 Oya, vibrante como as ruas do mercado.
 Oya, meus olhares esperançosos voltam-se para ti.
 Proteja-me!
 A poderosa mulher de Xangô.
 A poderosa que derruba a árvore na beira
 da estrada. 50
 Efufu Lelê, o Grande Vendaval.
 O orixá que atravessa o fogo e corta a copa
 das árvores.
 Oya, que se veste de fogo.
 Que é maternal benfeitora a ser louvada pela manhã.
 Não existe orixá como Oya. 55
 Todos a admiram como se fosse a lua nascente.
 A mulher bela.

A mulher que veio de Irá e que corta a copa das
árvores sem fazer uso das mãos.
Oya, minha benfeitora,
é a ti que cultuarei até o fim da minha vida.

Oríkà Oya (4)

Éèèpà Oya ò,
Iyá nlá
Iyá ò.
Obinrin dúdú gbòlòjò,
Inú aféfé.
Aláféfé tí ndagbá nù,
Aláféfé tí nya igi lóko,
Olówó orí mí,
Aya Sàngó.
Okànlénúgba aya
Ní nbé l'òwó báálé rẹ.
Oya ní olórí.
Orìsà tó gbhànjú ojó kan.
Tó d'ògò,
Orìsà tó b'ókọ rẹ wọlẹ lọ
O fátàmpàkò kó 'fun inú òtá síta.
Oya a gbomqlà,
Gbà mí là o.
A finá jó ní bí òònùn.
A sùn jó.
A jí jó.
Éèèpà Oya ò!
Má finá owó rẹ jó mí.
A s'ájú Ogan obinrin.
Kíákíá ní 'ná Oya njó.

60

1

5

10

15

20

25

Kíákíá l'Oya nze tirẹ.
Alágbàra obinrin, oní 'rin okùnrin,
Ará irà.
Jagunjagun enì,
Obinrin gbendéke níwájú baálé rẹ.
Alákíkánjù obinrin tí l'ókọ rẹ lẹyin.
Aféfé lẹlẹ.
Aghàra òòsà tí nlo lókètokè.
Oya a tó runá w'ólú.
Wón ní Oya, aya ògún.
A sùn lágbede adodo.
Oya n'ílẹ, Oya l'òko.
Obinrin wò, bí ojó rẹ.
Obinrin kàtùkítì b'íjì.
A jí fà 'jì.
A jí rin l'ójò.
Béni o, Ọ, a nlá.
Hèpàripà Oya o, hé-hé-hé.
Ajagajigi eégún inú aféfé.
Ajagajigi eégún inú iná.
Ajagajigi eégún inú 'jì.
Ajagajigi òòsà:
Tí nbá ní fà láì y'qwó.
Ajagajigi òòsà:
Tó gbàlú pé kí òun lù,
Aghàra kékeré fà gbogbo ilù ya.
Hèèpà, ẹ bá gbé ilù miràn wá.
Ajagajigi òòsà.
Hèèpà, ò jó lábé àyàn,
Hèèpàripà, gbogbo ewé orí àyàn ló wòbọ tán.
Aláye òrìsà
A bá ní fà má jẹbì,

30

35

40

45

50

55

Qya aláfěfě àrà.
 Tí n b'ókè já.
 A rẹmọ lẹkún owó.
 A rẹmọ lẹkún ọmọ.
 A rẹmọ lẹkún ọláf.
 A rẹmọ lẹkún ayọ.
 Obinrin biribiri aya Şàngó.
 Qya óriri, a bá ni já má nàgà.
 Iyá ọfẹ.
 Olúdènà ọtá.
 Iránmalẹ tí nhá ni dèná.
 Eégún dúdú orí odó.
 Iná kinni èyí ò?
 Qya tò lé Babaláwo láti dúró kó 'já.
 Qya, a sú òjò má rẹ.
 Iná ní ghogbo ara,
 Iná wàràwàrà.
 Qya, a fí ghogbo ara wà bí ọta.
 Mo b'ọya wá.
 Mo m'áay Qya b'orí.
 Orí mí gba 're.
 Oòza yí, pón mí lẹyin rẹ.
 Aya Şàngó,
 Hèèpà, akínkanjá obinrin a tò m'awo eégún.
 Iyá-lóde
 O jó bẹmbé,
 Jó gàngà,
 Tòun idá l'ówó.
 Afẹfẹ nlá-nlá tí nwó ilẹ.
 Afẹfẹ nlá-nlá tí nwó igi.
 Má fẹ lá wá ó.
 Hèèpà, Qya óriri ará Irá.

60

65

70

75

80

85

Tani ò mi pé Qya rorò j'ọkọ lọ?
 Qya rorò ju Şàngó lọ.
 Aláfẹfẹ tí nřẹ ọrún wọlé ọtá.
 Hèèpà Qya, a kọ má t'òşikà lẹyin.
 Hèèpà Qya, a kọ má ghẹghẹ ọpúrọ ná.
 Orishà ghẹghẹ mi ná,
 kín d'olówó, kín d'ọlọlá.
 O lẹlẹ,
 Tí nlá biribiri bí 'ji.
 A tó péjù wò.
 Qya lẹlẹ,
 Sùn l'ọlẹ.
 Ji gbádé.
 A dán l'ára b'ina.
 Fò wá bá mí o, Qya nlá.
 A jó gbalẹ kan.
 Hèèpà, eégún nlá imá afẹfẹ.

90

95

100

105

Oríkí (Evocação) de Qya (lansá) (4)

Heepa, Qya!
 Oh, a grande mãe.
 A mãe.
 A churmosa, a alta e elegante mulher negra
 que se manifesta no vento.
 Senhora das Tempestades, que derruba as árvores.
 Senhora das Tempestades, que arranca as árvores na
 floresta.
 A dona da minha cabeça.
 A esposa de Xangô.
 São duzentas e uma esposas
 que estão sob o poder de seu marido, Xangô.

1

5

10

Oya é a preferida.
 Orixá que lutou certo dia
 e logo alcançou posição de honra.
 Orixá que entrou pela terra adentro com seu marido e
 lá se foram. 15
 Ela, que com seu polegar arranca os intestinos dos
 inimigos.
 Oya, que salva as crianças,
 salva-me!
 Ela, que como o sol, nos queima com seu fogo.
 Ela que vai deitar-se dançando 20
 e acorda dançando.
 Heepa, Oya!
 Não me queime com o fogo de tuas mãos!
 A mulher guerreira que lidera as batalhas.
 É rapidamente que se espalha o fogo de Oya. 25
 É rapidamente que Oya faz suas coisas.
 A mulher poderosa, que tem passos de homem.
 Cidadã de Irá.
 Mulher guerreira.
 Uma grande mulher perante os olhos de
 seu marido. 30
 Ela é destemida e apoia o marido.
 O Grande Vendaval, que também venta suavemente,
 A força do orixá que está nas alturas.
 Oya, que entra na cidade envolta em fogo.
 Dizem que Oya é esposa de Ogum. 35
 Ela que dorme na forja.
 Oya na cidade, Oya no povoado.
 Oya, calma como o sol poente.
 Oya, agitada como o vendaval.
 Ela, que ao acordar atrai o vendaval. 40

Ela, que ao acordar anda na chuva.
 É assim a grande Oya.
 Oh Oya, hé, hé, hé!
 A mulher firme como uma rocha a andar no vento.
 A mulher firme como uma rocha a andar no fogo. 45
 A mulher firme como uma rocha a andar no vendaval.
 Orixá forte como uma rocha.
 Que briga conosco sem mover as mãos.
 Orixá forte como uma rocha.
 Que tomou o tambor para tocá-lo 50
 e com pouco esforço rasgou seu couro.
 Heepa! vocês deveriam trazer outro tambor.
 Orixá forte como uma rocha.
 Heepa! ela dançou sob a árvore ayán.
 Oh, todas as suas folhas caíram. 55
 Orixá que possui axé.
 Aquela que briga conosco sem ser responsabilizada.
 Oya, Senhora do vento milagroso.
 Que fica nas alturas e dali mesmo luta.
 Que aplaca teu sofrimento por falta de dinheiro. 60
 Que aplaca teu sofrimento por falta de filhos.
 Que aplaca teu sofrimento por falta de prosperidade.
 Que aplaca teu sofrimento por ausência de felicidade.
 A mulher maravilhosa, a esposa de Xangô.
 Oya a charmosa, a elegante, que briga conosco sem
 precisar mover o pescoço. 65
 Mãe esperta.
 Que barra os inimigos de seus devotos.
 A divindade que fecha o caminho do perigo.
 Egûngún que se pôs em cima do pilão.
 Que coisa é essa? 70

Qya expulsou o babalaô e ele nem sequer teve tempo
para pegar o seu Ifá.
Qya, que faz o tempo fechar, mas não deixa a
chuva cair.
Ela tem fogo no corpo inteiro.
Labaredas de fogo.
Qya, que tem saúde de pedra.
Estou com Qya. 75
Estou com o axé de Qya na cabeça.
Minha cabeça recebeu sorte.
Esse orixá me carrega nas costas.
Esposa de Xangô. 80
Heepa! a mulher corajosa que é forte o bastante para
conhecer o segredo do culto de Egûngûn.
Iyalode!
que dança ao som do tambor *bembé*,
que dança ao som do tambor *gangán*,
com a espada na mão. 85
Grande Vendaval que derruba casas,
Grande Vendaval que derruba árvores,
não bata em nós.
Heepa, Qya! a charmosa de Irá.
Quem não sabe que Qya é mais brava que
o marido? 90
Qya é mais brava que Xangô.
Senhora do vendaval, que sopra problemas nas casas
dos inimigos.
Heepa, Qya! que nega apoio aos maldosos.
Heepa, Qya! que recusa as oferendas dos mentirosos.
Orixá, aceita meus sacrifícios 95
para que eu seja rico e próspero.
Aquele que rodopia

com a velocidade de um ciclone.
Aquele que todos olham.
Qyalqla, a que é próspera. 100
Que dorme cercada de prosperidade.
Que é coroada ao acordar.
Que tem pele brilhante como as chamas.
Voe para mim, ó grande Qya!
Qya, que dança ocupando todo o espaço. 105
Heepa! a grande orixá que vive no vento.

Oríkì Qya (5)

Yé pà Qya ye!
Yé pà Qya o!
Alámú onídòdò a gbé jó,
Alámú onídòdò a gbé yé wò.
Iyá mí èfufù lẹlẹ tí ndá igi lókèlókè,
Qya-lólú òpèrè má dà igi lẹyinkùdè mí,
Qya aríná bora bí asq.
A wá Qya títí a ò tiẹ rí Qya
A wá Qya dé isq obi.
Nibi tí ó gbé ngé obi senu,
A tún wá Qya títí a ò tiẹ rí Qya
A wá Qya dé isq Osun
Nibi tí ó gbé nfq bukè sára.
Bí èrú lo nẹ ighoro kiri.
Qya òrírí fi ònà han mí.
Kín má wẹ igbẹ Qya morènikẹ. 15

Oríkì (Evocação) de Qya (Iansã) (5)

Oh, Qya! Salve Qya!
Oh, Qya! Qya, eu te chamo! 1

Ọya, de seios bonitos e redondos como umbigo e que
nos convidam a com eles brincar.

Ọya, de seios bonitos e redondos como umbigo e que
nos convidam a apalpá-los.

Minha mãe, que com a força do vento corta a copa
das árvores.

Ọyalolu, não derrube em meu quintal as árvores
arrancadas!

Ọya que se veste de fogo.

Procuramos tanto Ọya, mas não a encontramos.

Fomos procurar Ọya na banca que vende obi,
onde ela está mascando obi.

Procuramos Ọya durante muito tempo e não a
encontramos.

Fomos procurá-la na barraca que vende osun,
onde ela está se enfeitando com osun.

Ela está passeando pela cidade.

Ọya, você que não é maldosa, mostre-me
o caminho.

Que eu não enlouqueça! Ọya, é de você que cuidarei!

Oriki Ọya (6)

Egúngún l'ode ọrun

Oḡṣà l'ode aye.

Ọya ọlọmọ wẹwẹ.

Ó gbélé imọ, gbélé ikin.

Ọya, obinrin ọdẹ, a to fi ogun jija tọkọ rẹ lẹyin.

Alagbara a ọiwaju ogun

Àkí sọpé kọya ó yà l'ọ̀nà,

Èrò tóbá sọ pé k'Ọya ó yà l'ọ̀nà,

lẹyin ní ode ọrun.

Orisà mi ò jẹ sọ wípé kí ò yà l'ọ̀nà.

Má fi mí bọ ipónrì.

Má fi mí bọ ẹdun ní iwá ọrun.

Efuáfú lẹlẹ,

Ti ndá igi lókè-lókè.

Ọya má dà igi lẹyin kùlẹ mi.

Ènì tí bá nwá Ọya tí kò rí Ọya,

Yòò bá Ọya ní isọ osun,

Níbi tí nfi búké sára.

Ènì tí bá nwá Ọya tí kò bá rí Ọya,

Yòò bá Ọya ní isọ bátá, níbi tí,

O ti nta eruku lala pẹlu ọjọ lẹsẹ.

Oriki (Evocação) de Ọya (Iansã) (6)

Egúngún Ọya, que está no plano dos ancestrais.

Orixá que está também na vida dos homens,

que cuida das crianças pequenas,

que pode viver tanto em casa de palha, quanto em
casa de ikin,

Ọya, mulher caçadora, mulher guerreira, com força
suficiente para apoiar o marido em lutas na
guerra.

Forte mulher guerreira, líder na guerra.

Não se pode pedir a Ọya para sair do caminho.

Aqueles que disserem a Ọya para que saia
do caminho

sofrerão punições.

Orixá, jamais te pedirei para sair do caminho!

Não me use como objeto de sacrifício para o ipónrì.

Não me use como objeto de sacrifício para os gêmeos
que estão no plano invisível.

Grande Vendaval!

O rodopio de Oya corta a copa das árvores.

Oya, não deixe árvores arrancadas caírem no meu quintal

Quem estiver procurando por Oya e não a encontrar, a encontrará na barraca que vende osun, onde ela estará se enfeitando com osun.

Quem estiver procurando por Oya e não a encontrar, a encontrará onde se toca batá.

Lá estará ela, levantando poeira com os passos de sua dança.

Orin Oya (1)

Kí lẹ̀ nfi Oya pẹ̀?

Oya ò,

Oya Aláṣe, oya.

Oya tó kólé owó.

Oya o,

Oya aláṣe, Oya.

Oya tó wó éwá ilẹ̀kẹ̀

Oya o

Oya aláṣe, Oya.

Oya to tóni gbè

Oya o

Oya aláṣe

Oya, aya Sàngó.

Oya, o

Oya aláṣe, Oya.

È dúkún, ẹ̀ má fí Oya yéré o

Oya rẹ̀ o,

Oya aláṣe, Oya.

Oya a torí ẹnì tí kò sunwòn ẹ̀,

Oya mà ré,

Oya aláṣe o, Oya.

Oya tó wólé nílú ıra

Oya mà ré o

Oya aláṣe o, Oya.

Arẹ̀wá aya Sàngó

Oya o,

Oya aláṣe,

Oya, a sẹ̀ku ijẹ̀ mẹtálá dáyé.

Oya o,

Oya aláṣe,

Oya alágbára inú afẹ́fẹ́,

Oya o

Oya alágbára, Oya

A fún mí lẹ́mọ̀ o,

Oya o, Oya aláṣe.

Oya, olẹ́mọ̀ m̀rẹ̀ o.

Oya, àkáfọ̀ ikòkò tí nró kangó-kangó

Oya ò, Oya alágbára ò,

Oya dúdú lẹ́sàn, aláṣe biribiri.

Oya o, Oya alágbára,

Oya a dan bina láárin òrù, aláṣe biribiri.

Oya o, Oya aláṣe,

Oya, olóre mí à jí ká,

A towo efẹ́n ghe.

Oya ò, Oya aláṣe

Oya, tó gẹ̀sín Ogún w'ólá.

Oya alágbára,

A rẹ́mọ̀ rẹ̀ lẹ́kún owó,

Oya o,

Oya aláṣe, o

*Oya, à rẹmọ rẹ lẹkùn ẹyọ,
Oya, a rẹmọ rẹ lẹkùn ẹláfia,
Oya o, Oya aláṣe, Oya
Oya alágbara inú afẹfẹ,*

Oya o

*Oya alágbara obinrin Ogun,
Egun dúdú orí odò*

Oya a bá ní sọrọ má tọn ní jẹ,

Oya o, Oya aláṣe o

Oya a binun lóri bí adé e,

Oya ò

Oya aláṣe, Oya.

Oya to wọ ẹwà iliké,

Oya o

Oya aláṣe, Oya.

Cantiga de Oya (Iansá) (1)

Quem vocês pensam que Oya é?

Oh Oya!

Oya, que possui o axé, Oya.

Oya, que constrói o ninho da riqueza.

Oh Oya!

Oya, que possui o axé, Oya.

Oya, que veste roupa feita de contas preciosas.

Oh Oya!

Oya, que possui o axé, Oya.

Oya, que é suficientemente grande para nos apoiar.

Oh Oya!

Oya, que possui o axé,

Oya, a esposa de Xangô

Oh Oya!

Oya, que possui o axé, Oya.
Por favor, não desrespeitem Oya.

Aqui está Oya!

Oya, que possui o axé, Oya.

Oya, que melhora o mau orí.

Aqui está Oya.

Oya, que possui o axé, Oya.

Oya, que entrou na terra em sua cidade natal, Irá.

Aqui está Oya.

Oya, que possui o axé, Oya.

A bela esposa de Xangô.

Oh Oya!

Aquela que possui o axé.

Oya, que ressuscita o defunto de treze dias.

Oh Oya!

Oya, que possui o axé, Oya.

Oya, a poderosa que vive no vendaval.

Oh Oya!

Oya, a poderosa, Oya,

que nos dá filhos.

Oh Oya, que possui o axé.

Oya, a que é mãe de muitos filhos.

Oya, és como o pote de barro que, embora já antigo,
ao ser tocado revela possuir ainda total
resistência.

Oh Oya, a poderosa.

Oya, que é negra durante o dia e que possui intensa
força.

Oh Oya, a poderosa.

Oya, que brilha como fogo durante a madrugada e
que possui intensa força.

Oh Oya, que possui o axé.

Qya, a minha benfeitora, a ser louvada pela manhã.
 Qya, que tem força para carregar o chifre do búfalo.
 Qya, oh Qya, aquela que possui axé. 45
 Qya, que entrou na cidade montada num cavalo
 de guerra.
 Qya, a poderosa.
 Qya, que tranquiliza os filhos dando-lhes dinheiro.
 Oh Qya!
 Qya, aquela que possui o axé. 50
 Qya, que tranquiliza os filhos dando-lhes felicidade.
 Qya, que tranquiliza os filhos dando-lhes *àláfia*.
 Oh Qya, que possui o axé, Qya.
 Qya, a poderosa que vive no vento.
 Oh Qya. 55
 Qya, a mulher guerreira e poderosa.
 Qya, orixá poderoso, sentada no pilão.
 Qya, que fala conosco sem nos enganar.
 Qya, oh Qya, aquela que possui o axé.
 Qya, cuja trança é bonita como uma coroa. 60
 Oh Qya!
 Qya, que possui o axé, Qya.
 Qya, que veste roupa feita de contas preciosas.
 Oh Qya!
 Qya, aquela que possui o axé, Qya. 65

Orin Qya (2)

Iyá-Qya: *È ma xé ojù ntó qlôya kífá ìgbá.* 1
Iwq lo mọrọ to bá qlôya sq.
Qkọ ni máà bá qlôya lq.
 Ègbè: *Iwq lo mọrọ tó bá qlôya sq*
 Iyá-Qya: *Nlè omi-yadé* 5

Ègbè: *È sá ma wo Orisá wa,*
 Iyá-Qya: *Nlè omi-yadé dé,*
 Ègbè: *È sá má wo Orisá wa,*
 Iyá-Qya: *Nlè Qya-wplé.*
 Ègbè: *È sá ma wo òrisá wa.* 10
 Iyá-Qya: *Yé pà Qya ò!*
Yé pàripà Qya o!
Máà bá qlôya lq o!
Máà bá qlôya lq!
Máà bá qlôya lq o! 15
Máà bá qlôya lq!
 Ègbè: *Iwq lo mọrọ tó bá qlôya sq;*

Cantiga de Qya (Iansá) (2)

Iyá-Qya: Olhares agressivos lançados contra os iaôs
 de Qya não os desanimam. 1
 Você é quem sabe a conversa que teve com
 os cultuadores de Qya.
 Meu marido, eu vou com os cultuadores de
 Qya.
 Coro: Você é quem sabe o que disse aos iaôs de
 Qya.
 Iyá-Qya: Na casa de axé do omi-yade 5
 Coro: assistam aos nossos orixás.
 Iyá-Qya: Na casa de axé do omi-yade
 Coro: assistam aos nossos orixás
 Iyá-Qya: Na casa de Qya-wplé
 Coro: assistam aos nossos orixás. 10
 Iyá-Qya: Heepa Qya!
 Oh Qya!
 Eu vou com os cultuadores de Qya!

Eu vou com os cultuadores de Qya!
 Eu vou com os cultuadores de Qya!
 Eu vou com os cultuadores de Qya!
Coro: Você é quem sabe o que prometeu aos
 cultuadores de Qya.

Orin Qya (Iansã) (3)

Para ser cantada após a acitação de oferenda feita a Qya

<i>O tún runrun o!</i>	1
<i>O tun rênren.</i>	
<i>O tún runrun o</i>	
<i>O tún rênren,</i>	
<i>Iná kó mà jó ní ipa odò.</i>	5
<i>Qmọ kó mà kù ó, nílẹ̀ àṣẹ wàá.</i>	
<i>O tun runrun o!</i>	
<i>O tun rênren.</i>	
<i>O tún runrun o,</i>	
<i>O tún rênren.</i>	10
<i>Iná kó mà jó ní ipa odò.</i>	
<i>Qmọ kó mà kù ó, nílẹ̀ àṣẹ wàá.</i>	
<i>O tún runrun o!</i>	
<i>O tún rênren.</i>	
<i>Owó kò ní wọn nílẹ̀ àṣẹ wàá.</i>	15
<i>Aláfia kó mà wọn nílẹ̀ àṣẹ wàá.</i>	
<i>Iyí kó mà wọn nílẹ̀ àṣẹ wàá.</i>	
<i>O tún runrun o!</i>	
<i>O tún rênren.</i>	
<i>Iná kó mà jó ní ipa odò.</i>	20

Cantiga de Qya (Iansã) (3)

Para ser cantada após a acitação da oferenda feita a Qya

O axé se espalhou!	1
Oh, o axé se espalhou bem!	
O axé se espalhou!	
Oh, o axé se espalhou bem!	
Jamais haverá chamas no fundo do rio.	5
Ninguém que faz parte da casa do nosso axé morrerá!	
O axé se espalhou!	
Oh, o axé se espalhou bem!	
O axé se espalhou!	
Oh, o axé se espalhou bem!	10
Jamais haverá chamas no fundo do rio.	
Ninguém que faz parte da casa do nosso axé morrerá!	
O axé se espalhou!	
Oh, o axé se espalhou!	
Jamais faltará dinheiro na casa do nosso axé!	15
Jamais faltará <i>áláfia</i> na casa do nosso axé!	
Jamais faltará respeito na casa de nosso axé!	
O axé se espalhou!	
Oh, o axé se espalhou bem!	
Jamais haverá chamas no fundo do rio.	20

Orin Qya (4)

<i>Qya toroo, e e!</i>	1
<i>Qya òjò tórò nẹnẹ,</i>	
<i>Owó lufi sẹ gbọ,</i>	
<i>Qya bámi bẹ wọn.</i>	
<i>Qya bámi bẹ wọn.</i>	5
<i>Awon a sọni dèrò ẹyin.</i>	

*Qya b́amí bẹ́ wón.
 T́a ló ńbíná Qyadolá?
 Qya arina bora.
 Iyá mèsàn obinrin Sàngá.
 Taló ńbíná?
 A ngé ètútú iná qlórún ndún.
 Eniyàn ló ńbíná, qlórún ò b́nù wa.
 Taló ńbíná?*

Cantiga de Qya (Iansá) (4)

*Qya é limpa e calma.
 Qya, a água da chuva, é limpa e calma.
 Foi com dinheiro que fizemos ebó.
 Qya, ajuda-me a acalmá-los.
 Qya, ajuda-me a acalmá-los.
 Aqueles que atrasam nossa vida.
 Qya, ajuda-me a acalmá-los.
 Quem não quer que Qyalólu progrida?
 Qya, que veste roupa de fogo.
 Mulher que se desdobra em nove, a esposa
 de Xangô.
 Quem é que está com ódio?
 Nós estamos fazendo sacrifícios, Qlórún está
 contente.
 São as pessoas que estão iradas, não Qlórún.
 Quem está irado?*

Orin Qya (5)

*Gégé là ngbólóya
 Gégé ò.
 È gbólóya re ilú irá o*

*Gégé là ngbólóya,
 Gégé ò.
 È dakun è gbé wa lóni ò.
 È gbé wa títí ojò ayé,
 Gégé là ngbólóya.
 Gégé ò.
 È dakun è gbé wa relú irá o.
 Gégé là ngbólóya,
 Gégé ò.*

Cantiga de Qya (Iansá) (5)

*O iniciado de Qya é visto com respeito.
 Com respeito.
 Leve o iniciado de Qya às terras de Irá.
 O iniciado de Qya é visto com respeito.
 Com respeito.
 Por gentileza, respeitem-nos hoje.
 Respeitem-nos sempre.
 O iniciado de Qya é visto com respeito.
 Com respeito.
 Por favor, leve o iniciado de Qya às terras de Irá.
 O iniciado de Qya é visto com respeito.
 Com respeito.*

Orin Qya (6)

*Orí mi o!
 Orí mi,
 Ibà fún Qya o.
 Ibà fún Qya.
 Hée pá - ri - pa, Qya Orif o.
 Èpà Qya!*

Ê, e, e, he!
Qyà mí,
To gbórí,
L'ówó gbogho aya m'èrèrindilógún okq rẹ. 10
Bó tí nge qmọ rẹ lóore.
Bẹẹ ló nge ikà fún ọtá.
Sq wá dẹni iyí láyẹ wa,
Kówó ma wọn n'ílẹ wa o.
E è pà Qya. 15

Cantiga de Qya (lansã) (6)

Oh, minha cabeça!
 Minha cabeça.
 Saudações a Qya.
 Saudações.
 Oh, a grandiosa, charmosa e elegante Qya.
 Heepa Qya!
 E e e he,
 minha Qya!
 Que assumiu liderança
 entre todas as dezesseis esposas de seu marido. 10
 Do mesmo modo que abençoa seus iniciados,
 assim castigue os maldosos.
 Que nos faça socialmente importantes.
 Que não falte dinheiro em nossas casas.
 Heepa! Oh Qya! 15

Orin Qya (7)

Ê è è pà! 1
Qya o!
Hèè - pa - rí - pà, Qya o!

Eégún nlá, inú aféfé.
Hèè - pà - rí - pa, Qya o! 5
Oòsà nlá ò!
Oòsà tó tóbi.
A paní ma nágà,
Tú t'ókọ rẹ lẹyin o.
Tú wa lẹyin o. 10
Áwa qmọ rẹ, tí wa lẹyin o.
Qmọ rẹ lá nge.
Áwa lẹlẹya.
Qya wa, tí wa lẹyin o.
E e e, hèèpà o! 15

Cantiga de Qya (lansã) (7)

Heepa!
 Oh Qya!
 Oh, a grande Qya,
 O grande Egun que vive no vento.
 Oh, a grande Qya. 5
 O grande orixá.
 O orixá grandioso
 que mata sem se mexer
 e que apoia seu marido,
 apoia-nos! 10
 Nós somos teus filhos, dá-nos impulso!
 Somos teus filhos.
 Somos cultuadores de Qya.
 Nossa Qya, apoia-nos!
 E e heepa o! 15

Orin Qya (8)

Qyajobi!
Qya jobi wa ni
Iji t'qíqya nji,
Qlqya nji sówó,
Qlqya nji sáyó.
Qlqya nji sámq.
Qya, olówó ori mí,
A ji kl.
Qya, olówó ori mí,
A ji yqmq.
Qya ó.
Qyajobi, ibà rẹ o!

Cantiga de Qya (Iansā) (8)

Qyajobi!
Qya deu vida a todos nós.
Assim que o iniciado em Qya acordar,
acordará com sorte e dinheiro.
Acordará com felicidade.
Acordará com fertilidade.
Qya, a dona da minha cabeça.
A primeira a ser louvada pela manhã.
Qya, a dona da minha cabeça.
Qya, que eu abraço com felicidade pela manhã.
Oh Qya!
Qyajobi, eu te saúdo!

1

5

10

Orin Qya (9)

Orí nù, l'òrí qlqya.
Orí nù, l'òrí òlòòsà o.
Qya ará irá.
É é é, hè!
Qya, lórìsà ẹnì nwá ire ẹkẹ, ire aya.
É é é, hè!
Qya lórìsà olówó.
Qya lórìsà oníyí.
Mo ẹiré qlqya ròde o.
Mo ẹiré qlqya.
Àláfíà ntqlqya,
Àláfíà, fún qlqya.
N o lẹ ẹ kí nma pe Qya,
É é é pà, Qya!
Qya ó.

1

5

10

15

Cantiga de Qya (Iansā) (9)

Meu ori, ori de devoto de Qya.
Meu ori, ori de devoto de orixá.
Qya, da cidade de Irá. .
E e e, he!
Qya, orixá dos que querem sorte no amor.
E e e, he!
Qya, orixá dos que querem dinheiro.
Qya, orixá dos que querem ser respeitados.
Oh, eu fui à festa de Qya.
Eu fui à festa de Qya.
A vida daquele que cultua Qya é cheia de àláfíà.
Àláfíà para aquele que cultua Qya!

1

5

10

Não posso deixar de louvar Oya.
E e pa Oya!
Oya oh!

15

Orin Oya (10)

Hé - hé - hé
Ori mi gbè mí o,
Oya ori mí, gbè mí o.
Àṣẹ rẹ ni mo fi nǵóràkọ mí.
Àṣẹ rẹ ni mo fi n ghayí.
Hé - pá - rí - pa, Oya.

1

Cantiga de Oya (Iansã) (10)

He, he, he!
Meu ori, me apoie!
Oya que carrego na cabeça, apoia-me!
Em nome do seu axé, meu nome é respeitado.
Com seu axé, eu sou louvado.
Oh Oya!

1

5

Orin Oya (11)

Iyá nlá o!
A wa olóya npè o, o.
Jagun jagun obìnrin,
Tí ntọkọ rẹ lẹyin,
Tí wá lẹyin.
Ká rí bá tìṣé
Ká r'òṣà ghe gbà o.
Sọ 'ṣé wa dọrọ o, Oya.
Ó dọwọ rẹ o, Oya.

1

5

Iyá wá bá wa ṣe
Làná rere kò wá o, Oya.
K'ilé wá kún f'ówó o
K'ilé wá kún f'ólà o, Oya.
Oya òrírí
Èjúsù lẹlẹ
Làná rere kò wá.

10

15

Cantiga de Oya (Iansã) (11)

Oh, a grande mãe.
Nós que a cultuamos, chamamos por ti,
A mulher guerreira
que apoia seu marido,
apoia-nos!
Que tenhamos sucesso na vida.
Que encontremos os caminhos do sucesso em
nossas vidas.
Que em tudo aquilo que quisermos fazer, não
encontremos dificuldades.
Estamos em tuas mãos, Oya.
Nossa mãe, ajuda-nos a atingir nossos objetivos.
Oh, abra-nos bons caminhos, Oya.
Oh, para que nossa casa se encha de dinheiro,
para que nossa casa se encha de prosperidade,
oh Oya.
Oya, a charmosa, a elegante,
Oya, o Grande Vendaval.
Abra-nos bons caminhos!

1

5

10

15

Orin Qya (12)

Orí ò!
 Orí Qya, mo gbé dé.
 Qya mèsàn, mèsàn mèsàn.
 Qya òrírí, o, o, o.
 Qya mèsàn,
 A jì lodà òrìgà.
 Orí ò
 Orí pláya, mo gbé de.
 Orí mi!
 Orí Qya, mo gbé dé.

1

5

10

Cantiga de Qya (Iansã) (12)

A cabeça do iniciado,
 a cabeça daquele que é iniciado em Qya está aqui.
 Qya, que se desdobra em nove partes.
 Qya, a grande mulher, charmosa e elegante.
 Qya, que se desdobra em nove partes.
 Orixá que usa a espada ao acordar.
 A cabeça do iniciado,
 a cabeça daquele que é iniciado em Qya está aqui.
 Meu orí.
 A cabeça daquele que é iniciado em Qya está aqui.

1

5

10



OSUN - OXUM

Capítulo III

OXUM NA ÁFRICA

1. Oxum, orixá das Águas e dos Metais Nobres orixá da Fertilidade e da Prosperidade

Mitos

Segundo histórias a seu respeito, Oxum foi a primeira filha de Iemanjá. Como tivesse dificuldades para conceber, Iemanjá consultou Ifá e recebeu a seguinte recomendação: a cada cinco dias deveria dirigir-se ao rio próximo a sua casa, carregando sobre a cabeça um pote pintado de branco e, lá chegando, deveria enchê-lo de *agbo* (remédio líquido). Deveria preparar *egbo* (canjica branca), *yanrin* (verdura), *ekuru* (inhame cozido e amassado com dendê) e *ekp* (mingau de milho branco). Juntar a essas comidas obi e *orogbo* e, antes da alvorada, levar tudo ao rio, acompanhada por um grupo de crianças cantando em coro.

Ao chegarem, deveria encher o pote branco com água do rio e retornarem cantando. A água seria então despejada num pote chamado *awé* e, nos cinco dias

transcorridos entre os rituais de ida ao rio, deveria ser usada para banhos diários, bem como para saciar a sede. Isso acabou tornando-se um hábito e, ao chegar o dia marcado, bem cedo pela manhã, as crianças esperavam por ela à porta.

Iemanjá repetiu incansavelmente essa caminhada, por longo tempo. Finalmente engravidou e mesmo assim prosseguiu com os rituais prescritos por Orunmilá sendo que eles foram se tornando muito cansativos à medida que a gestação progrediu.

Numa dessas manhãs, logo após entregar as oferendas, sentiu uma forte dor. Chamou as crianças e disse-lhes que esperassem um pouco, pois sentia vontade de fazer suas necessidades. Entretanto, isso era apenas pretexto para recolher-se a um lugar escondido e ali dar à luz. Assim que ficou de cócoras, ouviu o choro de uma criança. Não precisou usar medicamento algum, além do *agbo* oriundo do rio.

Iemanjá contou às crianças que tivera um bebê e pediu a uma delas que fosse dar a notícia a Orunmilá. Ao receber a mensagem, ele ficou felicíssimo e pediu a um mensageiro que levasse a ela suas saudações. Encontrando Iemanjá, sua filha e as crianças no caminho, o mensageiro transmitiu o recado.

Ao chegarem em casa, cuidaram do umbigo da criança, porém no terceiro dia ele começou a sangrar e isto preocupou muito Iemanjá, que retornou ao rio e repetiu os rituais de costume. Jogava as oferendas na porção mais profunda das águas, local de pouso de

aves aquáticas (essa parte do rio ainda hoje, é o local adequado para as oferendas feitas aos orixás nos rios).

Esperava alcançar cura para a filha, porém não obteve sucesso. Pediu a alguém que consultasse Orunmilá e o jogo de Ifá orientou quanto ao procedimento que deveria ser adotado para conter a hemorragia umbilical. Configurou-se o *Odu Qxq Orogbe*, que no jogo aficano *erindilogun* (dezesseis búzios) é conhecido por *Qxq* e representa a própria Oxum:

Odu Qxq orogbe
Qxq (Odu de Oxum)

Qxq Orogbe
Ose (Odu de Oxum)

A-n-agbon k'owa si
Que possui uma gamela onde guarda dinheiro

Ayeye n'ima
Graciosa mãe, dona de muitos conhecimentos,

A fidi re mo
que enfeita seus filhos com bronze.

Seguindo a tradição dos babalaôs, Orunmilá recitou o seguinte *odu*:

Tani yoo dido
Quem vai cicatrizar o umbigo?

Tani yoo dido Qxun
Quem vai cicatrizar o umbigo de Oxum?

Qxun o yeye n'ima
Oxum, que enfeita o filho com bronze

Dizem que os mensageiros de Iemanjá ainda não tinham apresentado a Orunmilá o motivo da consulta quando o *odu* foi recitado. Puderam perceber que ele fazia referência exatamente ao motivo que os conduziu. Confirmaram a mensagem do *odu* a Orunmilá: embora a criança tivesse nascido, uma hemorragia a ameaçava. Perguntaram qual seria o *ebô* a ser feito e receberam a recomendação de trazerem, o mais breve possível, dezesseis búzios, dezesseis obis, dezesseis *orogbo* e a placenta (entre os iorubás é costume enterrá-la).

Ao receber isso, Orunmilá separou os dezesseis búzios em duas partes, colocou a placenta de Oxum numa cabaça junto com um desses grupos de oito búzios e fez o *Işş Ifá* (trabalho espiritual de Ifá). Então, chamou Ogum e pediu a ele que enterrasse a placenta e os demais objetos na parte mais profunda do rio, conforme fizera em tempos passados, com a placenta da própria Iemanjá.

Ogum fez o que lhe fora recomendado, voltou para notificar Orunmilá e perguntou se algo mais deveria ser feito. Recebeu a recomendação adicional de pegar os oito búzios restantes, levá-los a Iemanjá e pedir-lhe que os guardasse no pote branco de *agbo*,

juntamente com ewé yánríá (espécie de folha) e água do rio. A criança deveria beber exclusivamente dessa água e ser banhada com ela. O agbo deveria estar sempre frio (agbo tutu) e desde então, crianças nascidas graças à ajuda de Oxum não podem banhar-se em água quente e, não importa qual seja o clima, nunca adoecerão. Tais crianças são conhecidas por *olomi tutu* - "aquele que usa água fria".

Iemanjá sentia-se insegura quanto à saúde da filha e, percebendo a atenção de Ogum, pediu-lhe que ficasse a seu lado para ajudá-la no caso de algo não correr bem. No sexto dia de vida da criança, ele adentrou a mata, pediu a Osanyin que o orientasse na escolha das folhas terapêuticas e, uma vez orientado, apanhou folhas de yánríá e pimentas verdes para colocá-las, inteiras, no pote. Perguntaram-lhe qual era o nome da menina e ele respondeu que, antes de dar um nome a ela seria preciso que sua mãe fosse ao rio todas as manhãs, antes do sol nascer, para apanhar agbo, devendo ser a primeira pessoa a chegar ali. Este procedimento fortaleceria ainda mais a saúde da criança. Quando isto foi feito, Ogum revelou o nome da criança: *Oxé-n'íbu omi* - "Oxé nas profundezas das águas". O nome Oxum é, pois, uma síntese dessa frase e é importante enfatizar que Oxum já era orixá ao nascer.

Sempre que Iemanjá caminhava até o rio em companhia das crianças, iam entoando o seguinte refrão:

È Kòrè yèyè *Oxum o*
Gritam a bênção da graciosa mãe Oxum

Yèyè *o, yèyè o, yèyè o*
Oh graciosa mãe, Oh graciosa mãe, Oh graciosa mãe!

Essa cantiga foi preservada e ainda hoje é recitada pelas mulheres que louvam a fertilidade trazida por Oxum, repetindo *Ore Yèyè o!* - "O abençoado de mãe Oxum!"

Iemanjá, Oxum e toda sua descendência mantêm profunda ligação com a água e seus nomes indicam isso. Crianças nascidas graças à proteção desses orixás têm em seus nomes, referência a isso.

Alguns mitos referem-se a *Oxum Osogbo* (Oxum da cidade de Osogbo) e relatam que Oxum transformou-se no rio que corta essa cidade. Outros referem-se à divindade Logunedé, ora como filho de Oxum, ora como seu mensageiro, pois há grande ligação entre ambos. Algumas casas de culto referem-se a Logunedé como complementação de Oxum o que aponta para a intensidade de sua ligação.

Há relatos ainda, de que Oxum, quando casada com Xangô, foi um dia chamada por ele, juntamente com Oyá. Ele lhes comunicou que faria uma viagem ao mundo invisível no dia seguinte e perguntou qual das duas o acompanharia. Oyá prontamente respondeu dizendo que iria e Oxum, sua primeira esposa, gozando portanto de prioridades, ficou muito enciumada.

Ao amanhecer, Qya chamou o marido e avisou que preparara a bagagem e já estava a sua disposição para a viagem. Oxum, que demorara para arrumar seus pertences, estava ainda no quarto. Xangô foi chamá-la pedindo-lhe que se apressasse. Finalmente, Oxum anunciou que estava pronta, porém, ao saírem de casa, deu-se conta de haver esquecido o *kondo esê* (tornozeleira) em seu quarto e retornou para buscá-la. Xangô, irritado, chamou *àrá* (o raio): a terra abriu-se e Xangô, juntamente com Qya penetraram na fenda, tornando a terra a fechar-se. Ouvindo o barulho do raio, Oxum saiu para ver o que ocorrera mas Xangô e Qya já haviam desaparecido. Desorientada, triste e desesperada, começou a se lamentar, invejando a esperteza de Qya. Compadecidos, seus filhos colocaram uma cabaça branca em formato de alguidar sobre sua cabeça, e disseram-lhe que repetisse as seguintes palavras:

N o ri gkô mí.
Não acho meu marido.

N o ri gkô mí.
Não acho meu marido.

N o ri Xangô.
Não acho meu Xangô.

N o ri Xangô.
Não acho meu Xangô.

Esta é a origem do costume feminino de levar sobre a cabeça, durante as festividades em homenagem

à Oxum ou em qualquer época a pedido do próprio orixá, uma cabaça branca.

Em alguns relatos Oxum é descrita como esposa de Ifá. Por fim, há relatos míticos que fazem referência ao seguinte fato: ao tomar conhecimento da morte de Xangô, Oxum, desesperada, transformou-se num rio.

2. A iniciação no culto a Oxum na África

A iniciação no culto a Oxum é feita de modo análogo à de outros orixás. São múltiplas as razões que levam uma pessoa a iniciar-se neste culto: por recomendação obtida através de jogo adivinhatório, por desejo de ser fértil, por simpatia, por desejo de obter a prosperidade que esse orixá costuma proporcionar ou ainda, por herança de antepassados. Neste último caso, o orixá herdado deve receber rituais para que não ocorram perturbações no plano material, em setores relacionados a seu domínio: casamento, procriação e situação econômica.

Seja qual for o motivo que conduza à iniciação, o procedimento é o mesmo. Toda cidade iorubá possui um rio representativo do culto à Oxum, porém é em Oşogbo que está a origem do seu mito e é ali que passa o rio que simboliza seu culto. Há nele, geralmente, um pote cuja base voltada para cima exibe um furo. Este pote marca o trecho do rio onde são feitos os rituais: nas grandes cerimônias realizadas uma vez por ano, aí ocorrem os primeiros ritos.

A iniciação coletiva no culto a Oxum é realizada na época das festas em sua homenagem, ocasião em que todos se banham juntos no rio. A iniciação individual, ou seja, ocorrida fora do período festivo, é feita no interior do santuário. Seja ela individual ou coletiva, o procedimento é único: os *bàbá qlôsun* e as *lyá-Osun* preparam os itens da iniciação - cabras, galinhas, pintinhos, galinhas d'Angola, pombos, *ikodidê*, *akará*, mel, pimenta da costa, obis, *orogbo* e cana de açúcar. Simultaneamente, mulheres já iniciadas cantam evocando o orixá e louvando o *iaô* e seus ancestrais, enquanto os parentes colocam dinheiro em notas na testa dessas mulheres.

Quando o *iaô* é finalmente conduzido ao quarto sagrado, as mulheres cobram o *owo-iyawô*, cuja tradução literal é "dinheiro-esposa". Trata-se do pagamento simbólico da iniciação, realizado de modo análogo ao pagamento feito pelo noivo às mulheres que, no dia do casamento, acompanham a noiva até o novo lar. Aqui, a referência é feita ao casamento sagrado do indivíduo com o orixá. O valor monetário desse pagamento varia segundo as possibilidades econômicas da família.

Pode notar, enquanto pesquisador, que o processo é único, havendo entretanto, variações no ritual, dependendo da casa de culto e das circunstâncias específicas. Assim sendo, a duração do processo iniciatório pode variar de três dias a três meses, sendo geralmente mais breves os dos homens,

em função de sua urgência de deixar o recolhimento para retornar ao trabalho.

Na noite da iniciação são tocados os tambores *bâtá* (com duas varinhas), *gbêdu* (com uma única vara comprida) e *dundun*. Acompanha-os o som do *şekşek* (espécie de chocalho grande), e das palmas das pessoas que ali estão. Com a presença dos *babalorixás*, das *ialorixás*, dos *axogum*, dos iniciados em Oxum e dos tocadores, ocorre a iniciação propriamente dita.

Antes da cabeça do *iaô* ser raspada, ele é banhado ao som da cantiga sagrada:

Omi ni ọọ o
Água é sabão.

Ọọ ni omi
Sabão é água.

Inunmọy yoo wẹ ọ mọ o
Você será purificado pelo orixá.

Omi ni ọọ
Água é sabão.

Essa cantiga é repetida alternando-se com outras até que o banho termine. A roupa usada para chegar ao local e uma parte dos cabelos, serão jogados na água do rio consagrado a Oxum.

Após o banho, o *iaô* retorna ao interior da casa de orixá, envolto num lenço branco virgem, e senta-se

num banquinho previamente preparado, enquanto o *bábá ọlọsun* e a *Iyá-Osun* evocam Oxum junto ao assentamento, que ainda não recebeu os objetos específicos relativos à "qualidade" da Oxum desse *iaô*.

A navalha sagrada é usada para raspar a cabeça, sendo que uma parte dos cabelos é depositada junto ao assentamento da casa e outra parte junto ao assentamento pessoal. Finalmente, completa-se a raspagem da cabeça, sempre acompanhada pelas evocações.

Segue-se novo banho de *àgbò*, ao som da cantiga:

Omi ní ọọọ o
Água é sabão,

Ọọọ ní omi
sabão é água.

Inunmọlẹ yoo wẹ ọ mọ ọ
Você será purificado pelo orixá.

Omi ní ọọọ o
Água é sabão.

Ọsun yoo ọ wẹ ọ-mọ
Você será purificado por Oxum.

Omi ní ọọọ o
Água é sabão.

Através dessa cantiga, pede-se a Oxum que acolha e purifique o *iaô* durante o banho. Depois ele retorna para dentro da casa, obedecendo a várias regras secretas. Entre os diversos ritos, é pintado inteiramente com *ẹfun* e *osun*. Sempre que vejo alguém pintado dessa maneira, tenho a sensação de estar vendo o próprio orixá, uma vez que todo o processo é acompanhado por cantigas e a atmosfera sagrada torna irresistível a participação, seja através da dança, do canto, da incorporação ou de várias formas dessas simultaneamente.

Prossegue o ritual iniciatório e ao findar esse dia o *iaô* é banhado e vai dormir. Nos próximos dias (de sete a vinte e um) continuará sendo pintado com *ẹfun* e *osun*. No terceiro dia - *ọjọ ikota* - são realizados novos rituais e sacrifícios: *akará* são preparados e oferecidos a Oxum e aos presentes; os diversos nomes do orixá são evocados e é entoada uma cantiga específica, que fala da união eterna de Oxum com seu *iaô*:

A rú gbà ọ
Estará carregando para tudo vir a ter,

A ní gbò ọ
estará carregando por toda a vida,

Ti á ọye
para sempre

Loo nì inmọlẹ
você vai carregar seu orixá.

A nù gbà o
Estará carregando para tudo vir a ter,

A nù ip o
carregará seu orixá como esperança de realização de seus desejos,

Ti á ayé
para sempre.

Lao nù inuqé
você vai carregar seu orixá.

Integrando os rituais desse dia, o *bàbá ológun* e a *iyá-Oxum* sentam-se com o *iaô* e lhe apresentam seu *odu* de nascimento nesse orixá. A "qualidade" do orixá se revela do seguinte modo: ao serem recitadas as evocações relativas às diversas particularidades de Oxum, o *iaô* provavelmente incorporará. A evocação que estiver sendo feita no momento da incorporação, indicará a "qualidade" de sua Oxum. Outra possibilidade de obtenção desse conhecimento se dá através do jogo adivinhatório.

O *iaô* é vestido e enfeitado com braceletes e tornozeleiras de metal amarelo. Estará usando *kele* de contas amarelas e será orientado sobre suas quizesilas. Há danças ao som dos tambores e cantos e, finalmente, ocorre a incorporação dos iniciados perdurando a festa por toda a noite.

No sétimo dia (*ojô ije*) segue-se o ritual que conta com a presença daqueles que participaram do

ojô ikota. Repete-se a distribuição de *akara*, juntamente com a oferta de obis e o sacrifício de animais como galinhas e pombos. O *iaô* é informado a respeito de sua posição na hierarquia do culto e das regras de conduta para com outros iniciados.

O processo iniciatório é concluído com o *iaô* recebendo o jogo de búzios que fora colocado em seu assentamento e que, posteriormente, servirá para seu uso pessoal, caso tenha aptidão para isso e venha a desenvolver conhecimentos.

"Qualidades" de Oxum

Convém assinalar que na África há apenas pequenas diferenças no assentamento e nas cantigas referentes às diversas "qualidades" de Oxum. Entre os *iorubás*, cada "qualidade" representa passagens ou momentos da vida do orixá, em que distintas características de sua personalidade se revelaram, por vezes associadas a locais por onde passou: *Yèyè Ade-Oko*, *Yèyè Ippndá*, *Yèyè Opara*, *Ogun Logun*, *Yèyè Ojumo*, *Yèyè Iloba*, *Yèyè Ile-Elepe*, *Yèyè Jakupepe*, *Yèyè Ojuna*, *Yèyè Igando*, *Yèyè Odé Dudu*, *Yèyè Adobaba*.

3. Nomes em louvor a Oxum

Em louvor a Oxum, são dados nomes às pessoas, seja por ocasião do processo iniciatório, seja por ocasião do nascimento. Tais nomes denotam que,

através das bênçãos desse orixá, foram alcançadas graças tais como curas, fertilidade, prosperidade;

Oyundare: Oxum me favoreceu.

Oyundola: Oxum tornou-me próspero

Oyundúnkẹ: Oxum me deu esta (criança)
para cuidar

Oyuntúnjẹ: Oxum me fez reviver

Oyunkunlẹ: Oxum encheu a casa de coisas
boas

Oyuntúnbi: Oxum me fez renascer

Omídire: A água que se tornou boa

Omíseun: A água foi generosa comigo

4. Símbolos de Oxum

As pessoas iniciadas em Oxum, independente de sua "qualidade", usam colares de contas amarelas, tornozeleiras (*kondo*), braceletes e diversos objetos de *idẹ* (bronze e metais amarelos, utilizados como representantes do mais nobre de todos os metais - o ouro).

Todos os assentamentos de Oxum são idênticos quanto à presença do *ota* (pedra) e dos animais sacrificados. Distintas "qualidades" determinam uso de distintos aparatos: para *Yeyé Ipódù* é usada uma espada de ouro ou de latão amarelo; para *Yeyé Opara*, um leque (*obebe*). Outros itens frequentemente encontrados nos assentamentos de Oxum são os seguintes: a tornozeleira (*kondo*); um certo número de búzios; moedas; pente (*òdà*); *pèrègún*; tecido branco; dezesseis búzios. A presença de metais amarelos associados a Oxum é explicável: representam o ouro, o mais nobre de todos os metais.

Ao lado de um assentamento de Oxum há sempre, com propósitos de cura, um pote de água pura por ela abençoada. Sendo Oxum um orixá profundamente ligado à beleza, algumas de suas iniciadas pintam o calcanhar com *osun*. Finalmente, em muitos assentamentos encontramos também estátuas que representam uma mulher de cabelos trançados, segurando ao colo um bebê ou amamentando. Junto a alguns desses assentamentos encontramos assentado Logunedé.

5. Cerimônia anual de Oxum. Festas

A maior festa de Oxum ocorre anualmente em Oşogbo no mês de agosto, reunindo pessoas do mundo inteiro, que afluem ao local para agradecer graças alcançadas através de seu poder.

O rei de Oṣogbo está sempre presente, ao lado de outras personalidades do cenário político nigeriano. O culto a Oxum é visto como originário de Oṣogbo e Ife, principais cidades do grupo iorubá Ifèṣà, e por esta razão, ao evocar este orixá são feitas citações com entonação típica Ifèṣà, como por exemplo a saudação *Kare ol'*

Isso não significa que haja diferenças significativas de culto nas demais cidades que compõem o reino iorubá. Festas similares ocorrem em diversas cidades, seguindo sempre um padrão que é mais ou menos o mesmo, embora haja variações locais quanto às datas dos festejos. Apresentarei duas descrições de festas anuais de Oxum - uma, que se realiza em Abokuta e que tive a oportunidade de presenciar e outra, que se realiza em Oṣogbo e é descrita por Gert Chesi no livro *Susanne Wenger - Ein leben mit den Gottern* e que, por sua fidedignidade, merece ser apresentada aqui.

A festa anual de Oxum em Abokuta

A escolha do dia conveniente é feita com aproximadamente dois meses de antecedência. Os iorubás usam calendário lunar e, ao aproximar-se a luação certa, têm início os preparativos. Três dias antes, chegam os visitantes, sendo que alguns ficam hospedados na casa de culto onde se dará a festa.

O dia de início dos festejos é chamado *ogbo-ibodo*. À noite, em todas as encruzilhadas próximas à casa de culto, são feitos sacrifícios e oferendas a Exu e às Oṣoronga (consideradas e veneradas como mães superiores, donas do conhecimento e temidas por seus poderes maléficos): pombos, galos, obis, *orogbo* e azeite de dendê. Através de rezas, os praticantes pedem às forças que habitam essas encruzilhadas que lhes deem muito axé, a fim de que consigam obter a força vital necessária para a realização de festejos que sejam agradáveis a Oxum.

Após esta cerimônia, dirigem-se todos ao rio para fazer oferendas de animais, obis, *orogbo*, uma cabaça repleta de vários tipos de comidas, sempre ao som do toque de tambores e das rezas. São realizados, entre outros, pedidos de prosperidade, filhos, saúde e cônjuge.

Neste momento, três obis são abertos, e com eles nas mãos do babalorixá ou da ialorixá são feitas rezas em nome dos iniciados, das pessoas presentes e ausentes e dos familiares. A finalidade é saber se todas as oferendas foram aceitas ou não. A pergunta é feita ao orixá, através dos obis. Caso a resposta seja afirmativa, todos juntos gritam alegremente: *Odun gba!* Este grito é repetido muitas vezes ao som dos tambores.

Cantando e dançando, os cultuadores retornam à casa do orixá e as danças se estendem noite adentro. No dia seguinte, todos louvam Oxum com o grito *Kare*

O rei de Oṣogbo está sempre presente, ao lado de outras personalidades do cenário político nigeriano. O culto a Oxum é visto como originário de Oṣogbo e Ife, principais cidades do grupo iorubá Ifẹ̀ṣà, e por esta razão, ao evocar este orixá são feitas citações com entonação típica Ifẹ̀ṣà, como por exemplo a saudação *Kare o!*

Isso não significa que haja diferenças significativas de culto nas demais cidades que compõem o reino iorubá. Festas similares ocorrem em diversas cidades, seguindo sempre um padrão que é mais ou menos o mesmo, embora haja variações locais quanto às datas dos festejos. Apresentarei duas descrições de festas anuais de Oxum - uma, que se realiza em Abẹ̀okuta e que tive a oportunidade de presenciar e outra, que se realiza em Oṣogbo e é descrita por Gert Chesi no livro *Susanne Wenger - Ein leben mit den Göttern* e que, por sua fidedignidade, merece ser apresentada aqui.

A festa anual de Oxum em Abẹ̀okuta

A escolha do dia conveniente é feita com aproximadamente dois meses de antecedência. Os iorubás usam calendário lunar e, ao aproximar-se a luação certa, têm início os preparativos. Três dias antes, chegam os visitantes, sendo que alguns ficam hospedados na casa de culto onde se dará a festa.

O dia de início dos festejos é chamado *oṣo-lbodo*. À noite, em todas as encruzilhadas próximas à casa de culto, são feitos sacrifícios e oferendas a Exu e às Oṣoronga (consideradas e veneradas como mães superiores, donas do conhecimento e temidas por seus poderes maléficos): pombos, galos, obis, orogbo e azeite de dendê. Através de rezas, os praticantes pedem às forças que habitam essas encruzilhadas que lhes dêem muito axé, a fim de que consigam obter a força vital necessária para a realização de festejos que sejam agradáveis a Oxum.

Após esta cerimônia, dirigem-se todos ao rio para fazer oferendas de animais, obis, orogbo, uma cabaça repleta de vários tipos de comidas, sempre ao som do toque de tambores e das rezas. São realizados, entre outros, pedidos de prosperidade, filhos, saúde e cônjuge.

Neste momento, três obis são abertos, e com eles nas mãos do babalorixá ou da ialorixá são feitas rezas em nome dos iniciados, das pessoas presentes e ausentes e dos familiares. A finalidade é saber se todas as oferendas foram aceitas ou não. A pergunta é feita ao orixá, através dos obis. Caso a resposta seja afirmativa, todos juntos gritam alegremente: *Odun gba!* Este grito é repetido muitas vezes ao som dos tambores.

Cantando e dançando, os cultuadores retornam à casa do orixá e as danças se estendem noite a dentro. No dia seguinte, todos louvam Oxum com o grito *Kare*

o ! Os iaôs saúdam os babalorixás e ialorixás com a mesma palavra, acompanhada dos gritos *Ore yèyè!* - "Oh, graciosa mãe Oxum!" Os símbolos do orixá são lavados com um ágbo feito de ewe tètè, ewe rinrin, ewe dundun, ewe akoko, ewe iyalode e outras folhas misturadas com gin e sabão da costa. Seguem-se os sacrifícios de animais, enquanto os devotos fazem promessas ao orixá, onde garantem repetir as oferendas, se forem atendidos.

Há então uma reza coletiva, onde o babalorixá ou a ialorixá recita e o público responde "Axé!". Alguns incorporam enquanto os sacrifícios prosseguem ao som dos tambores e das evocações.

A dança prossegue até o amanhecer do terceiro dia, ocasião em que são servidos akara para Oxum e para as pessoas presentes. Uma procissão conhecida por iyide, com tambores e numerosas incorporações entre os olorixá, sai para visitar casas de parentes, amigos e conhecidos.

Os iaôs de Oxum vestem roupas brancas e carregam uma cabaça branca na cabeça. Após a procissão retornam à casa de culto para dar prosseguimento aos festejos.

A festa anual de Oxum em Oşogbo

A procissão rumo ao rio sagrado realiza-se numa sexta-feira de agosto chamada Jákúta e é precedida

por duas noites de vigília com intervalo de uma semana entre uma e outra. Na primeira dessas noites, uma semana antes da véspera da procissão, permanecem acesas até o amanhecer, dezesseis lamparinas de óleo num *opá orere* de Qsányin, forjado há muitíssimo tempo e colocado em determinado lugar da área externa do palácio real de Oşogbo. Diante dessas lamparinas, três importantes líderes do culto de Ifá batem dezesseis tambores principais que integram o oráculo *Odù Ifá*. Durante toda a noite os *bàhá pléşun* e as *iyá-Qşun* que já puderam chegar, dançam na casa sagrada, ao som dos tambores *bémbé*. Na área externa, grande número de pessoas já se encontram presentes. Muitas são moradoras de Oşogbo. A alimentação das lamparinas a óleo constitui uma honra que compete a uma família de babalorixás e é recebida por herança. Ao ralar a madrugada, o *ojágbônà* sacrifica uma cabra para Ifá (que em alguns mitos figura como esposo de Oxum), no mesmo local sagrado pertencente a Orò.

Antigamente, durante a semana transcorrida entre uma vigília e outra, alguns líderes do culto participavam de rituais particularmente difíceis. O *abínúwòdò* passava oito dias nas profundezas das águas e realizava profecias ao retornar à superfície.

Na manhã da procissão os símbolos sagrados de Oxum são colocados num grande pote que será conduzido até o rio pela "sagrada virgem", *arughá*. Seus cabelos são arrumados em tranças finíssimas e seu pescoço, braços e cintura são adornados com *ségi*,

pérolas azuis de grande importância religiosa. Ela chora e, quando o precioso pote é depositado sobre sua cabeça, entra em semi-transe. Para que não fale dos milagres que seu espírito experimenta, dois *orogbo* são colocados em sua boca. Ainda antes de deixar a casa sagrada, sua mãe biológica atira-se a seus pés, com os cabelos desgrehados, cobertos de cinza e o peito desnudo, soluçando e entoando cantos. Conduzida pelo som dos tambores, a *arugbá* deixa a casa sagrada e, antes de abandonar a área do palácio, é feito o sacrifício de uma galinha a seus pés, no *ojúbq* de Atibá, herói deificado. Segue à frente dos *bàbá qlósun* e *lyá-Qsun* e das pessoas mais importantes da comunidade. Logo em seguida vem a imensa multidão. Jovens fustigam as pessoas para que não avancem porque, se provocarem a queda da *arugbá* isto acarretará sérios males.

Chegam à casa sagrada de *lyemòwò*, que simboliza a flor *òshàtá*. Dali para frente seguirão a trilha até o lugar denominado *idi-irókò*, apenas a *arugbá*, agora totalmente incorporada e os líderes religiosos. Chegando a esse local onde, em passado mítico foi celebrado o pacto entre o homem e o rio, o grupo para e as pessoas entoam cantigas muito antigas. A partir daí a *arugbá*, com seu precioso fardo, é conduzida pelos líderes religiosos até um lugar protegido de olhares curiosos. Agora, o rio recebe as oferendas de todos que, eufóricos, pedem a Oxum que lhes conceda filhos, prosperidade e saúde. A *arugbá* somente despertará quando todos as ofertas tiverem sido tragadas pelas águas.

6. Osè de Oxum

O *òsè* de Oxum deve ser realizado a cada dezessete dias, ocasião em que os iniciados vestem-se de branco e usam colares de contas amarelas. Ao amanhecer o dia, as pessoas chegam ao local onde será feito o *òsè* e cumprimentam-se com a saudação *Kare o!* Dançam e cantam até aproximadamente o meio dia. Então, os iniciados recolhem-se ao quarto do orixá, para darem início às oferendas. O *bàbá qlósun* e a *lyá-Qsun* recitam uma evocação específica, solicitando ao orixá que venha buscar as oferendas que lhe serão oferecidas.

A oferenda é feita em seguida. Entre outros itens, são oferecidos *qlé*, *osun*, *obi*, *çkq*, *akara*, *gin* e uma galinha, que é sacrificada sobre o assentamento. De modo análogo aos anteriormente descritos, o *babalorixá* ou *ialorixá* faz uso do *obi* para saber se a oferenda foi satisfatória ou não. Se considerada satisfatória, é servida a comida primeiramente ao orixá, distribuída depois entre os presentes, podendo ser levada para ser oferecida aos familiares que não puderam estar presentes, uma vez que é alimento fortemente impregnado de *axé*.

7. *Àdùrà, Ibà, Oríkì, Orin Qsun*

Rezas, Saudação, Evocações e Cantigas de Oxum.

Àdùrà Qsun (1)

Osun mo pè ô o! 1
N ò pé ô s'ikú eni kankan,
béni n ò pé ô s'arùn eni kankan,
mo pè ô sí níní owo.
Mo pè ô sí níní omọ. 5
Mo pè ô sí níní àláfùà.
Mo pè ô sí ôrọ.
Kí àwa má ríjà omi o,
odọdún ní a nri orógbó.
Odọdún ní a nri omọ obi lóri àtẹ o. 10
Odọdún ní kí wọn má rí wá o!
Bí a se, yọdún rẹ yíl
kí á tún se, èyí tò jù báyi lẹ, ní àmọdún.
Qsun sọ wá, kí ó máà sí wàhàlà larin àwa omọ rẹ.
Kí ilé má jò wá. 15
Kí ọnà má nà wá o.
Pèsè àsẹ fún wá o.
Eni nse àmódi ara,
Fún ní àláfùà o.
Okọ ọba, àdà ọba, kí ó ma zá wa lẹsẹ o. 20
Kí àwa má rí Ogun idílẹ.

Reza de Oxum (1)

Oxum eu te chamo! 1
 Não te chamo por causa da morte.
 Não te chamo por causa da doença de alguém.
 Eu te chamo para que tenhamos dinheiro.

Te chamo para que tenhamos filhos. 5
 Te chamo para que tenhamos saúde.
 Para que tenhamos uma vida serena.
 Para que não sejamos vitimados pela ira das águas.
 Dizem que anualmente há **orogbo** novos na feira, 10
 dizem que anualmente há obis novos na feira,
 Que as pessoas nos vejam todo ano.
 Do mesmo modo que fizemos tua festa,
 façamos outra, ainda maior, no próximo ano.
 Oxum, nos proteja para que não haja problemas entre 15
 nós, teus filhos.
 Para que sempre haja paz em nosso lar.
 Que nossos objetivos não se voltem contra nós.
 Dá-nos axé!
 A quem estiver doente,
 dá saúde!
 Que as leis do homem não sejam infringidas 20
 por nós.
 Que não haja problemas em nossa família.

Àdùrà Ọ̀ṣun (2)

Ilẹ̀ mo pé ẹ. 1
 Ọ̀ṣun mo pé ẹ.
 Ọ̀ṣun rẹ̀ la wá ẹ.
 Múà ẹ́ kí a rí ikú ojiji.
 Múà ẹ́ kí a rí àrùn ara o. 5
 Kí a ma ríja omi o.
 Tùtù tùtù ní kí a ma rí o Ọ̀ṣun.
 A ẹ́ ko ní ẹ́ aísẹ.
 Nitorí àwíṣẹ ní t'ísà.
 Àfọ́ṣẹ ní t'òrúnmílà 10

gbogbo eyi ti a ba wi loni,
 ko ẹ́.
 Kí o ma ẹ́ a ko ẹ́.
 Gbogbo igi ti légbèdè ba f'owò ba, níl dún.
 Orixá kíl kọ ohun obi. 15
 Ẹ̀xàngó kíl kọ ohun orógbó.
 Ọ̀batalá kíl kọ ohun ẹ́ẹ́ẹ́fun.
 Ọ̀ṣun ma kọ ohun tíwa loni o.
 Ọ̀ṣun Ọ̀pàrà, Ọ̀ṣun Ade-oko, yẹyẹ Ipódùdù,
 Gbogbo àdúrà tí awọn ọmọ ọ̀dọ́sà ba gha, 20
 ẹ́mu rele àṣẹ o.

Reza de Oxum (2)

Terra, eu te chamo! 1
 Oxum, eu te chamo!
 Viemos fazer a tua festa
 para que não haja morte repentina entre nós,
 para que não haja doenças entre nós, 5
 Para que não provemos a fúria da água.
 Mantenha-nos calmos, oh, Oxum!
 Assim será, não deixará de ser assim.
 Porque tudo o que Ifá diz, acontecerá.
 Porque tudo o que Ọ̀runmilá diz, acontecerá. 10
 Tudo o que dissermos hoje,
 assim será!
 Para não deixar de ser assim.
 Todas as árvores tocadas pelas mãos de légbèdè
 produzem som.
 Orixá não recusa a oferta de obi. 15
 Xangô não recusa a oferta de orogbo.

Obatalá não recusa a oferta de *şşşşşfun*.
Oxum, não deixe de ouvir nossas súplicas hoje!
Oh, *Qşun Qpàrà*, *Qşun Ade-oko*, *Yèyè Ipòndà*,
que todas as rezas feitas pelos iniciados,
tenham axé!

Ibà Qşun

Ibà!
Ibà ní mo ʒe,
Mo júbà ayé o,
Mo júbà àghà,
Mo júbà Qşun mákindé o,
Omọ ijẹsà.
Irunmalẹ mo júbà o.
Ibà a jẹ o.
Oré yèyè o!
Ibà a jẹ o.
Ibà òrìşà, Qşun.
Ẹni lẹ lo bọ,
Mo júbà, Qşun.
Ibà a jẹ o.
O yèyè o!
Ibà a jẹ o.
Ibà òrìşà.
Kékeré odẹ mo júbà o.
Qşun ipòndà mo júbà.
Qşun Qpàrà mo júbà.
Qşun adé-oko mo júbà,
Ibà a jẹ o.
Ẹ ba ta mi lẹrẹ ayọ, aláfiá.

Ẹ ba ta mi lẹrẹ ayọ, aláfiá.
Mo şeré awé rọjà.

25

Saudação a Oxum

Saudações! 1
Minhas saudações!
Saúdo a terra!
Saúdo os mais velhos, que possuem conhecimentos
superiores aos meus! 5
Saúdo Oxum Makinde!
Cidadã *Ijẹsà*.
Irunmale, minhas saudações!
As saudações serão retribuídas,
oh graciosa mãe Oxum!
As saudações serão retribuídas. 10
Eu te saúdo, *Orixá*!
Quem voltou é quem foi.
Minhas saudações à você, Oxum.
As saudações serão recompensadas,
oh graciosa mãe! 15
As saudações serão retribuídas por Oxum.
Saudações a você, *Orixá*!
Oh *Logun-ede*, jovem caçador, eu te saúdo!
Oxum *Ipòndà*, eu te saúdo!
Oxum *Qpurá*, eu te saúdo! 20
Oxum *Ade-oko*, eu te saúdo!
Minhas saudações serão aceitas por todas as
qualidades de Oxum.
Presenteie-me com felicidade, prosperidade e *aláfiá*.
Presenteie-me com felicidade, prosperidade e *aláfiá*. 25
Eu fui divulgar o culto de Oxum na feira.

Oríkì Ọ̀sun (1)

<i>Ọ̀sun, o Yèyè ní mọ́!</i>	1
<i>Ọ̀sun ònìkú,</i>	
<i>O Yèyè-nímọ́,</i>	
<i>A fidé rẹ́ ọmọ.</i>	
<i>A pé nìbá ẹ̀lú,</i>	5
<i>A pé lóòò ẹ̀pẹ́ ọmọ.</i>	
<i>Ọ̀sun Ẹ̀nì idẹ́ kìn sá.</i>	
<i>Amọ́ àwò má rọ.</i>	
<i>Ó wa-yanrí-wá-yanrín kówó sí.</i>	10
<i>Gbádámughbádánu obinrin kó ẹ́ ghámú.</i>	
<i>Obinrin gbóná, okunrin nsá.</i>	
<i>Ore Yèyè, àpẹ̀rẹ́ ló fí jókò nínú ibá,</i>	
<i>Omi, arin má sùn.</i>	
<i>Ọgbádághadà lómú.</i>	15
<i>Ore Yèyè, gbà mí,</i>	
<i>Ẹ̀nì a ní, ní ngba ẹ̀nì, Ọ̀sun gba mí.</i>	

Oríkì de Oxum (1)

<i>Oxum, graciosa mãe, plena de sabedoria!</i>	1
<i>Oxum, graciosa mãe.</i>	
<i>Graciosa mãe, plena de sabedoria.</i>	
<i>Que enfeita seus filhos com bronze,</i>	
<i>Que fica muito tempo no fundo das águas gerando riquezas.</i>	5
<i>Que se recolhe ao rio para cuidar das crianças.</i>	
<i>Que não se enjoa de usar braceletes feitos de bronze.</i>	
<i>Que conhece os segredos dos cultos mas não os revela.</i>	
<i>Que cava e cava a areia e nela enterra dinheiro.</i>	

<i>Mulher poderosa que não pode ser atacada.</i>	10
<i>Mulher forte que afugenta o homem.</i>	
<i>Generosa e graciosa mãe, que no fundo das águas assenta-se no apẹ̀rẹ́.</i>	
<i>Água que flui sem cessar.</i>	
<i>A que tem seios fartos.</i>	
<i>Mãe grandiosa, proteja-me!</i>	15
<i>Quem nós temos e quem nos salva. Oxum, salva-me!</i>	

Oríkì Ọ̀sun Yèyè Ade-Oko (2)

<i>Yèyè adé-oko!</i>	1
<i>O jó gèdè wọ ọjà,</i>	
<i>Yèyè adé-oko ó ẹ́ ẹ̀wá lolólubi,</i>	
<i>Yèyè mí o ẹ́ ẹ̀jì òkè sẹ́rísẹ́rì bí iyẹ́ ogomugomu,</i>	5
<i>Iyá mí wá lókúnkún,</i>	
<i>Ẹ́yín ẹ̀nu rẹ́ ò dé bújì.</i>	
<i>Eléyín dógádógá bí ẹ̀nì do gágà ọ̀jù.</i>	
<i>Şegede òwá.</i>	
<i>Yèyè ọ̀lómọ.</i>	
<i>Aridẹ́ g'osun.</i>	10
<i>Yèyè adé oko.</i>	
<i>Ó dé gèdè wọjà.</i>	
<i>Ó ẹ́ ẹ̀wá lolólubi.</i>	13

Oríkì de Oxum Yèyè Ade-Oko (2)

<i>Graciosa mãe Ade-Oko,</i>	1
<i>que entra na feira dançando sozinha.</i>	
<i>Ade-Oko, deusa da beleza feminina.</i>	
<i>Minha graciosa mãe, cujos dentes superiores harmoniosamente separados, imitam a beleza das penas da ave ogomugomu.</i>	

Minha mãe está no escuro,
seus belos dentes iluminam a escuridão.
Ela que possui dentes claros como a lua,
despreza o invejoso.
Mãe procriadora,
que se embeleza com *Idé* e *osun*.
Mãe Ade-Okó,
que entra na feira dançando sozinha.
Deusa da Beleza.

Oríkì Ọ̀sun Ọ̀pàrà (3)

Yèyè ọ̀pàrà!
Obínrin bí ọ̀kúnrin ní Ọ̀sun
A jì sẹ̀rí bí ẹ̀gá.
Yèyè otomí títú.
Ọ̀pàrà ọ̀jò bírí kálẹ̀.
Agbà obínrin tí gbẹ̀gho ayé n'pe sín.
O bá Ẹ̀nẹ̀pọ̀nná jẹ́ pẹ̀tẹ̀kí.
O bá alágbàrà ranyànga díde.

Oríkì de Oxum Ọ̀pàrà (3)

Yèyè Ọ̀pàrà!
Oxum é uma mulher com força masculina.
Sua voz é afinada como o canto do ẹ̀gá.
Graciosa mãe, senhora das águas frescas.
Ọ̀pàrà, que ao dançar rodopia como o vento, sem que
possamos vê-la.
Senhora plena de sabedoria, que todos veneramos
juntos.
Que come *pẹ̀tẹ̀kí* com Ẹ̀nẹ̀pọ̀nná.

Que enfrenta pessoas poderosas e com sabedoria as
acalma.

Oríkì Ọ̀sun (4)

Ọ̀sun Ẹ̀gínṣì!
Omi o jírí,
Omi gbẹ̀ghẹ̀ lulu,
Omi a wọ̀wọ̀ má dà.
Ọ̀sun, omi a Ẹ̀n ẹ̀rẹ ẹ̀wélé ọ̀dálẹ̀.
Omi yà.
Omi yà.
Onínàlẹ̀ odò,
Oládẹ̀-kolù,
Ọ̀sun gbinnikùngbinnikù,
Lọ la ilẹ̀ délé aláfojúdì,
Olówò jàràrà wókùn.
O Ẹ̀n ẹ̀rẹ ẹ̀wélé ọ̀dálẹ̀.
Kare o!
A fi ilà gba àse,
Agbàjà obínrin.
A bímọ̀ mǎá bí ọ̀lẹ̀.
Ore Yèyè o.

Oríkì de Oxum (4)

Oxum Ẹ̀gínṣì!
A água não flui para trás.
O rio caudaloso nos ensina que é infinita a
quantidade de água na terra.
Água que flui sem transbordar.
Oxum, a água que flui e invade a casa dos traidores.
Água prá lá,

água prá cá.
 Oxum, a divindade das águas.
 A riqueza veio de encontro à divindade.
 Oxum, com sua grande potência,
 abriu caminho até a casa do irreverente.
 Água que escorre até o mar.
 Correnteza d'água que se arrasta até a casa
 do traidor.
 Saudações à graciosa mãe Oxum!
 Você, que recebe oferendas ao som dos tambores.
 A mulher que protege a si mesma.
 Quem é filho de Oxum não é preguiçoso.
 Oh, graciosa mãe Oxum!

Oriki Oxum (5)

Oxum şiginşil!
Elédilé agádá.
Awẹ idẹ wẹ omọ.
Eni idẹ kil sá.
Iyá mí ò wá yanrin wa yanrin kówó sí,
kó gbé ire tẹmi fún mí o.

Oriki de Oxum (5)

Oxum Şiginşil!
 Oxum, que se alimenta de galinhas.
 Que dá banho no bronze e em seu filho com prazer.
 Que não se enjoe do bronze.
 Minha mãe, que cava a areia no fundo das águas para
 guardar dinheiro,
 traga minha sorte para mim.

Oriki Oxum (6)

Káre o!
Onilé mo mà yára dé o,
èrò yíl bá mọ̀nà kó şeré pàdé mí.
Ibá Oxun.
Oxun şiginşil.
Eni l'omọ ijẹşà.
Oxun ó jire e, o!
Oxun olá.
Ibá olá!
Orẹ yẹyẹ imọlẹ,
Oxun omi sá, omi wo.
Omi a sùn rẹrẹ wọlé ọ̀dálẹ.
Eni l'omọ Oxun gbàdàmúgbadamú obinrin yaryàn
bí ọ̀kátá,
otúhù yó ọ̀ lógun, jire e
Ipónà wá lókunkún.
Pélé ọ̀jù rẹ̀ tòn dé ọ̀dọ̀ mí.
Oxun omi a jí sùn rẹrẹ wọsà.
Yẹyẹ Adé-oko, o mà jire e, o!
Iyá mí obinrin gbẹ̀ndẹkẹ,
a ghenu ifá yọlá Yẹyẹ mí.
A gbe inu inọ̀ şọ̀rọ̀.
Ore Yẹyẹ, jire o!
Oxun á t'orí ẹnì tí ko sunwọ̀n şẹ.
Omọ omi kil şòfà.
Oxun, omi tii lẹku dānā.
Yẹyẹ olómi tātā.
A tó pèsè olá.
O wá yanrin, wá yanrin kówó sí.
Inámalẹ, tí í gba ní.

Ȳun, ilè-odò tí í gha ní.
 Ȳáre o, yèyè!
 Olókíkí ilá èkó.
 Ȳun OȲogbo!
 Nlómí wara wòrò
 'í san wọlẹ ẹtá.
 Ȳun, o wa yanrin, wa yanrin rówó nla-nla kó,
 idẹ lẹwọ,
 .Lẹ lẹsẹ,
 Ȳun yèyè o, afidẹ rẹmọ,
 Ȳun yèyè ó, afidẹ lẹ 'kú,
 * kí ore yèyè o.
 Ore yèyè Ȳun o.
 .Yèyè Ȳún, a sawo, zòdògán.
 Ȳun, a ghò bẹmbẹ gha àse.
 Ȳun a fomi tuntu wo àrún,
 láí ghẹjẹ.
 Ȳun-dola atóbájayé.
 Ȳún tirẹ ní n o sẹ dejjó alẹ mí
 Ȳun àí 'nú ibá tóbi.
 A tilẹ náwó plá.
 Ore yèyè o!
 Oníkú, amọ awo, ma rọ,
 mílẹ tuntu.
 Yèyè Ȳba lódò.
 O wẹ omọ yè.
 Olotutu'èkó.
 Odà tí kò lẹgán tí kò lẹjẹ.
 Alágho ọfẹ.
 O wá-yanrin, kówó sí.
 Ȳun, ó yèyè núnọ.
 Kare ó, iyá Ȳun!

30

35

40

45

50

55

60

Gbàdàmúgbàdàmú, obinrin kò sẹ fowọ ghẹ,
 Ore yèyè, apẹrẹ owó nbe, nínú ibá,
 Ȳun, apẹrẹ omọ nbẹ nínú ibá.
 Yèyè mí, ulápẹrẹ uláfíá tí nbẹ nínú ibá. 65
 Ȳun omí a rín má sùn.
 Ore yèyè Ȳun o!
 Oré yèyè ọrígá!
 Ȳlómú gádàghàgádagha.
 a fidẹ rẹmọ. 70
 Èní idẹ kíl sù.
 Ȳun wẹ mí Yé, yèyè Ipòndà,
 Yèyè adé-oko,
 Ȳun Ȳpàra,
 Ȳun Ȳjuna, 75
 ghogho Ȳun, àtí ẹyí tí mo kí, pẹtá ẹyí tí n kó ká,
 ibá mí fún ghogho yín o, ẹ dákun ẹ ghẹ mí o.

Oríkí de Oxum (6)

Kare o! 1
 Aos que são de casa digo que cheguei.
 Quem souber o caminho, venha me receber com
 festas.
 Eu te saúdo, Oxum!
 Oxum Şingişil! 5
 Sou cidadão Ijèsà.
 Oxum, bom dia!
 Oxum de prosperidade.
 As profundezas das águas têm sinais de nobreza.
 Minha mãe, 10
 a graciosa mãe orixá.
 Oxum, a água que produz todas as qualidades de som.

A água que flui e invade a casa do traidor.
Sou filho de Oxum, sou filho da mulher grandiosa
como uma pedra. 15
Orixá que aparece na guerra, bom dia!
Ipôndá, está na escuridão,
o brilho de seus cílios chegaram até onde estou.
Oxum, a água que logo cedo flui ao encontro do mar.
Graciosa mãe Ade-Oko, bom dia!
Minha mãe! Mulher delicada. 20
Que graças à sabedoria de Ifá vive na prosperidade.
Que vive com sabedoria e facilita a vida das pessoas.
Graciosa mãe! Bom dia!
Oxum, que melhora o mau ori.
As ações do filho das águas não são vãs. 25
Oxum, água que afasta a morte.
A graciosa mãe, senhora das águas frescas e calmas.
Que é grande o bastante para produzir riquezas.
Que cava e cava a areia para enterrar dinheiro.
A divindade que nos salva. 30
Oxum, o segredo do rio que nos salva.
Kare-o yèyè! Eu te saúdo, oh graciosa mãe!
Famosa na cidade de Lagos.
Oxum da terra de Oşogbo.
Senhora das águas que fluem suavemente. 35
Que invade a casa dos inimigos.
Oxum, que cava e cava a areia para desenterrar
grandes fortunas.
Bronze nas mãos,
bronze nos pés.
Oxum, graciosa mãe que enfeita o filho
com bronze. 40
Oxum, graciosa mãe que espanta a morte com bronze.

Salve a graciosa mãe!
Oh, a graciosa mãe Oxum!
A graciosa mãe Oxum, conhecedora do awa e das
práticas mágicas e medicinais.
Oxum, que recebe suas oferendas ao som
do bembé. 45
Oxum, que cura doenças com água fresca,
sem que seja necessário usar sangue.
Oşundola, a que é suficiente para nos dar vida.
Oxum, eu te cultuarei até o fim da minha vida.
Oxum, tua grandeza provém das profundezas das
águas. 50
Que gasta o dinheiro que tem em casa, ostentando
sua nobreza.
Graciosa mãe!
Onikii, que conhece os segredos sem revelá-los.
Que possui casa tranquila.
Graciosa mãe, rainha do rio. 55
Seu banho dá vida às crianças.
Que é responsável pela brisa fresca de Lagos.
Orixá que não possui ossos nem sangue.
Que distribui gratuitamente o seu àgbò. Que cava e
cava a areia para enterrar dinheiro.
Oxum compreensiva, 60
Kare o! Mãe Oxum!
Ela é tão grandiosa que não pode ser carregada nos
braços de ninguém.
Graciosa mãe, a cesta da fortuna está nas profundezas
das águas.
Oxum, a cesta da fecundidade está nas profundezas
das águas.

Minha mãe, a cesta da saúde está nas profundezas
das águas. 65
Oxum, a água que corre sem parar.
Oh, graciosa mãe Oxum!
Oh, gracioso orixá!
Que tem seios fartos.
Que enfeita seus filhos com bronze. 70
Oxum, que não se enjoa do bronze.
Oxum, salva-me! Mãe Ipôndâ!
Mãe Ade-Oko!
Oxum Opàrà!
Oxum Ojuna! 75
Todas as qualidades de Oxum, mencionadas ou não,
saúdo a todas vocês! Elevem-me!

Orin Òsun Opàrà (1)

Òsun Opàrà aji-ladò mí o pe ní ẹ o! 1
Òsun Opàrà aji-ladò mí o pe ní ẹ o!
Òsun Opàrà onilé ọtí ó mo dédè o o o!
Òsun Opàrà onilé ọtí o mo dede o o o!
Ore yèyè mí o, 5
Ore yèyè iníq̃lẹ o,
Iyá mí dídíé dídíé,
Òsun yèyè mí ẹlẹ́yínjù ẹg̃ẹ
O mọ díde o,
Ore yèyè iníq̃lẹ o! 10
Ore yèyè ẹg̃ẹ o.

Cantiga de Oxum Opàrà (1)

Oxum Opàrà Aji-Lado, não desrespeito você! 1
Oxum Opàrà Aji-Lado, não desrespeito você!

Oxum Opàrà, que guarda muita bebida em casa,
chegou!
Oxum Opàrà, que guarda muita bebida em casa,
chegou!
Minha mãe, graciosa e generosa. 5
A generosa e graciosa divindade.
Minha mãe, se disponha a me ajudar.
Oxum, minha mãe, de olhos bonitos.
Oh, se disponha a me ajudar.
A generosa e graciosa divindade. 10
Mãe graciosa e delicada.

Orin Òsun (2)

Káre o! 1
káre o!
Onilé yèyè mo kí yín gbogbo,
Onilé yèyè mo kí yín gbogbo,
Káre yèyè mò nkí yín gbogbo, 5
iwà, iwà rere o!
Má lówó màá bíng̃,
Iwà, iwà rere o,
Yèyè mí nṣe yín p̃lẹ́,
Má fàṣṣ yèyè p̃on-qm̃q̃. 10
Iwà, iwà rere o.
Yèyè òlómí yàà ọfà.
Qd̃q̃ rẹ ní ma ríre o.
Qd̃q̃ rẹ ní ma ríre gbà. 14

Cantiga de Oxum (2)

Kare o! 1
Kare o!

Minhas saudações a todos os filhos de Oxum!
Minhas saudações a todos os filhos de Oxum!
Kare! Minha mãe está saudando a todos,
carinhosamente.

5

Tenham todos uma conduta leal.
Terei prosperidade e filhos.
Tenham todos uma conduta leal.
Minha mãe está cuidando de todos vocês
carinhosamente.

Usarei a roupa de Oxum para carregar meus filhos.
Tenham todos uma conduta leal.
Mãe que tem água abundante
é ao seu lado que terei sorte.
É de você que receberei sorte.

10

14

Orin Ọsun (3)

Yèyè o o!

Yèyè o o!

Omi to mi sin,

O yèyè o ó, o le le

Omi to mi sin,

A a yèyè o.

Kóri sè, kóri sè.

Ajá ẹdẹ o.

A yèyè o.

kóri sè,

Hé é, ẹ màá wípé gbà yèyè o.

Gbà yèyè o.

Gbà yèyè ajá ẹdẹ,

Gbà yèyè ajá ẹdẹ,

He e, ẹ màá wípé,

10

15

Ẹrẹbẹlẹkẹ ẹrò lẹyin mí o.

Ẹrẹbẹlẹkẹ ẹrò lẹyin mí o o.

Cantiga de Oxum (3)

Oh graciosa mãe!

Oh graciosa mãe!

A água é muito venerável para mim.

Mãe, a água pode nos proteger.

A água é venerável para mim.

Minha mãe,

que tenha axé tudo o que fizermos em nosso orí.

Proteja-me Logun-edé!

Oh graciosa mãe,

que tenha axé tudo o que fizermos em nosso orí.

Hee! Digam: receba, mãe!

Oh, receba mãe!

Receba-nos, mãe, com a proteção de Logun-edé!

Receba-nos, mãe, com a proteção de Logun-edé!

Hee! Digam todos,

todos me acompanhando: Ẹrẹbẹlẹkẹ!

Todos me acompanhando: Ẹrẹbẹlẹkẹ!

Orin Etutu Ọsun (4)

Para ser cantada durante o etutu

Ilọlọ re o!

Ilọlọ kilọlọ,

Yèyè ẹdẹ o gun leti omi.

Ẹ gbó, olun a wí.

Lẹyin ọrisha ní à bẹ.

Ẹni má mú dẹrẹrẹ.

1

5

10

15

1

5

Iyèṣà a sanwó igrún-abẹ.
Orixá ní a bẹ
Eni má mú dẹrẹrẹ.
Iyèṣà a sanwó igrún-abẹ.

Cantiga de Oxum (4)

Para ser cantada durante o etutu

Aqui está Ilọlọ.
 Ilọlọ, que faz o iaô sentir o orixá.
 Mãe Oxum, incorporada às margens do rio,
 ouça o que dizemos.
 Estamos junto com o orixá (Oxum).
 Quem passar a mão no orí do iniciado de Oxum
 pagará o valor de igrún-abẹ.
 Ao orixá é que se deve pedir tudo.
 Quem desrespeitar a cabeça do iniciado
 pagará o valor de igrún-abẹ.

Orin Òsun (5)

Orí oyè o!
Má mu orí oyè délé o,
Orí oyè o.
È wá wó orí èdè o.
Orí oyè o.
O mọ róró o.
O kẹ róró o.
Orí oyè o.

Cantiga de Oxum (5)

Com a nobreza do orixá em meu orí
 retornarei, iniciado, à minha casa.
 Com a nobreza do orixá em meu orí.
 Venham ver o orí do protegido pela força de
 Logun-edé.
 Com a nobreza do orixá em meu orí.
 O orí do iniciado possui muita luz.
 O orí do iniciado possui muita sorte.
 Com a nobreza do orixá em meu orí.

Orin Òsun (6)

Oni nró,
O ní nró dé óún o.
Yèyè olómọ n'ijẹsà.
O ní nró.
Máà ro, máà ro gbà okọ.
Máà ro, máà ro gbà ówó.
Yèyè de gba oyún
yèyè de 'gha oyún ko mí o
Omọ omí kí nyá àgán
Dé 'gha oyún ko mí o.
Dé 'gha owó.
Yèyè de 'gha owo ko mí o.
Omọ omí ká toyi.
Dé 'gha owo ko mí o.

Cantiga de Oxum (6)

Ela pediu que eu ficasse. 1
 Pediu que eu esperasse por ela.
 A graciosa mãe dos muitos filhos de Ijêšà.
 Ela pediu que eu ficasse.
 Ficarei. Ficarei para receber casamento. 5
 Ficarei. Ficarei para receber prosperidade.
 Mãe Oxum, conceda-me fertilidade.
 Graciosa mãe, traga a fertilidade ao meu encontro.
 Filho das águas jamais poderá permanecer estéril.
 Traga a fertilidade ao meu encontro. 10
 Mãe Oxum, conceda-me prosperidade.
 Graciosa mãe, traga a prosperidade ao meu encontro.
 Filha das águas não conhece pobreza.
 Traga a prosperidade ao meu encontro. 14

Orin Oxum (7)

Ilé mo b'qítá, 1
 Ilé mo b'oyè.
 Ilé mo b'orìšà ijêšà pèlú ijó rẹ.
 Owá kẹ, ẹlú kẹ.
 Ẹnì ma ba òrìšà Ẹrẹ o.
 A bímọ rẹrẹ. 5
 Mò nrelé,
 Mò nrelé,
 Mò nrelé o,
 Ojẹ ntakerọ. 10
 Ajá yì p'ẹkùn kún gbé sòko.

Ejìnà bóre.

Yèyè mí mo nrelé mí o
 Agbè gbè mí délé ó, agbè.

14

Cantiga de Oxum (7)

Nasci envolto em riqueza. 1
 Nasci envolto em nobreza.
 Quando nasci já tinha de herança Oxum, o orixá Ijêšà,
 com sua dança.
 Alegria e felicidade unidas.
 Quem quiser brincar com o orixá 5
 terá que ter boas crianças.
 Estou indo embora prá casa.
 Estou indo embora prá casa.
 Estou indo embora prá casa!
 O caçador vive atento. 10
 O cão que mata o leopardo certamente voltará prá
 casa prá exibir sua vitória.
 A felicidade de ter o orixá.
 Minha mãe, estou indo prá casa.
 Agbè me levará até minha casa, agbè. 14

Orin Oxum (8)

Para ser cantada durante o ctutu

Kó tó jọba, 1
 Kó to joyè.
 Ẹrinade tí laşọ oyè.
 Kó tó jọba ó.
 Kó to joyè. 5
 Iyá wá tí laşọ oyè.

He e, oyin mọmọ
Omọ ijẹsà gbà kí ó tọwó
Oyin mọmọ.
Anu-gho o o.
Anu-tọ o.
Túí ayé logbó nrá imalẹ o.
Erinade túí ayé logbo nru imalẹ o.
Anu-gho ru tọ.
Logbo nrá imalẹ.
Kare olubokun o o.
E gbá tẹrẹ fimọ borí o.
Kare olubokun.
Gbogbo aṣp okuru alala ala,
Ala ní mo mọ ro,
Iká o ní r'ojú pá omọ òrìṣà,
Èwà ala ní mo wẹ.
Iká o ní r'ojú pá alálá.
Èwà àlá ní mo ro.

Cantiga de Oxum (8)

Para ser cantada durante o etutu

Antes de ser rainha,
 antes de ser coroada,
 Erinade já tinha roupa real.
 Antes de ser rainha,
 antes de ser coroada,
 nossa mãe já tinha roupa real.
 Hee, vida mansa!
 Filho de Oxum pegue, experimente!
 Vida mansa.
 O contato com o orixá traz amadurecimento.

10

15

20

24

1

5

10

O contato com o orixá é eterno.
 É para sempre que o iniciado carrega o orixá.
 Erinade, é para sempre que o iniciado carrega sua
 divindade.

Carrega-se o orixá para amadurecer eternamente.
 O amadurecido carrega seu orixá.

Kare Olubokun!
 A divindade esbelta que é cheia de sabedoria.

Kare Olubokun!
 Todas as roupas de Oxum são claras.

Estou vestindo roupas claras.
 A morte não terá oportunidade de levar o filho do
 orixá embora.

Estou vestindo as roupas claras de Oxum.

A morte não terá forças para levar o iniciado vestido com roupas brancas.

Estou vestindo roupas claras.

Orin Oṣun (9)

Omi ló ràn mí,
Tuní fẹ́ kọṣẹ́ omí?
Omi o o!

Omi lóràn mí.
Me ghodọ kọṣẹ́ omí.

Ladélú o, olóyè.

Omi re o, olóyè.

Omi rà w'ọsà.

O b'ighá omọ.

Qlá-rinyíkà nyé ní omí rá,

Ko bí wá.

Iyá mí qlarin-àkà o,

15

20

24

1

5

10

Nse ní omí ra,
Ko bí wà.
E e, are la ó se,
Omi ní yèyè mí a.
Omi lókè òdo.
Iyá mí gbṛwó ọlù.
A gbṛwó ọlù.
Yèyè mí ti njerá.
He hé, eru ma ma peri owo.
Máà jó, máà yó zèzè.
Ájá kìn gbé ọmọ ẹkùn.
Máà jó, máà yó o pèlú omí.
Ájá kìn gbé ọmọ ẹkùn ó.
Máà jó, máà yó o.
Omujo ẹkùn,
Aja kìn gbe ọmọ ẹkùn.
O yé wá ò,
Are oni yé iníplé.
O yé mí ó.
Aré oní yé iníplé.
Aré oní yé iníplé o!

Cantiga de Oxum (9)

Foi a água (Oxum) quem me pediu.
 Quem vai recusar o pedido da água?
 A água!
 Foi a água quem me pediu.
 Não posso recusar o pedido da água.
 Ladele! O iniciado!
 Aqui está a água, oh iniciado!
 A água fluiu para o mar.

Teve duzentos filhos.
 Ọlù-rinyika, a água fluiu. 10
 Ela não teve pai nem mãe.
 Minha mãe Ọlarin-aka.
 Essa água fluiu para vir a este local, dedicado ao culto
 de Oxum.
 Ela não teve pai nem mãe.
 Vamos nós, fazer a festa de Oxum. 15
 Água, minha senhora mãe.
 Oxum, que faz a água transbordar.
 Minha mãe, que estende a mão para nos auxiliar
 e sua ajuda é aceita.
 Minha mãe que aceita eru. 20
 A oferta de eru não lhe causa mal.
 Dançarei e alegrarei bastante o meu coração.
 O cão não pode ser tão forte a ponto de roubar o
 filhote do leopardo.
 Dançarei, eu me alegrarei com a água (Oxum).
 O cão não pode ser tão forte a ponto de roubar o
 filhote do leopardo. 25
 Dançarei, eu me alegrarei.
 Sou eu quem domina o leopardo.
 O cão jamais pegará o filho do leopardo.
 As coisas estão boas para nós.
 A festa de hoje combina muito bem com o orixá. 30
 Essa festa combina muito bem comigo.
 Essa festa combina muito bem com o orixá.
 Essa festa combina muito bem com o orixá. 33

Orin Oṣun Ipòndà (10)

1
 Iyá mí o má jùre o,
 Iyá mí, Ipòndà wá lókunkùn.
 Pélé ojú rẹ̀ tùn dè ọ̀dọ̀ mí.
 Omí a Ẹ̀n rẹ̀rẹ̀ w'òsà.
 5
 Ipòndà o má jùre o.
 Obìnrin jénjénlẹ̀,
 Bì ẹ̀nì p'ègà, yèyè mí.
 Emí lẹ̀mọ̀ ipòndá.
 10
 Ipòndá aríwájà rẹ̀yìn.
 Ipòndá gbè mí o.

Cantiga de Oxum Ipòndà (10)

1
 Minha mãe, bom dia,
 Minha mãe Ipòndá está no escuro,
 seus olhos se acenderam como luzes e suas luzes
 chegaram até mim.
 5
 Água que flui para o mar,
 Ipòndá, bom dia.
 A mulher delicada,
 como o pássaro ega. Graciosa mãe.
 Sou filho de Ipòndá.
 10
 Ipòndá, que enxerga prá frente e prá trás ao
 mesmo tempo,
 Ipòndá, eleva-me!

Orin Oṣun (11)

1
 Jo kín nǵó,
 Eré ní a jó nǵe.
 Yò kín nyò.

5
 Orìṣà má ayò kò mí o.
 Inunmalẹ̀ má bà mí nínú jẹ.
 Kín r'ayọ̀ yorò.
 Èlẹ̀gbé jó, kín nǵó.
 Eré ní a jó nǵe.
 Yò kín nyò.
 10
 Orìṣà mu ayò kò mí o.
 O yeyé, eré ní a jó nǵe.

Cantiga de Oxum (11)

1
 Dancem e permitam que eu dance.
 Estamos todos festejando.
 Alegrem-se e permitam que eu me alegre.
 Orixá, leve-me de encontro à sorte!
 5
 Oh divindade, não me traga tristeza.
 Para que eu tenha alegria suficiente para fazer oro.
 Amigos, dancem para que eu dance.
 Estamos todo festejando.
 Alegrem-se e permitam que eu me alegre.
 10
 Orixá, leve-me de encontro à sorte.
 Oh, graciosa mãe, estamos reunidos para festejar.

Orin Oṣun (12)

1
 Àwá ọ̀mọ̀ olórò dè o,
 A dé é o.
 Àwá lo má lórò ilé wà ó.
 A dé é o.
 5
 Àwá, àwá ọ̀mọ̀ ijẹ́ṣà.
 Àwá ma de ibè ó.
 Ológún-ẹ̀dẹ̀ nwe ọ̀mọ̀ rẹ̀ bọ.
 Àwá ma de ibe o.

E e omọ olóró jẹ kín bá ọ ẹ,
 A jẹjẹ.
 A jẹjẹ nmú lẹ ẹ iwò.
 O dè ó.
 Olórí olóró t'ódé.
 O sùn silé ẹ ẹdẹ igbá,
 olórí olóró dé,
 E ọfẹrẹ oyí-agẹmọ,
 Gbẹ mi délé mi.
 Nse ní ma jó.
 Nse ní ma yò.
 Nse ní mà má mi l'ẹgbẹ bí omọ ajẹ àkàrà.

Cantiga de Oxum (12)

Nós que possuímos o orixá, chegamos.
 Chegamos!
 Nós que somos os donos do orixá da nossa casa,
 chegamos.
 Nós que somos cidadãos de Ijèsà
 estamos aqui.
 Ologun-ẹdẹ está trazendo seus filhos.
 Nós estamos aqui.
 Sim, o iniciado permite que eu participe dessa festa.
 O estranho.
 O estranho que chegou e começou a observar.
 Ela chegou.
 A ialorixá que chegou
 deitou-se na casa do orixá.
 A ialorixá chegou.
 A força do orixá
 leva-me até minha casa.

Dançarei.
 Me alegrarei.
 Vou cercar-me de pessoas, como os que
 oferecem akará.

Orin Ọ̀ṣun Ipòndà (13)

Agbe,
 A gbẹ mi délé o.
 Ẹ̀ṣẹ̀, ẹ̀gbẹ̀ mí yọ Ẹ̀ṣẹ̀.
 Yẹyẹ Ipòndà, aríde kẹ.
 Yẹyẹ omọ.
 A lu keke má njó o.
 Orişà lẹşà ba mí ẹ o.
 Eri wó wó lóní o.
 Eri wó wó lẹla.
 Onípòndà má njó o.
 Eri wo wó lẹla.
 Ojó rẹ.
 Etùnù lẹ o,
 Mo ẹ etùnù.
 Ara mí lẹ, bí òkúta.
 Ológidígbo, ara le bí òkúta.
 Olórìşà, gbòòrìşà.
 Ará lẹ bí òkúta.
 Ológidígbo, irúnmalẹ njó bí afẹfẹ.
 Olórìşà, gbòòrìşà, a ẹ kún ní òòşà nẹ.

Cantiga de Oxum Ipòndà (13)

Agbe,
 Ele me levará até minha casa.
 Agbe está eufórico. Está alegre.

Graciosa mãe Ipôndá, que se alegra ao usar bronze.
 A graciosa mãe. 5
 O tocador de keke está dançando também.
 Orixá de Ijêṣà, ajuda-me!
 Há bastante eri hoje.
 Haverá bastante eri amanhã.
 Aquele que tem Oxum Ipôndá está dançando. 10
 Haverá bastante eri amanhã.
 A chuva cai.
 O etutu não pode ser assistido por um não-iniciado.
 Eu fiz etutu.
 Meu corpo ficou forte como pedra. 15
 Ologidigbo, o corpo está forte como pedra.
 O iniciado recebeu seu orixá.
 Está forte como pedra.
 Ologidigbo, o orixá está dançando como o vento.
 O iniciado recebe seu orixá e este completa o ritual 20

Orin Ọṣun (14)

Ọṣun nǝ ó, 1
 Ọṣun a dǎmọ ẓẹẓẹ.
 Ọṣun a gbómọ r'ẹṣa-ówá.
 Awé oníjọ koókoo.
 Iyá mí kò sá mí sín. 5
 Bf Ọṣun mí ba níbi rẹ.
 Nṣe ní àò j'ọlọ.
 Àwé ó, yèyè mí kò sá mí sín.
 E bá mí ẓé ẓẹwẹ oníde.
 Ẓẹwẹ oníde. 10
 Ayínni, ijọ yèyè gbádé.
 Ayínni, èmi m'oríkì rẹ.

Ayínni.
 Igbe ní mà ké,
 Ijọ ní mà jó, 15
 Ayínni.
 Àrà mà ndara o.
 Ayínni.
 Yèyè mí gbòwọ ó,
 Ọwọ ọlẹ. 20
 Ọwọ ọlẹ o rò gbènnẹn.
 Yèyè mí mà relé idó o,
 Mà lẹ jòlẹlẹ.
 Hé èé, á relé ido a lẹ jòlẹlẹ. 24

Cantiga de Oxum (14)

Oxum está dançando. 1
 Oxum, com seu filho atrás de si, está radiante.
 Oxum leva seu filho a ter muitos caurís.
 Awe que dança com passos pesados.
 Não estou cansado de cultuar minha mãe. 5
 Quando minha mãe Oxum tiver que ir a algum lugar,
 iremos juntos.
 Não me canso de cultuar minha graciosa mãe.
 Ajuda-me a repetir o grito oníde.
 Oníde, novamente. 10
 Ayínni, o dia em que minha mãe foi coroada.
 Ayínni, eu conheço seu oríkì.
 Ayínni.
 Gritarei.
 Dançarei. 15
 Ayínni,
 maravilha.

Ayinni,
minha graciosa mãe estendeu sua mão,
a mão da prosperidade.
A mão da prosperidade faz ruído.
Minha mãe, eu irei para a terra Ido.
Irei até lá comer *qlẹ*.
Hee, iremos à terra Ido para comer *qlẹ*.

Orin Ọṣun Ojúnà (15)

Orisha, orisha Ojúnà,
Tóo bá fún mí lómọ,
Emi á ẹ Yèyè.
He, orisha olómi o.
Bóo bá fún mí lówó; emi á ẹ yèyè.
Olórisà ní mo yé oko.
O yèyè, Ọṣun Ojúnà.
Iyá, orisha nlá.
Nlọ ọnà irè o.
Yèyè orisha, màà bá ẹ lọ o.
Olúwa mí.

Cantiga de Oxum Ojuna (15)

Orixá, orixá Ojuna,
se você me der filhos
gritarei repetidamente "Graciosa mãe!"
He, orixá da água,
se você me der dinheiro, gritarei "Oh, graciosa mãe!"
Olorixá que estou louvando.
Oh, graciosa mãe Oxum Ojuna.
Mãe, esse grande orixá,
está indo pelo caminho da sorte.

Graciosa orixá, irei com você.
Minha deusa.

Orin Ọṣun (16)

O jú kò tí mí,
Nṣe mò nṣe Ọṣun tà.
Kí ire mà tà sè mí o.
Emi, mí ẹ Ọṣun tà.
Kí ire wà pèlú mí o.
Áwé, ẹní bá pè wá ní alájẹbọ,
Omí á yà nlé wọ́n.
Ẹ̀pọ̀nná á yà nlé wọ́n.

Cantiga de Oxum (16)

Não estou envergonhado,
vivo para Oxum.
Para que a sorte não me deixe,
vivo para Oxum.
Para que a sorte fique comigo.
Awe, se nos chamar de alajẹbọ,
a água invadirá a casa deles.
A ira de Ẹ̀pọ̀nná invadirá a casa deles.

Orin Ọṣun (17)

Áwé nìbò ní a wà?
Ilá-mòde,
Kí lá nṣe?
Orisha lá wá nṣe.
Áwa lá n'orisha wá.
Yèyè, omí ló nòrò,

*Omi ló ní eégán,
Yeyé, pére lohún ayé.
Pére lohún ayé o.*

Cantiga de Oxum (17)

Onde estamos?
Estamos em Ilu-mode.
O que estamos fazendo?
Cultuando o orixá.
Somos o dono do nosso orixá.
Oh graciosa mãe! A água é senhora dos segredos.
A água é senhora dos segredos de seu culto.
Graciosa mãe, os homens falam muito, sem ter
realmente conhecimento.
Os homens falam muito sem ter clareza.

Orin Ọsun (18)

Káre o!
Èrù olójó nbà mí o,
Olójó, èrù rẹ ní mo nbà o.
Olójó mo jùbà rẹ o.
Olójó nseré o.
Olójó wo ara yeyé o
Pójóbo ọmọ wùn mí,
Bí mo rọmọ olójó mà bí o.
Olójó f'àyà gbé mí.
Fàyà gbé mí, fàyà gbómọ rẹ.

Cantiga de Oxum (18)

Kare-o!
Estou com medo de Olojo.
Olojo, é você que eu temo!
Olojo, eu te saúdo!
Olojo está dançando.
Olojo, olhe a milagrosa mãe Oxum.
Façam coro, eu adoro crianças!
Se Olojo me fecundar, terei seu filho.
Olojo, me carregue em seu peito.
Carregue-me em seu peito e carregue seu filho.

Orin Ọsun (19)

Para ser cantada após a acitação da oferenda a Oxum

Ọrọ rẹ á ẹẹ.
Ọlọsẹrẹ ó má de.
Ọrọ tí mo bá Ọsun ẹa, á ẹẹ.
Ọlọsẹrẹ ó má de.
A ẹẹ o.
A ẹẹ o.
Eyi á wí ghogbo, á ẹẹ.
Ábá a bá dá, ghogbo rẹ ní yóò ẹẹ.
Eyi á bá wí, á ẹẹ.
Ọlọsẹrẹ o.

Cantiga de Oxum (19)

Para ser cantada após a accliação da oferenda a Oxum

Tudo o que você pediu será concedido. 1
 Faça com que aconteça, oh Oloşere.
 Tudo o que pedi à Oxum será concedido.
 Faça com que aconteça, oh Oloşere.
 Terá axé! 5
 Terá axé!
 Tudo o que foi dito terá axé!
 Tudo o que for desejado terá axé!
 Tudo o que foi dito terá axé!
 Oh, Oloşere! 10

Orin Oşun Ilqba (20)

Yeyé ilqba re o,
 Yeyé mi á gbawó,
 Maa bá e dqbá o.
 Yeyé ilqba re o,
 Obirin gbogbo,
 Maa bá e dqbá.
 Iyá lqbà şewèrè o.
 Láilo.
 Iyá ilqba o,
 Maa bá e dqbá o,
 Iyá ilqba şewèrè o.
 Láilo, oşqbà şewèrè o.
 Orişà lo n'omọ o,
 Gbogbo, gbogbo l'òrişà.
 A lalé, a lalé o, 10
 A lalé ní mo má npe o. 15

Mé mà Lóògùn o,
 A lalé ní mo má npe o.
 Mé mà mọ tètè o,
 A lalé ní mo má nsá. 20

Cantiga de Oxum Ilqba (20)

A mãe Ilqba está aqui. 1
 Minha mãe, de braços erguidos
 irei com você até Qbá.
 Aqui está nossa graciosa mãe Ilqba. 5
 A grande mulher.
 Irei com você até Qbá.
 Mamãe Ilqba, que se divide entre seus filhos.
 Lailo, aquele que possui Oxum Ilqba, que se divide
 entre seus filhos.
 Oh, mãe Ilqba! 10
 Irei com você até Qbá.
 Mamãe Ilqba, que se divide entre seus filhos.
 Lailo, aquele que possui Oxum Ilqba, que se divide
 entre seus filhos.
 Orixá que é senhora de quem se inicia nela.
 Tudo é orixá. 15
 O senhor da terra (o orixá).
 Cultuo o senhor da terra, que eu evoco.
 Não faço magia ofensiva.
 É o senhor da terra (o orixá) que eu evoco.
 Não conheço as folhas para poder realizar magia.
 Ao senhor da terra (orixá), recorro em
 minha defesa. 20

Ọṣun Jàku-èpè (21)

*Jàkù-èpè!
O tètè bọ wálé o,
Olóyè.
Jàkù-èpè èrò ajá,
O tètè bọ wálé o.
Olóyè, ọmọ èpè.
Ọdèdè má dí ọna o.
Jàkù-èpè o yèyè, mo s'òrìsà
Tètè bọ wálé o,
Ọṣun o.*

Cantiga de Oxum Jaku-epe (21)

*Jaku-epe!
Venha logo prá casa,
você que é líder.
Jaku-epe, as pessoas vão embora para Ajá.
Venha logo prá casa.
Aquele que tem espírito de liderança, filho de Epe.
O corredor de minha casa tornou-se passagem
pública.
Jaku-epe, a graciosa mãe na qual sou iniciado,
venha logo prá casa.
Oh, Oxum!*

1
5
10
1
5
10



OBÀ - OBÀ

QBÀ NA ÁFRICA

1. Qbà, orixá do Rio Obá

Mitos

Não se sabe ao certo o número de esposas de Xangô. Alguns relatos mencionam terem sido dezesseis, outros, duzentas e uma. Entre as esposas deificadas, atualmente cultuadas, estão Qya, Oxum e Obá. Embora colocada entre as preferidas, Obá ocupou o terceiro lugar nas preferências do marido. Alguns relatos apresentam-na como tendo sido a primeira mulher com quem Xangô se casou, enquanto outros situam-na como a terceira, sendo esta versão mais corrente. Sentia-se inferiorizada em relação a Qya e Oxum, pois não conseguia ser tão esmerada quanto suas principais concorrentes, tanto no trajar quanto nos dotes culinários. De natureza frágil, era condescendente demais, tolerando muitas coisas que a desagradavam. Talvez por sua natureza dócil tenha sido a primeira das esposas a deixar Xangô.

Alguns mitos relatam que, ao deixar a companhia do marido, fugiu sem rumo e, sem saber para onde ir ou o que fazer, pôs-se a chorar, desmanchando-se em lágrimas até transformar-se por completo num rio. Ainda hoje, o grande estrondo que ocorre na confluência dos rios Oxum e Obá, é atribuído à rivalidade entre ambas.

2. A iniciação no culto a Obá na África

Se a casa de culto situa-se nas proximidades do rio Obá, na primeira noite do processo iniciatório o iaô é levado ao rio logo após os sacrifícios ofertados a Exu. É banhado ao som das evocações ao orixá e recebe um *otá* (pedra) previamente preparado e, ao retornar à casa de culto, o carregará dentro de uma cabaça, sempre acompanhado pelo som de cantigas e toques de tambores.

Uma vez de volta à casa do orixá, tem lugar outro ritual em que são entoadas cantigas e entregues as oferendas - cabras, patos, galinhas, galinhas d'Angola, pombos, igbins (caracóis), ikodidê, obis, orogbo, ataré (pimenta da Costa). Os motivos que levaram o iaô a ser iniciado são mencionados e pede-se ao orixá que ofereça solução aos problemas. No dia seguinte é feita a raspagem dos cabelos e são realizados sacrifícios complementares sobre sua cabeça, sendo então o orixá assentado no *ori* do iaô. Rezas e cantigas são entoadas ao longo desse processo. Até o sétimo dia, será pintado diariamente com *efun* e *osun* e serão feitas ofertas

diárias de pombos e obis. Do oitavo ao vigésimo primeiro dia continuará sendo pintado, porém os sacrifícios e oferendas serão dispensados.

Durante os vinte e um dias do recolhimento o iaô é banhado diariamente com agbo, também conhecido por *erô*. No terceiro dia de recolhimento (*itá*) são servidos *akara* para Obá e para os participantes, de modo análogo ao de outros processos anteriormente descritos. Segue-se o jogo adivinhatório cuja finalidade primordial é a de prescrever medicamentos de origem mineral, vegetal e animal, no caso do iaô ter procurado a casa de culto por razões de saúde ou por esterilidade. Com cantos e danças, a festa prossegue até o amanhecer. O iaô dança e, geralmente incorpora, em meio a saudações: *Ooşa, ooşa Obà! - "Oh, orixá Obá!"*

A festa se repete no sétimo dia e, no vigésimo primeiro, encerra-se o processo, sendo os cabelos e as últimas roupas usadas antes da iniciação jogados nas águas do rio Obá e, caso isso não seja possível, em outro rio qualquer. A festa de encerramento estende-se até a noite, com a presença de parentes e amigos.

3. Nomes em louvor a Obá

De forma análoga a outras anteriormente descritas, algumas pessoas recebem nomes indicadores de que, através das bênçãos desse orixá, foram alcançadas graças por ocasião do processo iniciatório

ou por ocasião de seu nascimento. Alguns dos nomes dados em louvor a Obá são os seguintes:

Orişatunji: O orixá me reviveu.

Orişudôla: O orixá me fez próspero e nobre.

Orişagbemí: O orixá me apoiou.

Orişatosin: O orixá é suficientemente grande para ser venerado.

4. Cerimônia anual de Obá. Festas

No primeiro dia das festas, os babalorixás ou ialorixás, acompanhados pelos iaôs, dirigem-se ao rio para fazer o *ibôdo* - veneração do rio sagrado. São ofertados uma cabra, galinhas, galinhas d'Angola, pombos, cana de açúcar, mel, sal, azeite de dendê, gin e *adun* (preparado com azeite de dendê, farinha e sal). Enquanto a força mágica específica de cada um desses elementos é evocada às margens do rio, ao som de cantigas, tambores e rezas, todos banham-se nas águas sagradas. Ao retornarem à casa do orixá a festa prossegue, as ofertas sacrificiais são feitas, seguindo-se rezas e pedidos. A festa perdura por até vinte e um dias, havendo muitas vezes, iniciação em grupo, como ocorre nas festas dedicadas a Oya e Oxum.

5. *Ọsẹ de Obá*

O intervalo dos ọsẹ de Obá são de vinte e um dias. Têm início ao amanhecer e os iáós, logo ao chegarem, tomam banho de agbo. Um pato branco e um pombo são sacrificados sobre o assentamento de Obá, sendo um pouco do sangue colocado do lado externo do pote de agbo. São oferecidos canjica, ẹkọ, obis e gin. Após as rezas conduzidas pela ialorixá ou babalorixá, os animais já cozidos são oferecidos a Obá e, logo em seguida, aos presentes. Finalmente, é feito o jogo com obis para saber se a oferenda foi aceita ou não e, em caso afirmativo, a aceitação é alegremente comemorada.

6. *Àdúrà, Oríkì, Orin Ọbà*

Reza, Evocações e Cantigas de Obá

Adurà Obà

Obà mo pẹ o o.
Sare wa je mi o,
Nitori eré gege ni t'eku,
Akòsin kí ghèkún omọ rẹ kó dáró,
Abiyamọ kí ghẹ-ékún omọ rẹ kó má dide,
Obà ojowu aya Sàngó sáre,
wa ghẹ adurà wa o.
Bibọ tí a wa bọ ẹ yi.
Kí a ma fi eleyi ẹ a ẹ mọ o.
Bí o bá dí amọdun.
Kí a pọ jù báyi lọ o,
owo omọ iyí ati aláfià,
kí o kúnle awon omọ òdọ o.
Kí a má riku ẹwe o.
Eni n wa owó, kí o fún ní owó.
Eni n wa omọ, kí o fún ní omọ.
Eni n wa aláfià, kí o fún ní aláfià.
Sọ wa dí amọdun,
kí a tún pẹjọ bayi,
pẹlu idunmú ẹ odún rẹ bayi o.

Reza de Obà

Obà, eu te chamo!
Vem logo me atender!
Porque o rato corre velocemente.
Quando Akòsin ouve o choro do filho, não fica parado.
Quando Abiyamọ ouve o choro do filho, não fica sentada.

Oh, Obà, mulher ciumenta, esposa de Xangô, vem correndo ouvir a nossa súplica.
Assim como hoje te cultuamos, possamos te cultuar outras vezes.
Que no próximo ano estejamos em maior número.
Prosperidade, Fertilidade, Respeito e Saúde, disto estejam repletas as casas dos iniciados.
Para que os jovens não morram.
A quem quer dinheiro, dá dinheiro.
A quem quer filhos, dá filhos.
A quem quer saúde, dá saúde.
Proteja-nos até o próximo ano para que estejamos novamente reunidos, com felicidade e alegria, realizando nova festa.

Oriki Obà (1)

Obà, Obà, Obà.
Ojówá Orizá,
Èkẹtá ayu Sàngó.
O tori owú,
O kọlà sí gbogbo ara.
Olókiki oko.
A rin lẹgànjó pẹlú àwọn ayé.
Oba onísàrú, aji jewure.
Oba kò b'ókọ dé kòso,
O dáró, ó bá ọgun rojọ ọbẹ.

*Oba fyi fun apá oko rẹ.
Oni ó wun òun ju ghogbo arā yókù lo.
Oba tó mọ ohùn tó dára.*

Oríkì (Evocação) de Obá (1)

Obá, Obá, Obá,
Orixá ciumento,
terceira esposa de Xangô.
Ela, que por ciúmes,
fez incisões ornamentais na pele.
Que fala muito de seu marido,
que anda nas madrugadas com as ayé.
Obá, paciente, que come cabrito logo pela manhã.
Obá não foi com o marido até Koso,
ficou para discutir com Oxum sobre comida.
Obá valoriza os braços do marido,
diz que é a parte de seu corpo que ela prefere.
Obá sabe o que é bom.

Orin Obá (1)

*O dirónú ajá,
Ajá gbé kookò lánú.
O dirónú ajá,
Wón ghẹkọ l'òwọ Obá.
O dirónú Obá,
Orẹ tó bá rájú.
È ké s'òhùnrin Şàngó,
Orẹ tó bá rájú,
È ké sí Obá.
Oba lẹ wéré.
Oba bọ wéré.*

Cantiga de Obá (1)

O cão preocupou-se,
o cão carregou uma batata na boca.
O cão preocupou-se,
tomaram o marido de Obá.
Obá entristeceu.
Para um caso que não se sabe como resolver,
chame a mulher de Xangô,
Para um caso que não se sabe como resolver,
chamem Obá.
Obá foi rapidamente,
Obá retornou rapidamente.

Orin Obá (2)

Iyáloriṣa: *Agbágbà Ayé,*
Égbè: *ẹ wá ghọ èyí oba gbé dé.*
Oríṣà tí n fí ojú butẹ wo ní,
nígbà o rí oun to ruju.
Iyáloriṣa: *È má gbàgbé, oba o.*
Oba ko gbàgbé wa o,
Égbè: *Awa ko gbàgbé, oba,*
Iyáloriṣa: *Iyá wa olomi gbà gbò.*
Olomí putu-putu,
Égbè: *Olúwa mi dé o.*
Kabọ.
Olowo orí mi
jẹ kí orí mi o sán mí o.
Iyáloriṣa: *Oríṣà ọlówọ kahọ o,*
Obá, *òrìṣà ọwọ.*

Égbè: Awa lèni òwò.
Awa lòmò obà, olomi gbà gbò,
olomi putu-putu.

18

Cantiga de Oba (2)

Ialorixá: Oh, os sábios.
Coro: Venham ouvir a mensagem com que Obá
chegou!
O orixá que nos olha com indiferença,
quando vê desordem.
Ialorixá: Oh, não esqueçam Obá.
Obá não nos esqueceu.
Coro: Nós não esquecemos Obá.
Ialorixá: Nossa mãe da confluência dos rios.
Senhora das águas que faz o rio espumar.
Coro: Minha deusa chegou.
Benvinda!
A dona da minha cabeça.
Faça com que eu tenha um bom ori.
Ialorixá: Orixá venerável que impõe respeito,
seja benvinda!
Obá, orixá que impõe respeito.
Coro: Nós somos pessoas de respeito.
Nós somos os filhos de Obá, senhora das
águas na confluência dos rios.
Senhora das águas, que faz o rio espumar.

1

5

10

15

18

Ao leitor, axé!

Orin Àse

Babalóriṣà: A se, a se o,
Égbè: A se fun o.
Babalóriṣà: A se Eṣù yóò bá o gbé làyè.
A se, a se o,
Égbè: A se fun o.
Babalóriṣà: A se Qṣun yóò bá o gbé làyè.
Égbè: A se fun o.
Babalóriṣà: A se Obàtálá Obàtárisà yóò bá o gbé làyè.
A se, a se o,
Égbè: A se fun o.
Babalóriṣà: A se Ogún Alakaye ṣṣin imólẹ yóò bá o gbé
làyè.
A se, a se o,
Égbè: A se fun o.
Babalóriṣà: A se Ifá yóò bá o gbé làyè.
A se, a se o,
Égbè: A se fun o.
Babalóriṣà: A se Yemọja yóò bá o gbé làyè.
A se, a se o,
Égbè: A se fun o.
Babalóriṣà: A se Šàngó yóò bá o gbé làyè.
A se, a se o,
Égbè: A se fun o.
Babalóriṣà: A se Oya yóò bá o gbé làyè.
A se, a se o,
Égbè: A se fun o.
Babalóriṣà: A se Obà yóò bá o gbé làyè.

A se, a se o,
 Égbè: *A se fun q.*
 Babalóriṣà: *A se Qsányin yóò bá q gbé làyè.*
A se, a se o,
 Égbè: *A se fun q.*
 Babalóriṣà: *A se Ologunḡe yóò bá q gbé làyè.*
A se, a se o,
 Égbè: *A se fun q.*
 Babalóriṣà: *A se Qbaluwaye yóò bá q gbé làyè.*
A se, a se o,
 Égbè: *A se fun q.*
 Babalóriṣà: *A se Qmọlu yóò bá q gbé làyè.*
A se, a se o,
 Égbè: *A se fun q.*
 Babalóriṣà: *A se Erinle yóò bá q gbé làyè.*
A se, a se o,
 Égbè: *A se fun q.*
 Babalóriṣà: *A se Ori re yóò bá q gbé làyè.*
A se, a se o,
 Égbè: *A se fun q.*
 Babalóriṣà: *A se Qkanlénigba imalḡe yóò bá q gbé làyè.*

Cantiga de Axé

Babalorixá: Assim será, assim será,
 Coro: assim será para você.
 Babalorixá: O axé de Exu vai acompanhar você por toda vida.
 Assim será, assim será,
 Coro: assim será para você.
 Babalorixá: O axé de Oxum vai acompanhar você por toda vida.
 Assim será, assim será,
 Coro: assim será para você.

Babalorixá: O axé de Obatalá vai acompanhar você por toda vida.
 Assim será, assim será,
 Coro: assim será para você.
 Babalorixá: O axé de Ogum vai acompanhar você por toda vida.
 Assim será, assim será,
 Coro: assim será para você.
 Babalorixá: O axé de Ifá vai acompanhar você por toda vida.
 Assim será, assim será,
 Coro: assim será para você.
 Babalorixá: O axé de Iemanjá vai acompanhar você por toda vida.
 Assim será, assim será,
 Coro: assim será para você.
 Babalorixá: O axé de Xangô vai acompanhar você por toda vida.
 Assim será, assim será,
 Coro: assim será para você.
 Babalorixá: O axé de Oya vai acompanhar você por toda vida.
 Assim será, assim será,
 Coro: assim será para você.
 Babalorixá: O axé de Obá vai acompanhar você por toda vida.
 Assim será, assim será,
 Coro: assim será para você.
 Babalorixá: O axé de Ossaim vai acompanhar você por toda vida.
 Assim será, assim será,
 Coro: assim será para você.
 Babalorixá: O axé de Logunedé vai acompanhar você por toda vida.
 Assim será, assim será,

Coro: assim será para você.
Babalorixá: O axé de Obaluaie vai acompanhar você por toda vida.
 Assim será, assim será,
 Coro: assim será para você.
Babalorixá: O axé de Omolu vai acompanhar você por toda vida.
 Assim será, assim será,
 Coro: assim será para você.
Babalorixá: O axé de Erinle vai acompanhar você por toda vida.
 Assim será, assim será,
 Coro: assim será para você.
Babalorixá: O axé do seu Ori vai acompanhar você por toda vida.
 Assim será, assim será,
 Coro: assim será para você.
Babalorixá: O axé das duzentas e uma divindades vai acompanhar você por toda vida.

GLOSSÁRIO

A

Abajá - incisões feitas na face para indicar a linhagem à qual a pessoa pertence.

Abokuta - literalmente, "cidade sob pedras". Capital do estado de Ogun, na Nigéria. Terra iorubá.

Abiku - literalmente, "nascido para morrer". Criança que morre e renasce múltiplas vezes através da mesma mãe.

Abiyamó - mulher que procria e cuida dos próprios filhos.

Adoju - iniciado.

Adoju Sangó - iniciado no culto a Xangô.

Adúbì - literalmente, "nascido com luta". Forma de louvar igé.

Adùn - preparado de azeite de dendê, farinha e sal, usado no ritual de batismo e em oferendas para orixás.

Adurá - reza.

Aferí - magia que torna a pessoa invisível.

Afijimèrè - Epíteto de Xangô.

Agbe - magia usada para realizar transporte físico de pessoas.

Agbe - espécie de pássaro.

Agbo - preparado medicinal de origem mineral, vegetal ou animal, cozido ou não. É ingerido e usado para banhar-se.

Agbo tûtù - agbo preparado com água fria.

Agbò - carneiro.

Agunalá - planta que nasce junto com a lua crescente (no dia de entrada da lua em seu ciclo crescente).

Aha - espécie de pássaro utilizado em rituais.

Ajà - espírito que viaja no ciclone e leva pessoas para a mata por período variável de três a nove anos, com o intuito de que aprendam magia e medicina tradicional. Aròni. Vide Osányin.

Ajé - "bruxa". Mulher com poderes sobrenaturais que, segundo a concepção iorubá, pratica tanto o bem como o mal.

Aji-lado - nome místico de um espírito.

Akànnàmàghò - planta de uso ritual que renasce todo ano no mesmo lugar.

Akarà - bolinho frito, feito de feijão, temperado ou não, oferecido às divindades como sinal de abundância e de multiplicidade. Equivalente ao acarajé brasileiro.

Akika - animal de caça.

Akòsín - animal mamífero.

Alabé - profissional que faz incisões ornamentais na pele das pessoas. Tais incisões indicam diferenças de linhagem e clã, entre outras, ou têm função ornamental.

Aládó - "Aquele que racha o pilão". Epíteto de Xangô.

Àláfà - saúde.

Alafin Oyo - dono do palácio de Oyo, ou seja, rei de Oyo, cidade sobre a qual Xangô reinou.

Alájebo - forma de tratamento pejorativa dos iniciados no culto aos orixás.

Aláwo - literalmente, "aquele que possui o segredo". Membro da sociedade secreta ogbóni.

Amalá - comida predileta de Xangô, preparada com elubô (farinha de mandioca).

Apèrè - cesta.

Ará - raio.

Àrìrà - um dos epítetos de Xangô.

Arísùn Ooşa - vigília para o orixá. A primeira noite nas festas em homenagem ao orixá.

Arugbá - aquele ou aquela que carrega o *igbá* (recipiente) com os objetos sagrados de um orixá.

Ase - oferenda de comidas e frutas que, numa cabaça, são entregues ao orixá.

Àşẹ - poder de realização através de força sobrenatural. Significa também, "assim seja".

Aşọ àlà - roupa branca, símbolo de purificação.

Aşogun - encarregado do sacrifício de animais. Axogum.

Aşọ lşẹ - a última roupa usada pelo *iaô* antes do processo iniciatório e que representa o fim de seu sofrimento.

Atare - pimenta da costa. Atarê.

Atobajaye - literalmente, "aquele que é suficiente para nos dar vida". Epíteto de vários orixás.

Awé - pessoa.

Awé ou *ikokô* - pote sagrado. Pote ou quartinha com água ou *àgbò*.

Awo - segredo; coisas secretas relacionadas à sociedade secreta *ogbóni*, ao culto de Ifá e ao culto de orixás em geral. Forma de designar o iniciado.

Awòrò - iniciado no culto aos orixás.

Ayán - árvore sagrada dedicada ao culto de Xangô. Segundo o mito, árvore na qual Xangô enforcou-se.

Aye - literalmente, "o universo", "a humanidade". Refere-se aos bruxos e bruxas. Também, forma de referência a todas as fontes de conhecimento do sagrado.

Ayinni - "aquele que louva". Usado como refrão nas cantigas de Oxum.

B

Babajẹgbẹ Oru e babajẹgbẹ Oşan - personagens do mito de Xangô, chamados para fazer incisões na pele do escravo *hausa*, como forma de castigo.

Babaláwo - literalmente, "senhor do segredo". Aquele que tem conhecimento e autoridade para realizar o jogo de Ifá. Babalaô.

Babalórişà - homem que ocupa a posição hierárquica mais elevada no culto ao orixá. Babalorixá. No Brasil conhecido como pai-de-santo.

Bàbá-Oya - Babalorixá do culto a Oya (*Iansã*).

Bàbá Olóṣun - Babalorixá do culto a Oxum.

Bátá - tambor sagrado tocado com duas varinhas, usado no culto aos orixás (o preferido de Xangô). É um dos tambores falantes - "veículos da história falada, esses instrumentos são venerados e sagrados. Com efeito, incorporam-se ao artista, e seu lugar é tão importante na mensagem que, graças às línguas tonais, a música torna-se diretamente inteligível, transformando-se o instrumento na voz do artista sem que este tenha necessidade de articular uma só palavra. O triplice ritmo tonal, de intensidade e de duração, faz-se então, música significativa ... Na verdade, a música encontra-se de tal modo integrada à tradição que algumas narrativas somente podem ser transmitidas sob a forma cantada." (J. Ki-Zerbo, na "Introdução Geral", na obra *História Geral da África*)

Bàyànni - Literalmente, "papai me escolheu". Nome da irmã de Xangô, que o ajudou a alcançar o posto real e que, desesperada, suicidou-se ao saber da morte do irmão. Casquete feito com búzios, usado pelos *oni* Šàngó e que a representa. Onde o raio de Šàngó destrói uma pessoa, deverá ser efetuada pela família do morto, uma cerimônia de oferendas diante da coroa Bàyànni, além das oferendas feitas no assentamento de Xangô.

Bêmbé - tambor tocado com uma única varinha, usado nos rituais de Oxum. Tambor falante. Vide *bátá*.

D

Dadá - irmão mais velho de Xangô, também tornado orixá. Possuía cabelos cacheados. Protetor de crianças que nascem com cabelos cacheados. Também, atribuição feita a tais crianças.

Dùndún - tambor tocado com uma única varinha. Tambor falante. Vide *bátá*.

E

Eeepa Heyi! - saudação a Oya (Iansã).

Ègbè - coro.

Egbo - canjica branca.

Egun - também *eégún* ou *egúngún*. Egum.

Egúngún - culto secreto aos ancestrais masculinos. Uma vez por ano, ou em ocasiões especiais, são evocados e caminham pelas ruas das cidades abençoando as pessoas e recebendo presentes. Também participam dos rituais de iniciação no culto a Oya.

Ekuru - inhame cozido e amassado com dendê.

Eledunmare - o mesmo que Eledumare, Olodunmare, Olodumare, Oluwa, Olórún - Deus Supremo.

Elégede - espécie de chuchu.

Elempe - avô materno de Xangô.

Elubó - farinha de mandioca usada para o preparo do amalá.

Epo - azeite de dendê.

Ere - escultura. Não exclusivamente de orixás.

Eṣṣeṣeṣe - abundância.

Eṣi - espécie de fubá.

Erú - dinheiro dado ao orixá.

Eṣù - um dos orixás primordiais, ou seja, divindade criada como tal e não ser humano deificado. "Mensageiro" dos orixás, recebe atenções antes do início de rituais dedicados aos outros orixás.

Etùtù - oferenda de apaziguamento. Ritual de magia ou de culto a orixás.

Ewé - folha.

Ewé akòko - folha da árvore akòko, de grande importância para os iorubás.

Ewé iyeyè - folha da árvore iyeyè.

Ewí - poema.

Ewí ẹṣa - poema usado no culto a Egúngún.

Ewò - quízilas, proibições.

Ewúṛé ikó ipín - cabra usada na iniciação no culto a Xangô, em ritual relativo ao destino do iáó.

E

Ẹba - pirão feito com farinha de mandioca.

Ẹbò - oferendas ou sacrifícios, feitos com ou sem animais, entregues em encruzilhadas ou não. Qualquer tipo de sacrifício. Ebó.

Ẹdùn àrà - "pedra de raio". Pedra atingida por um raio ou, ainda, pedra vinda do céu, talvez fragmentos de meteoros. Um de seus principais usos é o de ẹta nos assentamentos de Xangô.

Ẹfun - potente e sagrado cal natural. Giz branco usado para pintar o iáó ou usado como oferenda a Oxalá.

Ẹfufu Lẹlẹ - "O Grande Vendaval". Um dos epítetos de Oya (Iansá).

Ẹga - pássaro amarelo.

Ẹgúsi - semente de um fruto semelhante ao melão.

Ẹjẹ - sangue.

Ẹkọ - mingau feito de amido de milho branco.

Ẹkú - roupa de egúngún.

Ẹlégún - aquele que incorpora o orixá.

Emu - vinho branco extraído do dendezeiro.

Èran àgbò - carne de carneiro.

Èrinadé - nome próprio.

Èrú - espécie de àgbò. Banho preparado com elementos minerais, vegetais e animais e estocado em potes. Usado durante a iniciação e também para acalmar a pessoa incorporada.

Èrọwọ - também **owo ẹyọ** - cauri, búzio. Antigamente usado como moeda na África e na Ásia.

Èyéọ ou **Katunga** - antigo nome da cidade de Oyo, estado de Oyo.

F

Fulani - grupo nômade, de influência árabe, que habita o norte da Nigéria.

G

Gangan - tambor sagrado que é pendurado no ombro e percutido com uma vara. Espécie de "tambor falante" que marca a cadência dos cantos rituais. Vide **bàtá**.

Gbèdù - espécie de tambor tocado em honra de um rei ou de um personagem ilustre. Tambor falante. Vide **bàtá**.

Gbègiri - sopa de feijão descascado temperada com azeite de dendê e pimenta. Uma das comidas prediletas de Xangô.

Gbongan Šàngó - casa de culto a Xangô.

Gbọnka - mensageiro, nos mitos de Xangô.

Gbórí - espécie de melancia.

H

Hausa - grupo étnico de influência árabe, que vive no norte da Nigéria.

I

Ibà - saudação.

Ibeji - gêmeos.

Ibọdọ - dia do ritual em que sacrifícios são oferecidos ao orixá, junto ao rio a ele dedicado.

Idà - espada.

Idẹ - bronze e metais amarelos. No culto a Oxum, esses metais são utilizados como representantes do ouro.

Ido - cidade da Nigéria.

Idọbàlẹ - saudação ao orixá ou a pessoas superiores. "Bater cabeça".

Ifá - jogo adivinhatório realizado com *ikin* ou *oppele*.

Ifé ou **Ifé Ifé** - cidade sagrada, localizada no estado de *Oyo*, na Nigéria. Segundo a crença *iorubá*, foi ali que ocorreu o nascimento da humanidade.

Igbá - cabeça.

Igbín - caracol.

Igé - Criança que nasce com apresentação dos pés; no momento do parto, os pés são a primeira parte do corpo a sair.

Igorun-abé - navalha usada durante o processo de iniciação no culto a *Oxum*.

Ijala odu - cantigas entoadas pelos caçadores nas cerimônias de culto a *Ogum* ou em festas sociais.

Ijàpá ewiri - tartaruga macho.

Ije - vide *ojo ije*.

Ijesa - *iorubá* originário de *Oşogbo* ou *Ilesa*.

Iji - vento.

Ijúbà Qşun - Saudação a *Oxum*.

Ikin - recurso de adivinhação usado por *babalaôs* na Nigéria.

Ikodidé - pena vermelha usada em rituais.

Ikin - recurso de adivinhação usado por *babalaôs* na Nigéria.

Ikodidé - pena vermelha usada em rituais.

Iko Ita - ritual feito no terceiro dia do processo iniciatório.

Ikokò ou **awé** - pote sagrado.

Ila - quiabo.

Ilé àşşé - casa de *orixá*; casa de *axé*.

Ilôba - cidade pertencente ao estado de *Oyo*, próxima a *Oşogbo*, na Nigéria. Também designa uma das qualidades de *Oxum*.

Ilolô - movimento giratório de *Oxum* durante a incorporação.

Ilu - tambor. Vide *bâtá*.

Ilú égbá - cidade dos *égbá*; *Abeokuta*.

Ilu-mode - cidade nigeriana.

Ipônri - dedão do pé. No culto aos ancestrais, é sobre ele que é feita a oferenda.

Ira - cidade nigeriana. Segundo alguns mitos, cidade natal de *Oya*.

Ire o! - Boa sorte!

Itá - vide *ṣṣṣ Itá*.

Itadógun - décimo sétimo dia da festa anual.

Iwo - cidade nigeriana. Terra iorubá.

Iwo ṣṣṣ - chifre de búfalo. Um dos símbolos de *Oya*, parte integrante de seu assentamento.

Iyálóde - a primeira dama de uma cidade. Epíteto de *Oya*.

Iyáloriṣa - mulher que ocupa a posição hierárquica mais elevada no culto aos orixás, *Ialorixá*. No Brasil também chamada mãe-de-santo).

Iyán - inhame cozido e socado no pilão. Uma das preferências de *Xangô*.

Iyá-Oya - *ialorixá* de *Oya*.

Iyá-Ṣàngó - *ialorixá* de *Xangô*.

Iyawó - esposa. No culto aos orixás designa a pessoa em processo de iniciação.

Iyèṣṣ Ifá - cantiga de *Ifá*.

Iyide - procissão realizada durante rituais dedicados aos orixás.

J

Jaku-epe - uma das qualidades de *Oxum*.

J

Jaku-epe - uma das qualidades de *Oxum*.

Jákúta - literalmente, "aquele que briga com pedras". Divindade responsável, como *Xangô*, pelos raios e trovões.

Jebba - cidade pertencente ao estado de *Kwara*, na Nigéria. Terra *nupe*.

K

Kábíyèsí - Vossa Majestade. Expressão usada para saudar *Xangô* e alguns outros orixás.

Kabọ o - Benvindo.

Kare o - Saudação a *Oxum*.

Kare o yèyè - Saudação a *Oxum*.

Kele - colar usado pelos iniciados.

Konko - tornolezeira.

Konko ṣṣṣ - tornolezeira usada por *Oxum* e seus devotos.

Kòso - literalmente, "não se enforcou". Também, nome do local do provável enforcamento de *Xangô*.

L

Laálú - literalmente, "o famoso da cidade". Epíteto de Xangô.

Làbà - bolsa de couro enfeitada com contas multicoloridas que os sacerdotes de Xangô usam para recolher e transportar as "pedras de raio". Fica guardada acima do acentamento de Xangô.

Ládobô - Epíteto de Xangô.

Lailô - refrão usado nas cantigas de Oxum.

Lakiyôde - Epíteto de Xangô.

Logunçêde - também chamado Ologunçêde. Orixá da caça, mensageiro de Oxum.

N

Nupe - grupo étnico da Nigéria. Segundo os relatos, Torosi, a mãe de Xangô, pertencia a esse grupo. Equivalente a *tapa*.

O

Obele - leque feito de latão, usado no culto a Oxum.

Obi - pequeno fruto de uso alimentar e sagrado. Um dos itens mais importantes do culto aos orixás, sendo indispensável em qualquer ritual. É usado nas oferendas e como recurso adivinhatório. Uma das espécies de obi é o *abatá*, que possui quatro gomos em média. Detentor de axé, pode ser comido e oferecido aos orixás. Outra espécie é o *obi gbanja*, que possui apenas dois gomos e não serve para oferendas. Em português, *obi*.

Obokun - forma de saudação aos ijesa.

Odô Oya - rio dedicado a Oya. Segundo o mito, ao tomar conhecimento da morte de Xangô, Oya suicidou-se, dando origem a esse rio e é nele que se realizam os rituais em sua homenagem. Odo Oya é o rio Niger, o maior rio da Nigéria, terceiro rio em tamanho, na África.

Odô Šangô - pilão de Xangô.

Odù - O oráculo sagrado possui 4.096 (16 x 16 x 16) poemas. Com base nesses poemas é feita a interpretação no jogo adivinhatório de Ifá ou de búzios. Por ocasião do processo de iniciação o *babalao* procura, através do jogo adivinhatório, tomar conhecimento de qual é o *odù* de nascimento do *iaô* que passará a cultuar também o orixá relativo a esse *odù*, respeitando os *ewô* (quizes, proibições) por ele prescritos. O *odù* de nascimento orienta o *iaô* quanto ao seu destino, nos mais diversos níveis.

Odùdúwà - o grande patriarca dos iorubás. Fundador da dinastia iorubá, portanto, pai de todos os integrantes desse grupo étnico.

Odún gbà - expressão indicadora de que as oferendas feitas na festa anual foram aceitas.

Odù ọṣṣ - o mesmo que ọṣṣ. Um dos odù de Ifá e outros jogos adivinhatórios, entre os quais os búzios. Relativo a Oxum.

Ogberi - não-iniciado.

Ogbónl - sociedade secreta dos iorubás com poder religioso e político.

Ogidigbó - tambor sagrado. Vide **bátá**.

Ogírí ẹ̀kùn - literalmente, "leopardo feroz". Epíteto de Xangô.

Ogomugomu - pássaro branco, de rara beleza.

Ògún - orixá da guerra e do ferro. Senhor de todas as profissões e ofícios que lidam com o ferro. Ogum.

Ojúbo - local de culto. Casa de orixá ou assentamento.

Oké ajaká - morro de Ajaká.

Olẹ - prato preparado com feijão moído.

Olódùmare - Ser Supremo.

Ológidigbó - literalmente, "senhor do ógidigbó". Aquele que toca o tambor ógidigbó.

Olómi tátù - literalmente, "senhora da água fria". Aquele que usa água fria. Epíteto de Oxum.

Oní Sàngó - aquele que cultua Xangô por ter sido iniciado ou por pertencer a família que cultua esse orixá.

Orí - literalmente, "cabeça física". Essa cabeça física, entretanto, é o símbolo da "cabeça interior" chamada **orí inu**, que constitui a essência do ser e controla totalmente a personalidade do homem. Acha-se estreitamente associada a Deus e é concedida ao homem no momento de seu nascimento. É, pois, a centelha divina no humano. É o **orí** que recebe de Deus o destino, por ocasião do nascimento da pessoa.

Oríkì - composto de **orí** e **kì**. **Kì** significa saudar. **Oríkì** é, pois, uma saudação ao ser, referindo-se a sua origem, suas qualidades e seus ancestrais. Dessa forma são saudados os orixás, as pessoas e também os animais. Geralmente incluem descrições de características e feitos do ser saudado.

Orin - cantiga.

Oriri - Epíteto de Oya.

Oriṣà - divindade iorubá.

Oriṣà Ibeji - Orixá protetor dos gêmeos.

Orìṣanlá - Ọ̀bàtálá, Oxalá.

Orò - ritual sagrado.

Orogbo - fruta bastante utilizada nos rituais sagrados. Uma das oferendas preferidas de Xangô.

Oṣé - machado de Xangô.

Oṣó - bruxo. Masculino de ajé.

Oṣogbo - cidade do estado de Ọ̀yọ́, na Nigéria. Ali Oxum foi deificada, havendo uma floresta e um rio a ela consagrados.

Oṣòròngà - Forma respeitosa de referência às ajé. Mães Superiores, com amplas conhecimentos e, por isso, temidas e veneradas.

Osun - giz vermelho.

Owó ẹ̀yọ́ - também ẹ̀pẹ̀wọ́ - cauri, búzio. Antigamente usado como moeda na África.

Owó iyawó - literalmente, "dinheiro-esposa". Dinheiro dado às pessoas que vão buscar o iaô para ser iniciado.

Oyè - nobreza.

O

Ọ̀bà - orixá ligado às águas. A ela foi dedicado um rio. Uma das esposas de Xangô.

Ọ̀ba - rei.

Ọ̀ba-kò-so - literalmente, "o rei não se enforcou". Epíteto de Xangô.

Ọ̀bàtálá - outro nome de Oxalá.

Ọ̀fẹ́ - encantamentos. Palavras utilizadas com finalidades mágicas.

Ọ̀já - puno que é amarrado em torno do **adoṣu**, como parte da roupa de alguns orixás.

Ọ̀jà - feira.

Ọ̀jọ-ibọ̀dọ - dia em que se realiza o sacrifício junto ao rio.

Ọ̀jọ ije - sétimo dia de um processo ritual, seja iniciatório, seja de festividades em homenagem a determinado orixá.

Ọ̀jọ itá - terceiro dia de um processo ritual, seja iniciatório, seja de festividades em homenagem a determinado orixá.

Ọ̀ka - amalá.

Ọ̀kànrán mejì - odù referente a Xangô e Ọ̀ya.

Ọ̀kanlérunḡba-ewe - duzentas e uma folhas.

Ọ̀lọ̀je - sacerdote do culto de Egúngún.

Olojo - nome místico de um espírito.

Oranfê - também Arãmfê. Divindade associada ao sol. Domina e vigia a fonte de todas as origens sagradas.

Oranmiyàn ou Oranyan - pai de Xangô; filho de Oduduwa.

Orúnmilà - divindade primordial. O oráculo divino. Orixá primordial que introduziu o sistema adivinhatório de Ifá.

Osa - mar, oceano.

Osê - oferenda as orixás.

Oşê-n'ibu omi. Literalmente, "Oxum nas profundezas das águas". Epíteto de Oxum.

Osányin - também Osónyín. Orixá da essência do mundo vegetal. Como Exu, é companhia indispensável de Ifá. Do mesmo modo que as plantas, possui apenas uma perna. O bastão de ferro forjado que lhe pertence, com a representação de galhos e pássaros, não pode ser guardado em posição horizontal, nem pode cair. O mais importante de seus companheiros seguidores é Aròni (vide Ajà), que possui cabeça de cachorro e uma única perna. Aròni é um mestre que sequestra seres humanos talentosos e os faz viver consigo na floresta escura para depois enviá-los de volta, com grande conhecimento a respeito do valor medicinal das plantas.

Oşun - orixá das águas e dos metais nobres; da fertilidade e da prosperidade. Oxum.

Oşun Makinde - nome de um ancestral que cultuava Oxum, numa das casas onde foi realizada a pesquisa que deu origem a este livro.

Oşun Şigínşí ou Oşun Şingínşin - um dos epítetos de Oxum.

Ota - pedra. Neste contexto refere-se à pedra que possui a força do orixá, o representa e, por isso, é colocada em seu assentamento.

Otá - inimigo, adversário.

Otàn - quartinha.

Owá - vara sagrada usada pelos cultuadores de Oya.

Owo ọyọ merindilogun - jogo dos dezesseis búzios.

Owqran - Epíteto de Xangô.

Oya - orixá dos ventos e tempestades. Iansã. Supõe-se que o nome Iansã corresponda à expressão "Oya meşan" - Oya das nove partes, uma vez que o número nove acha-se intimamente associado a ela, como se pode constatar na narração de seu mito. O animal a ela associado é o búfalo e o rio, o Niger. Vide Odo Oya.

Oya oriri - Oya charmosa. Epíteto de Oya. Forma de saudá-la.

Oyó - cidade pertencente ao estado de Oyó, sobre a qual Xangô reinou.

P

Peteki - comida oferecida a Šoponna, o mesmo que Obalúwáye (Obaluaíê).

Pèrègún - espécie de folha usada em rituais. Serve também para demarcar locais de culto e túmulos sacros.

Pípè - literalmente, "chamada". O mesmo que **oriki**.

Š

Šapala - alimento preparado com milho e peixe, fortemente temperado, retém o próprio calor por muito tempo.

Šangó - orixá dos raios e trovões. Xangô.

Šèkèrè - espécie de chocalho grande, usado como instrumento musical. Feito com uma cabaça de tamanho médio, a cuja volta são amarradas contas coloridas que, com o movimento das mãos, produzem o som.

Šérè - instrumento ritual, em forma de cabaça, espécie de chocalho, usado para evocar Xangô, durante os rituais.

Šéšéfun - contas brancas usadas pelos cultuadores de Oxalá.

Šoponna - também **Šònpònná**. Orixá da terra. Ele que produz e cura a varíola e demais doenças infecciosas/febris. Obaluaíê.

T

Tápà - grupo étnico nupe.

Timi - mensageiro de Xangô.

Tórosi - a mãe de Xangô.

Totóhun - Expressão de respeito pela força do orixá.

Tutu-opon - colar de contas de cor marrom e verde, usados pelos babalaôs e babalorixás no culto a alguns orixás.

W

Wáji - giz azul, de função ritual.

Y

Yánrin - verdura usada em oferendas a Oxum.

Yemoja - orixá das águas. Em alguns mitos é descrita como mãe de Oxum e em outros, como mãe de Xangô. Iemanjá.

Yorùbá - grupo étnico da Nigéria, Togo e República do Benin, com origem em Ilé Ifé, na Nigéria, onde, atualmente, é constituído por aproximadamente vinte e cinco milhões de habitantes. Denominação do idioma falado pelo grupo. No Brasil são chamados nagôs.

RELATORES ORAIS

A pesquisa de campo na Nigéria, realizada no período de 1985 a 1990, contou com a colaboração de babalaôs, babalorixás e ialorixás nigerianos, guardiões do conhecimento transmitido oralmente, de geração a geração.

BABALAÔS

Abẹşẹ Ijeun. 68 anos.
Oke-Ijeun. Abẹokuta, Ogun State.

Awodele Akanbi Şolankẹ. 26 anos.
Amọlaşọ. Kutọ. Abẹokuta, Ogun State.

Oluşẹgun Liwoye Faghemi. 58 anos.
Igbore. Abẹokuta, Ogun State.

BABALORIXÁS

Apesin Olobaluwaye. 63 anos.
Agbole- Aşaju. Ago-Iwo. Abẹokuta, Ogun State.

Ogundele Adeleşẹ. 80 anos.
Agbole Oluwo. Ijemo. Abẹokuta, Ogun State.

Oşotọla Adeniyi. 30 anos.
Ijebu-Ode.

Şangotoſa Olatunji. 62 anos.
Oyo. Oyo State.

IALORIXÁS

Erinade Oluwo Ijeſa. 71 anos.
Ago Ijeſha. Abeokuta.

Fauſa Erinade. 37 anos.
Ago-Ijeſha. Abeokuta.

Kuburatu Popoſa Erinogo. 48 anos.
Odo-Oyo. Abeokuta.

Obitoſa Alake Olobaluwaye. 63 anos.
Agbole-Aſaju-Ago-Iwo. Abeokuta.

Oſunfunke Omiloſa. 49 anos.
Oſogbo.

Oyatunbi Ogundele. 43 anos.
Ile-Ife.

Wulemotu Alake Erinogo Salami. 64 anos.
Ago-Ijeſha. Abeokuta.

BIBLIOGRAFIA SELECIONADA E SUGESTÖES PARA LEITURA

ABIMBOLA, W. - *Ijiniſe Ohun Enu Ifa-Apa Keji*.
Nigeria, Oxford University Press, 1969.

ABIMBOLA, W. - *Ifa, an Exposition of Literary
Corpus*. Ibadan, Oxford University Press, 1976.

ABRAHAM, R.C. - *A Dictionary of Modern Yoruba*.
London, London University Press, 1958.

ADEGBOLA, E.A.A. - *Traditional Religion in West
Africa*. Ibadan, Daystar Press, 1983.

ADEMAKINWA, J.A. - *Ife Cradle of the Yoruba: a
handbook on the history of the origin of Yoruba*.
Lagos, Pacific Printing, 1958.

A Dictionary of the Yoruba Language. Ibadan,
University Press Ltd., 1950.

AJUWON, B. - *Funeral Dirges of Yoruba Hunters*.
N.Y., Nok Pub. International, 1982.

ATANDA, J.A. - *An Introduction of Yoruba History*.
Ibadan, Ibadan University Press, 1980.

AWOLALU, J.O. & DQPAMU, P.A. - *West African
Traditional Religion*. Nigeria, Onibonoje Press &
Book Industries Ltd., 1979.

AWOLALU, J.O. - *Yoruba Beliefs and Sacrificial Rites*.
Lo, Longman, 1979.

- BÄ, A. HAMPATE - "A tradição viva". Em *História Geral da África*. São Paulo, Atica; /Paris/, UNESCO, 1982.
- BEYIORU, A.F. - *Ifá, its worship and prayers*. Lagos, Salako Press, 1971.
- BEYIORU, A.F. - *Ifá: Basic Principles of Ifá Science*. Lagos, Tika-Tore Press, 1940.
- BOOTH, N.S. - *African Religions: A Symposium*. U.S.A., N.S. Booth Jr. - Nok Pub. Ltd., 1977.
- CHESI, G. - *Susanne Wenger - Ein Leben Mit den Gottern*. Áustria, Perlinger, 1984.
- COURLANDER, H. - *Tales of Yoruba Gods and Heroes*. Crown, 1973.
- EPEGA, D.O. - *The Basis of Yoruba Religion*. Lagos, Ijamido Printer, 1971.
- FADIPE, N. A. - *The Sociology of the Yoruba*. Ibadan, Ibadan University Press, 1970.
- GLEASON, J. - *Oya, in Praise of the Goddess*. Boston/Masachusetts, Shamballa Pub. Inc., 1987.
- História Geral da África*. São Paulo, Atica; /Paris/, UNESCO, 1982.
- HOUART, J. - *Anthropologie et Epistemologie (Recherches pour une théorie et une méthodologie applicables aux études socio-anthropologique lui-même)*. Universidade de Coimbra. Instituto de Antropologia. Centro de Estudos Africanos, 1985.

- IDOWU, E.B. - *Olódùmare - God in Yoruba Belief*. Lo, Longmans of London, 1962.
- JOHNSON, S. - *The History of the Yoruba from the Earliest Times to Beginning of the British Protectorate*. Routledge, 1921.
- LADELE, T.A.A. et alli - *Akojopo Iwadi Ijinle Asa Yoruba*. Lagos, Macmillan Nigeria Pub. Ltd., 1986.
- LUCAS, J.O. - *The Religion of the Yorubas*. Lagos, C.M.S. Bookshop, 1948.
- ODUYOYE - *The Vocabulary of Yoruba Religions Discourse*. Ibadan, Daystar press, 1971.
- QLANIYAN, R. - *Nigerian History and Culture*. Lo, Longman Group Ltd., 1985.
- QLATUNJI, O. O. - *Feature of Yoruba Oral Poetry*. Ibadan, University Press Ltd., 1984.
- OLUSANYA, G.O. - *Studies in Yoruba History and Culture*. Lagos, University Press Ltd., 1983.
- PARRINDER, E.G. - *African Mythology*. Lo, Paul Hamlyn Pub., 1967.
- PARRINDER, E.G. - *The History of Ketu*. Ibadan, Ibadan University press, 1956.
- VANSINA, J. - "A tradição oral e sua metodologia". Em *História Geral da África*. São Paulo, Atica; /Paris/, UNESCO, 1982.

VERGER, P. - *Dieux d'Afrique: culte des orishas et vodouns à l'ancienne Côte des Esclaves en Afrique et à Bahia, la Baie de tous les Saints*. P. Hartmann Ed., 1954.

VERGER, P. - *Notes sur le Culte des Orisa et Vodun à Bahia, la Baie de tous les Saints, au Brésil et à l'ancienne Côte des Esclaves en Afrique*. IFAN/Dakar, Mémoires de l'Institut Français d'Afrique Noire, 1957.